

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LUCIANA MORALES DA SILVEIRA**

**MONOTONGAÇÃO EM USO NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL**

**PORTO ALEGRE**

**2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
Estudos da Linguagem  
Teoria e Análise Linguística  
Linha de Pesquisa: Morfologia e Fonologia

**MONOTONGAÇÃO EM USO NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL**

LUCIANA MORALES DA SILVEIRA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt

Tese de Doutorado em Fonologia e Morfologia,  
apresentada como requisito parcial para a obtenção do  
título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, agosto de 2019.

### CIP - Catalogação na Publicação

da Silveira, Luciana Morales  
Monotongação em uso no Português do Sul do Brasil /  
Luciana Morales da Silveira. -- 2019.  
146 f.  
Orientador: Luiz Carlos da Silva Schwindt.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Monotongação. 2. Teoria da Variação . 3. VARSUL.  
I. Schwindt, Luiz Carlos da Silva, orient. II.  
Título.

**LUCIANA MORALES DA SILVEIRA**  
**MONOTONGAÇÃO EM USO NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL**

Esta tese foi analisada e julgada adequada para a obtenção do título de doutora em Teoria e Análise Linguística e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Doutor Luiz Carlos da Silva Schwindt

Aprovada em: 16/08/2019

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto – UFRGS

Profa. Dra. Camila de Bona – IFSUL

Profa. Dra. Marisa Porto do Amaral – FURG

## AGRADECIMENTOS

Queria ter o poder de transformar minha tese em milhares de pedacinhos que virariam estrelinhas. Eu as daria a cada um que iluminou meu caminho ao longo desta jornada. Uma tese não se escreve apenas a duas mãos.

Agradeço à minha família: à minha mãe, por ter perdido tanto de mim para as discussões linguísticas, mas ter continuado a me amar mesmo assim, mostrando o quanto se orgulha de mim. Aos meus irmãos, que seguraram minha mão em todos os momentos, sem me deixar desistir todas as vezes em que o vento soprou forte. Vocês são a razão de eu me esforçar tanto para ser uma pessoa melhor. E a meu pai (*in memoriam*), que está sempre comigo. É por ti, é para ti. Sempre. E ao Luiz Eduardo Amaro, meu companheiro de vida, pela paciência nos meus momentos de mudança de humor, pela partilha de conhecimento, pelas discussões sociológicas acerca das minhas questões linguísticas, pelas formatações e correções de textos.

Ao meu orientador, Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt, por ter acreditado que, de pedras, podem sair Davis. Obrigada pelos exemplos de retidão, de superação, de organização e de disciplina. Tu me ensinaste que a vida não espera para que realizemos nossas metas: o presente é estar vivo, e isso subentende enfrentar os desafios. Meu professor, meu conselheiro, minha inspiração e meu amigo.

A todos os professores que passaram pela minha caminhada na UFRGS. Obrigada pelas discussões linguísticas, pelos desafios propostos, pelo encantamento que despertaram em mim por tudo o que diz respeito à língua.

Ao programa VARSUL (Banco de Dados de Variação Linguística do Sul do País) pela concessão do material necessária à realização desta pesquisa.

Às bancas de qualificação e de defesa final da tese, primeiro, pela prontidão e carinho com que aceitaram compor minhas bancas, e em seguida, pelas discussões aprofundadas, pelo olhar crítico e pelas sugestões feitas ao trabalho.

À direção do Colégio Dom Feliciano, representada nas pessoas da irmã Jane Segaspini e da irmã Pierina Bernardi, pela flexibilização e organização dos meus horários para que eu pudesse estar na UFRGS nos momentos necessários, pelo carinho das conversas no “*sofazinho*”, quando precisei de colo, pelo incentivo à excelência, que nos fazer querer buscar sempre o melhor para nós e para nossos alunos, através do estudo, da

pesquisa e da manutenção de valores escassos no mundo de hoje. E também aos meus alunos do Colégio Dom Feliciano, por terem sido meus anjos da guarda durante todo o período de construção desta pesquisa. Obrigada pelas palavras de carinho, de incentivo, pelas cartinhas, pelos bolinhos, pela preocupação. Vocês sempre me ensinam muito mais do que eu a vocês.

Aos colegas e amigos que fiz na UFRGS, desde o tempo do mestrado até agora, que sempre foram muito generosos na partilha de materiais, de conhecimento e de experiências, tanto linguísticas quanto de vida. Obrigada pela paciência com os meus infinitos “não saberes”, pela humildade com que me mostraram o quanto sabiam e o quanto eu poderia progredir. Em especial, ao grupo das amigas “Orientandas do Luiz”: À Raquel Chaves, por ter me ensinado o que é ser linguista, por ter sido meu Norte (o Sul, o Leste e o Oeste também!), minha amiga e minha coorientadora (não formalizada apenas por questões burocráticas). À Camila Ulrich, por me dedicar tempo e carinho sem esperar nada em troca. Tua paciência, tua sabedoria, tua disponibilidade, tua humildade, teus valores são inspiração para mim. À Camila de Bona, que me ensinou que podemos estudar coisas difíceis de um jeito doce, sorridente e, ao mesmo tempo, competente. Tua didática, teu jeito carinhoso e claro de explicar as coisas, teu profissionalismo e teu jeito amigo de ser me encantam. Obrigada também ao pessoal do Círculo Linguístico, pelas discussões sempre ricas e provocativas.

Aos meus amigos e amigas, que perderam tanto da minha companhia nos últimos tempos, mas nem um pouquinho de minha amizade. Um agradecimento especial à minha amiga Liana Nicodem Lopes, pela ajuda valiosa nos momentos de transcrição e de codificação dos dados, ao meu amigo Luciano Ferreira da Silva, que, em meio ao seu passeio de férias, me ajudou a tornar a minha tese a minha rosa, e à minha amiga Ana Marta Ramos de Jesus por todo o suporte em momentos em que o planejamento de aulas, de trabalhos e de provas parecia que me sufocaria em tempos de escrita de tese.

Às cuidadoras da minha mãe, Maria de Lourdes Oliveira e Rosmeire Sifuentes, pelo zelo com que cuidaram dela durante todo o meu período de ausência. Um carinho especial à Maria, que também foi minha segunda mãe em momentos bem difíceis desta caminhada. Jamais esquecerei.

E a Deus, que está comigo até quando eu me ausento.

## RESUMO

Nesta tese, apresentamos um estudo acerca do processo de monotongação dos ditongos decrescentes /ej/, /oj/ e /ow/ entre falantes de algumas localidades que compõem o banco de dados Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL). A escolha das cidades em análise leva em conta a alta ou a baixa incidência do fenômeno de preservação das vogais médias átonas /e/ e /o/, fundamentada por uma hipótese de correlação entre este processo e a monotongação, nosso objeto de análise. Considerando a literatura sobre o tema, escolhemos analisar, entre as cidades que elevam essas vogais, Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Pato Branco (PR), e entre as que preservam, Flores da Cunha (RS), Chapecó (SC) e Curitiba (PR). Nosso objetivo central foi o de analisar, a partir dos pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2010), as variáveis linguísticas e extralinguísticas envolvidas no processo da monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ em comparação a estudos já realizados no sul do Brasil. Os resultados de nossa análise indicam que os três ditongos estudados apresentam comportamento distinto. A monotongação de /ej/ é determinada, basicamente, por fatores linguísticos, tais como localização morfológica do ditongo na palavra, extensão do vocábulo e contexto fonológico seguinte ao ditongo, apresentando características de fenômeno tipicamente variável. No que diz respeito ao ditongo /oj/, por outro lado, o fenômeno de monotongação é empregado quase categoricamente, evidenciando motivação predominantemente lexical. A monotongação de /ow/, por sua vez, apesar de também se caracterizar como um processo quase categórico, evidencia, além de motivação lexical, influência de variáveis linguísticas, como acento e localização morfológica do ditongo na palavra, à semelhança, neste último quesito, do que ocorre com /ej/.

**Palavras-Chave:** Preservação/ Monotongação de /ej/; /oj/; /ow/; VARISUL; Ditongo.

## ABSTRACT

In this thesis, we present a study on the process of monothongation of the decreasing diphthongs /ej/, /oj/ and /ow/ among speakers of some locations which take part of the database named Linguistics Variation in the South Region of Brazil (VARSUL). The choice of the cities for the analysis takes into consideration the high or the low incidence of the phenomenon of preservation of the unstressed midvowels /e/ e /o/, reasoned by a hypothesis of correlation between this process and the monothongation, which is our objective of analysis. Considering the literature about the object, we have chosen to analyze, among the city which elevate such vowels, Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Pato Branco (PR), and among those which preserve them, Flores da Cunha (RS), Chapecó (SC) e Curitiba (PR). Our central goal was to analyze, from the methodological theoretical assumptions of the Changing and Variation Theory (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2010), the linguistics and extra-linguistics variables involved in the process of monothongation of the diphthongs /ej/, /oj/ e /ow/ in comparison to studies already done in the South of Brazil. The results of our analysis indicate that the three studied diphthongs present distinct behavior. The monothongation of /ej/ is basically determined, due to linguistic factors, such as morphological localization of the diphthong in the word, extension of the word and the phonological context subsequent to the diphthong, presenting characteristics of a phenomenon typically variable. Concerning to the diphthong /oj/, on the other hand, the phenomenon of monothongation is used almost categorically, highlighting a motivation predominantly lexical. The monothongation of /ow/, in turn, despite of also characterizing itself as a process almost categorical, highlights, besides lexical motivation, influence of linguistic variables, such as accent mark and morphological localization of the diphthong in the word, similarly, in this last aspect, to what occurs with /ej/.

**Keywords:** Preservation/ Monothongation of /ej/; /oj/; /ow/; VARSUL; Diphthong.



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Cruzamento de /ej/ entre localização do ditongo na palavra e classe de palavras.....	74
<b>Gráfico 2</b> - Cruzamento de /ej/ entre classe de palavras e tonicidade.....	75
<b>Gráfico 3</b> - Cruzamento de /ej/ entre classe de palavras e localidade morfológica.....	77
<b>Gráfico 4</b> - Cruzamento de /ej/ entre localidade morfológica e contexto fonológico seguinte .....	78
<b>Gráfico 5</b> - Cruzamento de /ej/ entre extensão do vocábulo e localidade morfológica. ....	79
<b>Gráfico 6</b> - Cruzamento de /oj/ entre localidade e contexto fonológico seguinte.....	90
<b>Gráfico 7</b> - Cruzamento de /oj/ entre localidade e item lexical .....	91
<b>Gráfico 8</b> - Cruzamento de /oj/ entre classe de palavras e tonicidade .....	93
<b>Gráfico 9</b> - Cruzamento de /oj/ entre classe de palavras e contexto seguinte por modo de articulação.....	94
<b>Gráfico 10</b> - Cruzamento de /oj/ entre classe de palavras e contexto fonológico seguinte por ponto de articulação.....	95
<b>Gráfico 11</b> - Cruzamento de /ow/ entre localização morfológica e tonicidade .....	105
<b>Gráfico 12</b> - Cruzamento de /ow/ entre classe de palavras e localização do ditongo na palavra.....	106
<b>Gráfico 13</b> - Cruzamento de /ow/ entre localização morfológica e modo de articulação.....	108
<b>Gráfico 14</b> - Cruzamento de /ow/ entre localização morfológica e ponto de articulação.....	108
<b>Gráfico 15</b> - Comportamento dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ no que tange aos índices de aplicação geral da regra de monotongação.....	112
<b>Gráfico 16</b> - Monotongação de /ej/, /oj/ e /ow/ na região sul do país.....	116

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Ditongo /ej/: monotongação <i>versus</i> preservação.....	67
<b>Tabela 2</b> - Relação da variável <i>Classe de Palavras</i> e monotongação de /ej/ .....	69
<b>Tabela 3</b> – Relação da variável <i>Localização Morfológica</i> do ditongo na palavra e monotongação de /ej/.....	69
<b>Tabela 4</b> – Relação da variável <i>Extensão do Vocabulo</i> e monotongação de /ej/ .....	70
<b>Tabela 5</b> – Relação da variável <i>Modo de Articulação</i> e monotongação de /ej/.....	71
<b>Tabela 6</b> – Relação da variável <i>Ponto de Articulação</i> e monotongação de /ej/.....	72
<b>Tabela 7</b> – Relação da variável <i>Localidade</i> e monotongação de /ej/.....	73
<b>Tabela 8</b> - Valores totais e percentuais de aplicação da monotongação <i>versus</i> de Preservação do ditongo /oj/.....	80
<b>Tabela 9</b> – Relação da <i>Localidade</i> e a monotongação de /oj/.....	82
<b>Tabela 10</b> – Relação do <i>Item Lexical</i> e a monotongação de /oj/ .....	83
<b>Tabela 11</b> - Relação da variável <i>Tonicidade</i> monotongação de /oj/.....	85
<b>Tabela 12</b> – Relação da variável <i>Classe de Palavras</i> e a monotongação de /oj/.....	85
<b>Tabela 13</b> - Relação da variável <i>Número de Sílabas</i> e monotongação de /oj/.....	86
<b>Tabela 14</b> – Relação da variável <i>Localização do ditongo na palavra</i> e a monotongação de /oj/.87	
<b>Tabela 15</b> – Relação da variável <i>Modo de Articulação</i> e a monotongação de /oj/ .....	87
<b>Tabela 16</b> – Relação da variável <i>Ponto de Articulação</i> e a monotongação de /oj/ .....	88
<b>Tabela 17</b> – Ditongo /ow/: monotongação <i>versus</i> preservação .....	96
<b>Tabela 18</b> – Relação da variável <i>Tonicidade</i> com ditongo /ow/ e a monotongação de /ow/.....	97
<b>Tabela 19</b> – Relação da variável <i>Classe de palavras</i> e monotongação de /ow/.....	98
<b>Tabela 20</b> – Relação da variável <i>Posição do ditongo na palavra</i> e a monotongação de /ow/.....	99
<b>Tabela 21</b> – Relação da variável <i>Modo de articulação</i> e monotongação de /ow/.....	100
<b>Tabela 22</b> – <i>Ponto de articulação</i> e monotongação de /ow/.....	100
<b>Tabela 23</b> – <i>Escolaridade</i> e a monotongação de /ow/.....	101
<b>Tabela 24</b> – <i>Localidade</i> e a monotongação de /ow/.....	102
<b>Tabela 25</b> – <i>Localização morfológica</i> e a monotongação de /ow/ .....	103
<b>Tabela 26</b> – <i>Extensão do vocabulo</i> e a monotongação de /ow/.....	103
<b>Tabela 27</b> – <i>Sexo</i> e a monotongação de /ow/.....	104

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Conclusões acerca do Fenômeno da Monotongação em Estudos na Região Sul do País .....	36
<b>Quadro 2</b> - Estratificação da Amostra.....	55
<b>Quadro 3</b> - Variáveis Dependentes /ej/, /oj/ e /ow/: análise dos ditongos .....	57

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1 QUESTÕES NORTEADORAS E HIPÓTESES .....	16
1.2 OBJETIVOS .....	17
1.3 JUSTIFICATIVA.....	18
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	21
2.1 PRESSUPOSTOS DO MODELO DA TEORIA DA VARIAÇÃO .....	21
2.2 AS VOGAIS MÉDIAS .....	26
2.3 DITONGOS DECRESCENTES ORAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: contexto histórico e breve descrição fonológica.....	34
2.3.1 O Contexto Histórico .....	34
2.3.2 OS DITONGOS DECRESCENTES: ANÁLISES SINCRÔNICAS.....	38
2.4 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE A MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	43
2.4.1. Estudos sobre Monotongação na Região Sul do País.....	46
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	53
3.1 A METODOLOGIA DOS ESTUDOS DE REGRA VARIÁVEL .....	53
3.2 O BANCO DE DADOS VARSUL .....	53
3.3 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA .....	54
3.4 TRANSCRIÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS .....	56
3.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO E TECNOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS .....	56
3.6 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	56
3.6.1 Variável Dependente.....	57
3.6.2 Variáveis Independentes Linguísticas e Extralinguísticas .....	57
3.6.2.1 Variáveis Independentes Linguísticas.....	57
3.6.2.1.1 Contexto Seguinte .....	58
3.6.2.1.2 Tonicidade da Sílabas em Que se Encontra O Ditongo .....	59
3.6.2.1.3 Classe de Palavras .....	60
3.6.2.1.4 Localização Morfológica.....	62
3.6.2.1.5 Extensão do Vocábulo.....	62
3.6.2.1.6 Localização do Ditongo na Palavra.....	63
3.6.2.1.7 Item Lexical .....	64

3.6.2.2 Variáveis Independentes Extralinguísticas.....	64
3.6.2.2.1 Sexo.....	64
3.6.2.2.2 Escolaridade.....	65
3.6.2.2.3 Localidade.....	65
3.6.2.2.4 Informante.....	66
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>67</b>
4.1 Monotongação do ditongo /ej/.....	67
4.1.1 Variáveis Significativas para Monotongação de /ej/.....	68
4.1.2 Cruzamento de Dados sobre o Ditongo /ej/.....	74
4.2 Monotongação do ditongo /oj/.....	80
4.2.1 Variáveis Significativas para a Monotongação de /oj/.....	82
4.2.2 Variáveis não Significativas para a Monotongação de /oj/.....	84
4.2.3 Cruzamentos de Dados sobre o Ditongo /oj/.....	89
4.3 Monotongação de /ow/.....	96
4.3.1 Variáveis Significativas para Monotongação De /ow/.....	97
4.3.2 Cruzamentos de Dados sobre o Ditongo/ow/.....	104
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>124</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No português do Brasil (PB), os ditongos orais decrescentes podem sofrer a aplicação de uma regra variável de apagamento do glide palatal [j] ou velar [w], como podemos observar no caso de *peixe* ~ *pexe*, ou no caso de *ouro* ~ *oro*. Qualquer análise mais atenta daqueles que estão em contato com o português falado permite perceber a pronúncia variável dos ditongos orais, em especial, dos ditongos orais decrescentes. Em outras palavras, verifica-se, no PB, alternância entre o uso da forma ditongada, preservação da pronúncia do ditongo, como em *beijo/pouco*, e da monotongação, supressão da semivogal, como em *bejo/poco*.

Este é um fenômeno bastante investigado, fato atestado por diversos estudos em muitas comunidades do país. Em relação à região sul do Brasil, Bisol (1989, 1994), Cabreira (1996), Costa (2003), Amaral (2005), Brescancini (2009), Cristofolini (2010), Toledo (2011) e Haupt (2011), entre outros, realizaram pesquisas acerca do fenômeno variável de monotongação, utilizando-se do banco de dados VARSUL e chegaram a conclusões importantes, contribuindo para o avanço do entendimento acerca da regra variável de redução dos ditongos orais decrescentes nesta região.

Entre essas conclusões, os fatores apontados como mais significativos à monotongação de [ej] são: contextos fonológicos seguintes tepe (*beira*) e fricativa palato-alveolar (*deixa*); classe morfológica “não verbos” (*feira*); palavras mais frequentes (*peixe*) e sílaba fechada (*seis*). Em relação ao ditongo [ow], constatam que praticamente todos os contextos linguísticos favorecem a monotongação, visto que o índice de aplicação do fenômeno é muito frequente (mudança praticamente implementada). Por fim, em relação ao ditongo [oj], as variáveis apontadas como relevantes são: contexto fonológico seguinte tepe (*loiro*) e palato-alveolar (*depois*); sílaba fechada (*dois*) e palavras mais frequentes (*dois*).

Em nosso estudo, conduzido sob a perspectiva da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994) e realizado a partir de entrevistas do Projeto Variação Linguística do Sul do Brasil (VARSUL), analisamos em que medida os fatores linguísticos e extralinguísticos que estão envolvidos no apagamento do glide nos ditongos [ej], [oj] e /ow/ neste estudo são semelhantes ou diferentes aos apontados como significativos nas pesquisas revisadas. Neste ínterim, tentaremos esclarecer algumas divergências de interpretações que ocorrem entre os trabalhos já publicados.

As cidades analisadas serão aquelas, componentes do banco VARSUL, em que se verifica, conforme a literatura, maior ou menor índice de preservação das vogais médias /e/ e /o/ em contextos pretônicos, como em *p/e/pino* ~ *p/i/pino*, *b/o/neca* ~ *b/u/neca*; posição postônica final, como em *mol/e/* ~ *mol/i/*, *bol/o/* ~ *bol/u/*; e em postônicos não finais, como *núm/e/ro* ~ *núm/i/ro*, *ép/o/ca* ~ *ép/u/ca*. Levaremos em conta, portanto, uma cidade relativamente preservadora da vogal média e uma relativamente não preservadora de cada estado do sul do país. Entre as cidades que elevam as vogais médias, analisaremos Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Pato Branco (PR), e entre as que preservam, analisaremos as cidades de Flores da Cunha (RS), Chapecó (SC) e Curitiba (PR). A escolha dessas cidades se deu pelo fato de, talvez, haver alguma possibilidade de correlação entre o fenômeno de preservação da vogal média (*leit/e/*, *bol/o/*) e a monotongação do ditongo (*t/o/ro* ~ *t/ow/ro*; *b/e/jar* ~ *b/ej/jar*) na fala dos informantes analisados, ou seja, se há a possibilidade de que um informante que fale *bol/o/* ao invés de *bol/u/* tenda a dizer *tr/o/xa* e não *tr/ow/xa*.

Nessa pesquisa objetivamos analisar, nos âmbitos teórico, descritivo e analítico, entre outras questões:

- 1 O que é monotongação;
- 2 Se o fato de os ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ estarem presentes em um morfema verbal predispõe à monotongação ou à preservação do ditongo; se sim, quais ditongos sofrem maior influência e quais sofrem menor influência;
- 3 Que fatores linguísticos e extralinguísticos estão envolvidos no fenômeno da monotongação nas localidades escolhidas para a análise.
- 4 O que há de semelhante, o que há de divergente e que problemas de interpretação existem entre as análises já realizadas acerca destes ditongos na literatura revisada;
- 5 Se a frequência do item lexical exerce influência na escolha dos falantes por monotongar ou não os ditongos /ej/, /oj/, /ow/;
- 6 Se o fato de os falantes serem usuários de dialetos que preservam as vogais médias /e/ e /o/ nos vários contextos (pretônico, postônico não-final e postônico final) influencia na monotongação de /ej/, /oj/, /ow/; se sim, que ditongos sofrem maior influência do fenômeno variável de preservação das vogais médias: /ej/, /oj/, /ow/.

## 1.1 QUESTÕES NORTEADORAS E HIPÓTESES

Apresentamos as seguintes questões norteadoras deste trabalho, acompanhadas de suas respectivas hipóteses, que sustentarão os nossos objetivos com esta pesquisa.

1. A monotongação é determinada por fatores linguísticos, por fatores sociais ou por ambos?

Segundo alguns estudos já realizados, o fenômeno da monotongação de /ej/ é determinado, basicamente, por fatores linguísticos, como localização morfológica do ditongo na palavra, a extensão do vocábulo em que o ditongo se encontra e o contexto fonológico seguinte ao ditongo. O fenômeno da monotongação de /ow/, por outro lado, é determinado por item lexical, além de variáveis linguísticas como acento e localização morfológica do ditongo na palavra, à semelhança do que ocorre com /ej/. Por outro lado, a monotongação de /oj/ é um fenômeno puramente lexical.

As principais divergências que observamos em estudos já realizados acerca do fenômeno da monotongação se devem ao fato de, em muitos casos, esses diferentes ditongos terem sido analisados conjuntamente, sob a premissa de que a monotongação se configura como um mesmo grande fenômeno linguístico que os atinge. Fatores extralinguísticos como *sexo* e *escolaridade* exercem muito pouca influência sobre o fenômeno da monotongação, de forma geral.

2. O uso variável dos ditongos decrescentes orais /ej/, /oj/, /ow/ tem alguma relação com a variável localidade no que tange a cidades preservadoras (Flores da Cunha/RS, Chapecó/SC, Curitiba/PR) e a cidades não preservadoras (Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC, Pato Branco/PR) da vogal média?

Entre as variáveis extralinguísticas, a que, em nossa análise, acreditamos que exercerá influência, será localidade. A hipótese que exploramos é a de que informantes de cidades preservadoras da vogal média (Flores da Cunha/RS, Chapecó/SC, Curitiba/PR) monotonguem mais os ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ do que informantes de cidades não preservadoras da vogal média (Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC, Pato Branco/PR). Esse comportamento poderia ser atribuído a uma possível convergência geral na fala dos usuários dessas variedades em favor da realização de vogais médias, reduzindo, assim, o ditongo /ej/ para [e] e os ditongos /oj/ e /ow/ para [o].

3. Há alguma influência do contexto morfológico sobre a realização variável dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/?



Sufixos que carregam alguma informação morfológica não se sujeitam à monotongação no caso de /ej/ e /oj/ (entrei → \*entre; foi → \*fo), mas monotongam em /ow/ (comprou → compro).

O índice reduzido de monotongação em /ej/ e /oj/ deve-se ao fato de a regra olhar para fronteira de morfemas, nesses dois casos. Já o alto índice de monotongação em /ow/, inclusive em sufixos que guardam informações morfológicas, deve-se ao fato de o fenômeno da monotongação, neste ditongo, caracterizar mudança praticamente implementada no sistema do PB.

## 1.2 OBJETIVOS

O objetivo desta pesquisa, de modo geral, é o de analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas envolvidas no processo da monotongação dos ditongos /ej/, /oj/, /ow/ em comparação a estudos já realizados sobre o fenômeno no sul do Brasil. Essa análise inclui

1. realizar uma revisão teórica satisfatória acerca do fenômeno de *monotongação* com o intuito de embasar nossas análises e discussões;
2. identificar as variáveis linguísticas influenciadoras do fenômeno de monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ nas cidades da amostra desta pesquisa, verificando possíveis correlações entre as variáveis linguísticas que condicionam a aplicação do fenômeno;
3. determinar, através de análises dos dados coletados, de que forma o uso variável dos ditongos decrescentes orais /ej/, /oj/, /ow/ se relaciona com a variável localidade no que tange a cidades preservadoras (Flores da Cunha, RS; Chapecó, SC; Curitiba, PR) e a cidades não preservadoras (Porto Alegre, RS; Florianópolis, SC; Pato Branco, PR) da vogal média.
4. analisar se outras variáveis extralinguísticas, além de localidade, exercem influência sobre o fenômeno;
5. comparar resultados já apontados para os ditongos estudados neste trabalho, observando convergências e divergências, buscando a melhor interpretação para o fenômeno.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Conforme mencionado, muitos autores já estudaram o fenômeno da monotongação sob a perspectiva de várias teorias linguísticas; contudo, há ainda lacunas e interpretações divergentes que merecem ser exploradas acerca deste fenômeno nas cidades do sul do Brasil, pois é possível encontrarmos diferenças significativas entre os resultados alcançados.

É consenso entre autores como Cabreira (1996), Amaral (2005), Toledo (2011), Haupt (2011), entre outros, que o ditongo /ej/ seguido de tepe exerce influência sobre o fenômeno da monotongação. Também é consenso para a grande maioria dos autores que a mudança está praticamente implementada com relação ao ditongo /ow/. Todavia, há divergências com relação a questões linguísticas importantes.

Com relação ao fator tonicidade, Meneghini (1983) e Amaral (2005), por exemplo, verificam que o fato de o ditongo aparecer em sílaba átona influencia a monotongação de /ej/. Para Paiva (1996) e para Cabreira (1996), este fator não se mostrou relevante para a regra. Já Araújo (1999) constata que é a sílaba tônica que influencia a preferência pela monotongação deste ditongo. Constatamos, então, que este é um fator que merece maior investigação a fim de verificarmos o que motivou a obtenção de resultados tão diferentes para esses autores, porque pode haver outros fatores linguísticos envolvidos nesses resultados que ficaram obscurecidos pelas análises.

Outra divergência que podemos constatar nos estudos é com relação a condicionamento morfológico. Para Paiva (1996), por exemplo, é o fato de o ditongo encontrar-se no sufixo que favorece a regra da monotongação. Entretanto, para Cabreira (1996), é o fato de o ditongo aparecer no radical que influencia. Amaral (2005) constata que, para o ditongo /ej/, em posição final, a frequência de monotongação é de apenas 6%, apresentando-se, o ditongo, como praticamente categórico em final de palavra, como em *sei*, *morei*, *trabalhei*. Entretanto, a autora sugere que pode acontecer a monotongação quando este ditongo aparece na base ou no radical, como em *deixa*, *queira* ou *treinamento*. É interessante, portanto, que investiguemos com mais atenção questões morfológicas envolvidas no processo de monotongação. Por exemplo, que tipo de influência pode (ou não) haver na monotongação de ditongos que aparecem em sufixos derivacionais, como -eiro na palavra *pedreiro*, ou -ouro, na palavra *matadouro*; ou em

sufixos flexionais, como em *-ei*, na palavra *entreguei*, e *-ou*, na palavra *falou*, ou ainda em bases que apresentem esses ditongos, como nas palavras *deixamos* ou *trouxe*.

Com relação à localização geográfica, também há resultados interessantes. Amaral (2005) constata que este fator não influencia na aplicação da regra em seu estudo, já Cabreira (1996), em sua pesquisa, constata que, para o ditongo /ej/ seguido de *flap*, Curitiba monotonga mais, enquanto Porto Alegre e Florianópolis monotongam menos. Já para os ditongos /ej/ e /aj/ seguidos por palato-alveolar, Florianópolis é a localidade que mais monotonga. Essa constatação pode motivar um olhar mais atento para o fato de, talvez, cidades preservadoras das vogais médias, como Curitiba (Vieira, 2002), por exemplo, monotongarem mais do que cidades não preservadoras, como Porto Alegre (Schwindt, 1995 e Vieira, 2002), visto ser o ditongo /ej/ (que apresenta vogal média) o que mais monotongou em Curitiba. Florianópolis é uma localidade que preserva menos a vogal média do que Curitiba, entretanto, preserva mais do que Porto Alegre (Schwindt, 1995 e Vieira, 2002), o que talvez justifique a maior monotongação de /ej/ em contexto seguido por palato-alveolar. Talvez, informantes residentes de regiões preservadoras e não preservadoras de vogais médias possam apresentar peculiaridades na fala, correlacionadas à monotongação, que valham a pena ser investigadas.

A pesquisa aqui proposta tem, portanto, o intuito de contribuir com as análises já realizadas até o presente momento acerca do fenômeno da monotongação na região sul do país, utilizando-se do banco de dados VARSUL. Esperamos, além disso, auxiliar na ampliação e aprofundamento de nosso conhecimento acerca dos fatores envolvidos na supressão ou na manutenção das semivogais /w/ e /j/ em ditongos que apresentem as vogais médias /e/ e /o/.

A presente tese se organiza, portanto, da seguinte forma: no capítulo 2, apresentamos nossa revisão bibliográfica sobre os pressupostos metodológicos do modelo da Teoria da Variação e Mudança, sobre as vogais médias e estudos variacionistas sobre o fenômeno em todas as regiões do país. Abordamos, em seguida, a evolução dos ditongos orais no português brasileiro, com uma breve contextualização histórica, a descrição fonológica e análises sincrônicas acerca do ditongo decrescente. Apresentamos, também, estudos variacionistas sobre o fenômeno da monotongação no Brasil e na região sul do país. Terminamos este capítulo com uma breve comparação entre os estudos resenhados. O capítulo 3 apresenta nossa metodologia de trabalho, e o capítulo 4 traz nossos resultados

e discussões, seguidos das considerações finais. Por fim, apresentamos sugestões para possíveis pesquisas relacionadas ao tema.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Neste capítulo, abordaremos os pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994), visto que nossa análise acerca do fenômeno da monotongação será de cunho variacionista, além do fato de que utilizaremos dados obtidos a partir de entrevistas do banco de dados VARSUL. Na segunda parte desta seção, apresentaremos uma seção breve acerca da elevação das vogais médias /e/ e /o/ com o intuito de explicitar uma de nossas hipóteses - a de uma possível correlação entre o fenômeno de monotongação e a elevação/não elevação dessas vogais. Na terceira parte, discutiremos teoricamente o fenômeno da monotongação dos ditongos decrescentes orais no português brasileiro. Na terceira parte, revisitaremos estudos variacionistas já realizados sobre o fenômeno da monotongação em nosso país e, posteriormente, os estudos sobre a monotongação na região sul com uma breve comparação entre eles ao final.

### **2.1 PRESSUPOSTOS DO MODELO DA TEORIA DA VARIAÇÃO**

Os estudos linguísticos sobre variação avançaram significativamente a partir da contribuição da Sociolinguística Variacionista. A constatação de que as variantes apresentam certa regularidade probabilística ao revelarem padrões sociais e linguísticos de distribuição justificou a preocupação da Sociolinguística em desenvolver uma metodologia de pesquisa que envolvesse observação e distribuição sistemática da heterogeneidade ordenada (Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog [1968] 2006), doravante WLH.

Saussure ([1916] 1981) já demonstrava a preocupação com o fato de que se deve atentar para a definição do objeto e do método de investigação a fim de que qualquer área de investigação atinja qualidade científica. Os autores, com este texto, criticam abordagens linguísticas de estudos e mudanças anteriores (neogramáticos, geografia linguística) por não explicarem certos problemas, como condicionamentos, transição, etc.

Com um olhar crítico sobre a obra de Hermann Paul, representante influente da linguística histórica, os autores discordam da ideia defendida pelo linguista de que a origem da mudança ocorra no interior do idioleto, pois isso significaria afirmar que a mudança ocorre de indivíduo para indivíduo, sem apresentar relação com a ideia mais geral de estrutura.

O isolamento do indivíduo, pensava Paul, tinha a vantagem de vincular a linguística a uma ciência mais geral da psicologia. O preço deste isolamento, contudo, foi a criação de uma oposição irreconciliável entre o indivíduo e a sociedade. Paul então teve de construir uma ponte teórica para passar do objeto da linguística único e individual para uma entidade transindividual. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p.41)

Para os autores, o ponto nevrálgico da obra de Paul recai sobre o fato de que, além de ele simplificar a questão da mudança, também dicotomizava a relação entre indivíduo e sociedade, o que, embora coerente com a crença de homogeneidade da língua, no entendimento deles carecia de evidência empírica.

WLH (2006) alicerçam sua argumentação na ideia de que o fato de os falantes apresentarem diferenças entre si é, na verdade, uma característica inerente à língua. Para eles, essas diferenças não se contrapõem à noção de estrutura. Antes, encontram no aspecto social, e não no individual, sua motivação (p.125). O axioma da homogeneidade idealiza uma língua de estrutura invariável, rejeitando as realizações “acidentais” e os “desvios” da fala. Para WLH (2006), esse axioma deveria dar lugar ao axioma da heterogeneidade ordenada, visto que, então, não ocorreria a rejeição de formas tidas como “inadequadas”, e sim a defesa de que a variação e a mudança ocorrem. Os autores, na verdade, desmistificam o fato de que a variação, presente na fala, inviabilizaria qualquer possibilidade de sistematização.

No início do século XX, no período que sucede à divulgação do trabalho dos neogramáticos, não houve, todavia, muitos avanços no que tange ao tratamento da heterogeneidade ordenada na língua. Os avanços mais significativos deste período deram conta, no máximo, do enfraquecimento da ideia de língua ideal (idioleto) isolada da sociedade. Manteve-se a necessidade de recortes homogêneos que refletissem, em alguma medida, um sistema coeso e abstrato compartilhado na mente dos falantes, ainda que as dicotomias *langue/parole* e *diacronia/ sincronia*, explicitadas no Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2006 [1916]), delimitassem a língua sincrônica como objeto de estudo da linguística.

Para garantir a realidade psicológica do objeto da investigação sincrônica, Saussure exige [...] que tal objeto seja homogêneo. O objeto da linguística sincrônica, argumenta ele, não é tudo o que é simultâneo, mas somente aqueles fatos simultâneos que pertencem a uma mesma língua. A separação de objetos de estudo legítimos, isto é, homogêneos, têm de prosseguir “na medida em que for necessária [...] até os dialetos e os subdialetos” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 55-56)

É neste íterim que Weinreich, Labov e Herzog ([1968]2006) sugeriram a criação de um modelo teórico que desse conta da sistematicidade da variação e mudança, a partir da descrição da variabilidade ordenada da língua, contemplando condicionadores estruturais (linguísticos) e sociais (extralinguísticos).

O modelo de língua proposto aqui tem (1) estratos discretos, coexistentes, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por co-variação com elementos linguísticos e extralinguísticos (WLH ([1968] 2006, p.88;123).

Os autores propõem um modelo empírico que revela o ordenamento estruturado dos processos variáveis, associando estrutura (mente) e contexto (uso). O texto de WLH (1968) lançou pressupostos significativos para a Sociolinguística Variacionista, área na qual a Teoria da Variação se desenvolveu, alicerçada pelos estudos clássicos de Labov, em Martha's Vineyard – *The social motivation of a soundchange*, no ano de 1963 – e Nova York – *The social stratification of English in New York City*, no ano de 1966. (LABOV, 1963 apud Labov, 2006 [1972] p.19 et.seg. / Idem, 1966 apud Ibidem, p.63 et seg.)

Em Martha's Vineyard, Labov pesquisou a relação entre variantes linguísticas e padrões de atitude social dos falantes desta ilha, cuja economia era pautada no turismo e na pesca (atividade já em declínio na época). O autor, ao dividir a comunidade em duas zonas – ilha baixa e ilha alta – notou a correlação entre o desejo ou não de seus habitantes de permanecer na ilha e os índices de centralização do núcleo dos ditongos /aj/ e /aw/. Os resultados de sua pesquisa demonstraram que as pessoas que sonhavam em abandonar a ilha – geralmente moradores da ilha baixa – atraídas pelo modo de vida americano, tendiam à não centralização da vogal; já os habitantes que se identificavam com valores e com a tradição locais – mais especificamente moradores da ilha alta – tendiam à centralização da vogal (marca típica do falar vineyardense).

Em seu estudo de 1966, *The social stratification of English in New York City*, o foco foi o uso de /r/ pós-vocálico em coda silábica entre os moradores da cidade a partir de observações anônimas. Para isso, decidiu recolher dados em três lojas de departamentos nova-iorquinas, estratificando os informantes (todos vendedores destes estabelecimentos) conforme o status socioeconômico de cada uma das lojas, compreendendo status superior (Saks Fifth Avenue), médio (Macy's) e inferior (S. Klein). Os informantes deveriam responder a perguntas que induziam o uso inconsciente das variantes em estudo, como *fourth* (quarto) e *floor* (pisso). Novamente, Labov verificou a correlação entre status socioeconômico e o uso das variantes, alcançando resultados

bastante significativos. Na loja de status superior, houve maior uso do /r/. Na loja de status moderado, o autor obteve médio uso e na de *status* inferior, o uso foi bastante reduzido.

Os resultados dos estudos de Labov solidificam o entendimento de que fenômenos variáveis não apenas são percebidos de forma sincrônica, como também apresentam sistematicidade dentro das comunidades em que são empregados. Essa concepção contrapõe-se à afirmação de que formas alternantes coexistem de forma livre na sociedade, visto que encontram fatores condicionantes sociais ou linguísticos.

Membros de uma comunidade de fala, ao se comunicarem entre si, ao interagirem e ao conviverem utilizam-se de “meios alternativos” para dizer a “mesma coisa” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1969], p. 97). Não há um comportamento coeso em um agrupamento de idioletos; portanto, um dos princípios gerais para o estudo da mudança apontados por WLH dá conta de que

As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente conscientes. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1969], p. 126).

A Sociolinguística Variacionista apropria-se da comunidade de fala como unidade básica, considerando a natureza heterogênea da língua. Abandonando a ideia de homogeneidade da estrutura e a variação orientada por regras, assume um papel central no estudo da mudança, bem como a competência do falante-ouvinte passa a incluir o domínio sobre as estruturas heterogêneas existentes na sua comunidade de fala, definida por Labov (1972) pela participação num conjunto de normas compartilhadas, e não por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos.

As regularidades encontradas na comunidade de fala, então, passam a ser descritas a partir da noção de regra variável. Este é um conceito fundamental para a Teoria da Variação e emerge da observação de que os falantes de uma comunidade específica fazem uso de formas alternativas com o mesmo valor de verdade. A cada uma dessas possibilidades dá-se o nome de variante. Conforme Labov (1963), a produção de uma variante em lugar de outra é condicionada por fatores estruturais (linguísticos) e por fatores extralinguísticos. Labov mostra ser possível medir a influência dos fatores de ordem estrutural intrínsecos à língua, além da interferência de fatores sociais sobre fenômenos de ordem linguística surge como uma inovação a partir do conceito de regra variável.



Desde então, as investigações sociolinguísticas labovianas, para além de constituírem um marco teórico, consolidam-se como metodologia de pesquisa propriamente dita, compreendendo técnicas e procedimentos de coleta de dados e de análise, inclusive, estatística, que deram credibilidade aos estudos na área.

A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas (MOLLICA; BRAGA, 2007).

Apesar de constituir um poderoso meio de se estudar fenômenos variáveis, há limitações no que se refere ao desempenho do linguista ao coletar, codificar e analisar os dados empíricos obtidos, principalmente no que diz respeito à interpretação dos resultados. É na análise dos números, muito mais do que nos números propriamente ditos, que está a possibilidade de a ciência linguística progredir.

Para se proceder, portanto, à coleta de dados em uma pesquisa sociolinguística, é importante salientar que realizar experimentos com a linguagem não é tarefa fácil. Dessa forma, é importante que o pesquisador tome várias decisões quanto à coleta, que envolvem a escolha da comunidade de fala a ser analisada, o número de falantes que serão observados, a estratificação social, linguística e extralinguística alvo do estudo.

Como a Sociolinguística define as regras a partir da frequência de uso de cada variante, é importante que a amostra de dados seja representativa de um determinado grupo, de uma determinada comunidade de fala. Labov (2001, p.38) afirma que uma amostra verdadeiramente representativa de uma comunidade de fala deve partir de uma coleta aleatória, sendo que cada um dos muitos falantes selecionados tenha a mesma chance de ser selecionado. Esta aleatoriedade, no entanto, necessita de restrições (falantes nativos da língua, moradores de localidades por pelo menos dois terços de sua vida, preferencialmente filhos de pais nativos criados na mesma cidade, entre outras). Isso tudo com vistas a se garantir a qualidade na escolha dos representantes da comunidade de fala a ser analisada.

Parte-se então para a organização das células sociais, em função de que fenômenos de variação linguística estão sujeitos à influência de fatores internos (linguísticos) e externos (sociais). A estratificação da amostra deve levar em conta fatores como sexo, idade, escolaridade, entre outras. É importante pontuar que, como a Sociolinguística Variacionista trabalha com a metodologia quantitativa, que se baseia em frequência, a amostra deve respeitar a algum critério estatístico. A situação ideal, conforme Braga e Mollica (2003, 2007), seria a composição de cinco indivíduos em cada célula social, o

que nem sempre é possível. Dessa forma, a praxe em bancos de dados sociolinguísticos brasileiros — como PEUL, VARSUL, VALPB — é de se garantirem pelo menos dois informantes por célula.

Parte-se então para a coleta de dados. Há vários bancos de dados, como os já citados, organizados a partir de narrativas orais, que seguem um protocolo com o intuito de evitar o que Labov (2008) chama de paradoxo do observador, ou seja, é preciso que se colem dados de fala o mais natural possível, sob a presença de um entrevistador e de um gravador, totalmente não naturais à comunidade. Labov fornece dicas para que esta coleta seja eficaz, como apresentação de forma simples, sem a necessidade de o entrevistador dizer qual sua formação acadêmica. (MOLLICA; BRAGA, 2007).

A partir dessas decisões e desses cuidados e de posse das entrevistas, é realizada a codificação dos dados para a posterior análise dos resultados obtidos. Esses resultados são alcançados a partir da rodada de dados em um *software* estatístico. Não há vinculação necessária da Teoria da Variação a algum *software* específico, ainda que tenha prevalecido o uso, nas últimas décadas, de diferentes versões do pacote VARBUL (Cedergren & Sankoff, 1974, Rousseau & Sankoff, 1974). Atualmente, todavia, análises se utilizando da linguagem R têm sido cada vez mais frequentes, apresentando, entre outras, a vantagem de se examinarem variáveis contínuas com maior acuidade. Nesta pesquisa, considerados seus objetivos, utilizaremos o pacote VARBRUL, mais precisamente a versão eletrônica, desenvolvido por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2012)

Desse modo, o que se espera de um estudo sociolinguístico é uma descrição estatisticamente fundamentada de fenômenos variáveis, que permita apreender, sistematizar e analisar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

A seguir, apresentaremos um panorama acerca das vogais médias no português brasileiro e apontaremos alguns estudos variáveis sobre essas vogais realizados no nosso país.

## 2.2 AS VOGAIS MÉDIAS

Em nossa pesquisa, analisamos a possível influência que a preservação das vogais médias /e/ e /o/ pode exercer sobre o fenômeno da supressão do *glide* nos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ / nas regiões de Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Pato Branco PR (relativamente menos preservadoras das vogais médias) e Flores da Cunha (RS), Chapecó

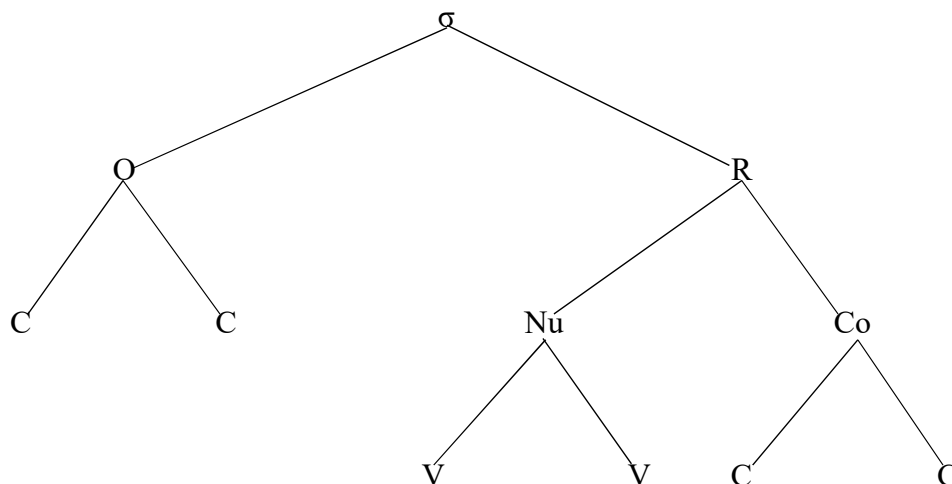
(SC) e Curitiba (PR) (relativamente mais preservadoras da vogal média). A nossa hipótese é a de que as cidades preservadoras de vogais médias /e/ e /o/ tendem a apresentar maiores índices de monotongação. Essa hipótese justifica a necessidade de apresentarmos alguns aspectos importantes acerca das vogais médias no português brasileiro.

De maneira geral, os sistemas sonoros das línguas do mundo são descritos em função da caracterização de dois tipos de segmentos: vogais e consoantes, que se diferenciam em função da presença ou da ausência de obstrução com relação à passagem do ar em algum ponto do trato vocal. As consoantes são sons produzidos a partir da obstrução completa ou parcial dos articuladores no trato oral. Já as vogais definem-se pela ausência de obstrução em sua realização (JONES, 1972 [1918]; LADEFOGED; MADDIESON, 1996; LADEFOGED, 2005), o que caracteriza um grau de sonoridade superior aos demais segmentos.

Segmentos consonantais e vocálicos parecem seguir princípios muito gerais em relação à organização interna das sílabas nas línguas do mundo. Devido a sua maior sonoridade, as vogais ocupam, de modo geral, a posição nuclear da sílaba.

A organização interna da sílaba, de acordo com Selkirk (1982), é composta por dois agrupamentos principais, chamados Onset (O) e Rima (R). O onset, ou ataque, caracteriza a posição inicial da sílaba e pode ser preenchido por uma ou duas consoantes (ex. cá, pra). A rima, por sua vez, ainda pode ser subdividida em Núcleo (Nu) e Coda (Co). O núcleo apresenta o pico de maior sonoridade da sílaba, o qual, em PB, é sempre preenchido por um segmento vocálico. A posição de coda, apesar de também apresentar com frequência segmentos consonantais, é mais restrita do que a posição de onset.

A projeção máxima da sílaba em PB, conforme Abaurre (1999) está descrita na Figura 1 a seguir:



**Figura 1 – Projeção máxima da sílaba em PB, retirado de Abaurre (1999).**

As duas posições V que compõem o núcleo podem ser ocupadas por uma vogal e uma semivogal – configuração encontrada nos ditongos do PB (Bisol, 1989; Cagliari e Massini-Cagliari, 1998; Abaurre, 1999). Cabe salientar que, para Bisol (1989), essa configuração é encontrada apenas nos ditongos leves – aqueles passíveis de variação, cuja monotongação não se confunde com outro vocábulo do léxico da língua (ex. *p[ej]xe* ~ *p[e]xe*, não *p[aw]ta* ~ *\*p[a]ta*). Devido ao grau de sonoridade, apenas vogais altas configuram-se como glides, ou semivogais, e podem ocupar a segunda posição V.

A altura das vogais, como vemos, é determinante para configurar a posição que pode ocupar dentro da sílaba, mas também para opor distintivamente as vogais. Além da altura, outros parâmetros relacionados à posição do corpo da língua e à posição dos lábios servem para caracterizar as diferentes vogais que compõem os sistemas sonoros. Se analisarmos a realização das vogais no que tange à posição vertical da língua, elas podem ser classificadas como médias, altas ou baixas. Já se analisarmos a produção das vogais com relação à dimensão horizontal da língua, elas podem se realizar como anteriores, centrais ou posteriores. Por fim, no que se refere à posição dos lábios, as vogais podem ser consideradas arredondadas ou não arredondadas. (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Esses parâmetros articulatórios podem ser descritos por traços, que são entidades abstratas capazes de caracterizar os segmentos das línguas e representar oposições distintivas. Em busca de contrastes nos sistemas sonoros, Roman Jakobson, inserido na

corrente estruturalista, propôs uma ampla caracterização de base acústica. O modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968) parte dos traços distintivos previstos por Jakobson e propõe um conjunto universal de traços fonéticos, relacionados, principalmente, a propriedades articulatórias dos sons. Cada fonema passa, assim, a ser representado por uma matriz ordenada de traços binários (+/-), a qual permite estabelecer uma representação linear, também adotada quando se deseja representar os traços que são comuns aos segmentos.

A caracterização e a formalização do sistema de traços propostas pelo modelo gerativo representam um significativo avanço em relação às propostas anteriores, como a sistematização das propriedades empregadas na distinção entre os fonemas, bem como a possibilidade de, através dos traços, expressar as classes naturais de sons, com isso permitindo a representação de generalizações. Modelos não lineares, tais como a Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976) e a Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985; CLEMENTS; HUME, 1995), ofereceram novas alternativas para a representação de sons e processos fonológicos a partir dos preceitos gerativistas.

A Fonologia Autossegmental, proposta por Goldsmith (1976), introduz a noção de autossegmento como uma unidade autônoma, que pode funcionar de forma independente. Para o modelo, não existe uma relação “bijetiva” (um-para-um) entre o segmento e os traços que o caracterizam, isto é, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento, e o apagamento de um segmento não necessariamente implica o desaparecimento de todos os traços que o compõem. A proposta de Goldsmith (1976) serviu de base para o modelo subsequente da Geometria de Traços, proposto por Clements (1985), o qual parte da noção de estrutura hierárquica autossegmental e propõe uma representação que permite agrupar os segmentos em constituintes. Nesse caso, um segmento comporta os traços fonéticos que o definem e pode tanto funcionar de forma independente quanto conectar-se a outros traços.

Independentemente do modelo adotado, as vogais do português brasileiro podem ser caracterizadas, basicamente, pelos traços relacionados à altura (ou abertura) [alto/baixo] e à posterioridade [posterior]. O arredondamento citado acima, no PB, está diretamente relacionado com a posterioridade e, por isso, acaba sendo redundante nas análises. As oposições vocálicas que compõem o sistema fonológico da língua e que são representadas pelos traços mencionados acima podem ser inferidas a partir dos exemplos

*s/a/co, s/e/co, s/ɛ/co, s/i/co, s/o/co, s/ɔ/co, s/u/co* em posição tônica. Conforme análise de Câmara Jr. (1970 [1999], p.43), pautada no estruturalismo, é possível dispormos as vogais do português brasileiro em um sistema triangular em cujo vértice inferior encontra-se a vogal mais baixa /a/. Assim, a elevação gradativa da língua na parte anterior ou na parte posterior permite a classificação articulatória da vogal baixa /a/, das vogais médias-baixas /ɛ, ɔ/, das vogais médias-altas /e, o/, bem como das vogais altas /i, u/. No PB, portanto, fazemos a distinção vocálica nos quatro graus: a) baixa (/a/); b) média-baixa (/ɔ/, /ɛ/); c) média-alta (/e/, /o/); d) alta (/i/, /u/).

Numa perspectiva fonológica, de acordo com Câmara Jr. (2013), o sistema vocálico do português é composto por sete vogais em pauta tônica: /a/, /ɛ/, /e/, /ɔ/, /o/, /i/ e /u/. Isso significa que, quando acentuadas, as referidas vogais assumem caráter distintivo. A seguir, apresentamos o esquema proposto por Câmara Jr. (2013[1977], p. 41), para representação das vogais tônicas, cuja disposição no sistema triangular dá-se da seguinte forma:

altas	/u/		/i/	
médias		/o/		/e/ (2º grau)
médias		/ɔ/	/ɛ/	(1º grau)
baixa			/a/	
		posteriores	central	anteriores

No que diz respeito à pauta pretônica, a distinção entre /e, ɛ/ e entre /o, ɔ/ é neutralizada, como em *b[ɛ]lo > b[e]leza*, ou como em *s[ɔ]l > s[o]laço*. Assim, a configuração fonêmica das vogais do português passa a contar com apenas cinco oposições: /u/, /o/, /a/, /e/ e /i/, conforme mostra o esquema seguinte.

altas	/u/		/i/	
médias		/o/		/e/ (2º grau)
baixa			/a/	
		posteriores	central	anteriores

Já no que tange à pauta postônica não-final, /o, u/ neutralizam para /u/, como em *abób[u]ra* ou como em *fósf[u]ro*. Entretanto, a distinção entre /e, i/ é mantida, como em *tráf[e]go* e *tráf[i]co*.

O triângulo opositivo referente à configuração fonêmica das vogais postônicas não finais encontra-se a seguir.

altas	/u/		/i/
médias			/e/ (2º grau)
baixa		/a/	
	posteriores	central	anteriores

Por fim, em relação à pauta postônica final, ocorre, também, a neutralização, conforme Câmara Jr. (2007 [1970]). Além da perda de distinção fonológica entre /o/ e /u/, perde-se também, a distinção entre /e/ e /i/, e o sistema é reduzido a três vogais /a, e, i/ como em *corr[a]*, *corr[i]*, e *corr[ɔ]*. A pauta postônica final é, conforme essa análise, a que apresenta o número mais reduzido de vogais. O esquema seguinte traz a representação:

altas	/u/		/i/
baixa		/a/	
	posteriores	central	anteriores

O fenômeno da elevação vocálica manifesta-se, portanto, apenas nas pautas pretônica (*boneca* ~ *buneca*), postônica não-final (*árvore* ~ *árvure*) e postônica final (*amigo* ~ *amigu*).

Cabe lembrar que a posição átona também é *locus* de vários processos fonológicos que afetam as vogais no PB, especialmente a posição pretônica, afetada por parte desses fenômenos, como abaixamento de /e/ o/ para /ɛ, ɔ/, como em *r[e]lógio* ~ *r[ɛ]lógio*. Pode, também, ocorrer o alçamento das vogais médias-altas sem motivação aparente, como em *p[e]queno* ~ *p[i]queno*, ou como em *b[o]neca* ~ *b[u]neca*. Além disso, podemos também encontrar casos de harmonização vocálica das vogais médias-altas, como em *m[e]nino* ~ *m[i]nino*, ou como em *c[o]ruja* ~ *c[u]ruja*. (BISOL, 1981; SILVA, 1989; CALLOU & LEITE, 2002).

Apresentada a caracterização das vogais médias no PB, apontaremos alguns estudos variáveis sobre a elevação ou preservação da vogal média nas várias regiões do país.

### 2.2.1 A variação nas vogais médias

O fenômeno do alçamento das vogais médias parece existir no PB já há algum tempo, apresentando variação entre áreas dialetais do português brasileiro. Um dos trabalhos pioneiros acerca da divisão dialetal do Brasil foi proposto por Nascentes (1953). O autor estudou a variação entre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/. Conforme Nascentes (1953), o grupo de estados do norte constitui-se por dois falares: o amazônico e o nordestino, os dois caracterizados pela pronúncia aberta das vogais médias pretônicas (o que não significa, necessariamente, que todo nortista ou nordestino abra as vogais). Já o grupo do sul é conhecido pela pronúncia fechada das vogais médias pretônicas.

No falar sulista, foco do presente estudo, podemos encontrar diferentes caminhos para a variação das vogais médias. Bisol (1981) constata que a harmonização vocálica (*pepino* ~ *pipino*) é relativamente mais usada pelos metropolitanos e menos pelos fronteiriços no Rio Grande do Sul. A autora atribui este último fato à provável influência do espanhol, língua de contato que preserva a vogal média da pretônica tal qual herança do latim. Também constata que os bilíngues alemães ou italianos elevam menos do que os metropolitanos, o que caracterizaria o Rio Grande do Sul como um estado relativamente preservador das vogais médias em contexto pretônico.

Schwindt (1995), ao verificar a elevação das vogais médias em posição pretônica, também constata que quanto mais nos afastamos do sul do país, mais ocorre o fenômeno da elevação das vogais /e/ e /o/, confirmando a análise de Bisol com relação à característica preservadora da vogal média em contexto pretônico no estado do Rio Grande do Sul. O autor verifica que

[...] comparativamente, poder-se-ia afirmar que os sujeitos de Curitiba utilizam mais a regra de harmonização vocálica do que os de Florianópolis, que por sua vez, utilizam-na mais que os informantes de Porto Alegre (SCHWINDT, 1995, p.66).

Já Vieira (2002), ao estudar a elevação das vogais médias em contextos postônicos finais e não-finais, constata que, nesses casos, ocorre o contrário, ou seja, quanto mais nos aproximamos do extremo sul do país, mais ocorre a elevação dessas



mesmas vogais. A autora aponta, por exemplo, que a neutralização das átonas finais /e, i/ e /o, u/ ainda não está implementada na região sul do país. Nesta região, segundo a autora, as etnias italiana e alemã exercem influência, mantendo um sistema no qual [e] varia com [i] e [o] varia com [u] nessa posição, como em *verd[e]* ~ *verd[i]*, ou como em *sol[o]* ~ *sol[u]*. Analisando um de seus resultados, a autora afirma que

[...] o Rio Grande do Sul é o estado do sul do país que mais eleva a vogal /o/ postônica não final (0,63), enquanto o Paraná é o estado que mais preserva (0,39). Já o resultado referente a Santa Catarina revela um comportamento praticamente neutro das palavras em relação à elevação ou preservação de /o/ (0,49). (VIEIRA, 2002, p.137)

Outra contribuição muito adequada para a pesquisa ora desenvolvida é o estudo feito por Roveda (1998) sobre a elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano. A autora constatou que os metropolitanos (do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) aplicaram a elevação em 99% e 100% dos casos, respectivamente, podendo se considerar um processo de aplicação geral neste contexto, cuja tendência é a de se tornar uma regra categórica. No entanto, os bilíngues descendentes de italianos ainda preservam as vogais médias. Roveda (1998) analisou a fala de 48 informantes (banco de dados VARSUL), 24 monolíngues das cidades de Porto Alegre e Florianópolis e 24 bilíngues das cidades de Flores da Cunha e Chapecó, de colonização Italiana. Para Roveda, é notória a elevação das vogais postônicas finais na fala de informantes monolíngues, ao passo que na fala de informantes bilíngues é notória a baixa aplicação de elevação das vogais em análise.

Pontes (2001) analisa dados da vogal em posição pretônica inicial e não-inicial entre os falares das regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná. Conforme o autor, há um padrão distinto no que concerne à posição silábica na palavra. Os resultados de sua pesquisa dão conta de que, em posição inicial (ou seja, em pretônica de início de palavra, como em *pipino*, ou em *minino*), houve alçamento das vogais em 79% dos dados analisados; em posição não inicial (ou seja, em pretônica no interior de palavra, como em *mexerica*) o alçamento ficou em 27%. No que tange à distribuição diatópica, os resultados apontam a região norte paranaense como uma área geográfica favorável ao alçamento da vogal, já a região oeste-sudoeste apresenta-se como uma área geográfica resistente o alçamento da vogal média, fato que pode ser, talvez, explicado pela proximidade dessas regiões com áreas dialetais de outros estados ou pelos processos de migração ou de colonização característicos da região sul.

Foram esses estudos que, por nos mostrarem resultados diferentes no que tange à realização das vogais médias de acordo com a região analisada, instigaram-nos a investigar a possível correlação entre preservação das vogais /e/ e /o/ e a redução dos ditongos orais decrescentes envolvendo as vogais médias, como /ej/, /oj/, /ow/ nas regiões relativamente menos preservadoras das vogais médias e nas relativamente mais preservadoras. Procuramos, portanto, delimitar as localidades investigadas (uma de nossas variáveis independentes extralinguísticas), com o intuito de comparar se as cidades preservadoras de vogais médias /e/ e /o/ tenderiam a apresentar maiores índices de monotongação.

A próxima seção é dedicada ao estudo dos ditongos decrescentes orais no português brasileiro, no que tange ao contexto histórico sobre sua evolução e a estudos sincrônicos realizados em nosso país sobre os ditongos em questão.

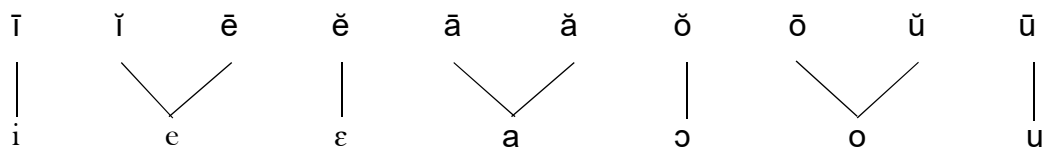
### 2.3 DITONGOS DECRESCENTES ORAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTEXTO HISTÓRICO E BREVE DESCRIÇÃO FONOLÓGICA

Abordaremos, nesta seção, a evolução dos ditongos no português brasileiro sob um viés diacrônico. Logo após, apresentaremos a descrição fonológica dos ditongos decrescentes no português brasileiro e revisaremos alguns estudos sincrônicos sobre eles.

#### 2.3.1 O Contexto Histórico

Do ponto de vista histórico, podemos perceber, na transição do latim ao português, dois processos opostos que envolvem os ditongos decrescentes. O primeiro é o processo de redução de ditongos provenientes do latim, como em *igual* (oriundo do latim *aequale*). O segundo trata-se da criação de novos ditongos no português, em função de processos fonológicos como a síncope, em palavras como *mau* (oriundo do latim *malu*), ou como a metátese, em palavras como *primeiro* (oriundo do latim *primariu*). Além disso, há casos de latinização, em que os ditongos permaneceram do latim ao português, numa tendência que se verifica desde o século XVI (QUEDNAU, 2005).

Na história de sequências vocálicas do latim, observa-se a redução do número de segmentos vocálicos, conforme Figura 2:



Entretanto, diferentemente do que ocorreu com as vogais, ao compararmos o português ao latim clássico, o que se percebe é a ocorrência de um aumento do número de ditongos no português.

Alguns autores que estudam a evolução dos ditongos na língua, entre eles Nunes (1956), Faria (1957), Said Ali (1966), Coutinho (1968) e Quednau (2005). De acordo com Nunes (1956), são considerados ditongos latinos *ae*, *oe*, *au* e *eu*. O autor salienta que os ditongos *ae* e *oe* foram reduzidos a vogais *é* e *ê* na língua clássica. Já o ditongo *au* é representado por *ou* (em posição tônica ou átona). Assim, temos: *auro*>*ouro*; *tauru*>*touro*. No latim vulgar, alguns ditongos, como o ditongo *ou*, conforme o mesmo autor, transforma-se em *o*, como por exemplo em *claustrum*>*clostrum*. Na língua moderna, algumas vezes o ditongo *ou* alterna com *oi*, independentemente de sua origem, como é possível observarmos em *ouro* ~ *oiro*, ou em *louro* ~ *loiro*.

Coutinho (1968, p.109) alerta para o fato de que, ao compararmos o latim com o português, podemos concluir que o português possui um número maior de ditongos do que o latim. Isso em função de processos de transformação, como a síncope (que originou *lei* de *lege*), a vocalização (que originou *feito* de *factu*), a metátese (que originou *ferrreiro* de *ferrariu*), ou a epêntese (que originou *freio* de *freo*).

Faria (1957) aponta que os ditongos *au* e *ae* são bem frequentes no latim clássico, *oe* é relativamente raro, e *eu* e *ui* são absolutamente excepcionais. Já Said Ali (1966) comenta que o ditongo *oi*, ao mudar do latim clássico para o vulgar, em algumas palavras resulta de um processo de metátese, como em *coifa* (*cofia*) ou *goiva* (*gubia*). O autor também faz alusão ao fato de o ditongo [ow] apresentar um uso mais generalizado em relação a [oj], em função de processos de metafonia de [aw] e de [oj], por exemplo, como em *-auru*, de *louro* (*lauru-*), ou *mouro* (*mauru-*).

Na tentativa de sistematizar os estudos sincrônicos acerca dos ditongos, Quednau (2005) reúne estudos acerca de sua formação, entre eles os de Nunes (1956) e os de Coutinho (1976), e organiza as informações, na tentativa de descrever a evolução dos ditongos que já existem e o surgimento de ditongos provenientes do latim. A autora

analisou o comportamento das sequências vocálicas em cada um deles a partir de três estágios: latim clássico, latim vulgar e português.

O resultado desta síntese organizada pela autora vem demonstrado no Quadro 1.

**Quadro 1 - Evolução dos Ditongos do Latim ao Português**

Ditongos do Latim	Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
AE	ae: <i>Caecilia</i> ai: <i>pictai, aquai</i>	ae, ai → [i], [e], [ɛ]	I: <i>aequale</i> > <i>igual</i> e: <i>aestivu</i> > <i>estilo</i> [ɛ]: <i>caelu</i> > <i>céu</i>
AU	[aw]: <i>t[aw]ru</i>	au → [ow]: <i>t[ow]ru</i> au → [o]: <i>t[o]ru</i>	au: <i>claustru, causa</i> au → [ow]/[o]: <i>tauru</i> > <i>tourothesauro</i> > <i>tesouropa</i> <i>upere</i> > <i>pobre</i>
OE	oe: <i>comoedia</i> oi: <i>com[oj]dia</i>	eu → [o]: <i>erminomata</i> > <i>ermeneumata</i> eu → [u]: <i>abdoucit</i> > <i>duco</i>	eu → [o]: <i>Eusébio</i> > <i>Osébio</i> eu → [u]: <i>duco</i> > <i>conduzir</i>
UI	ui: <i>hui</i>		ui: <i>cuidado, circuito</i>
AI		Ai → [ai] > [ei]	ai → [ai] > [ei] * <i>amai</i> > <i>amei</i> * <i>hai</i> > <i>hei</i>
KW	[k]: <i>cotidie</i> [kw]: <i>quotidie</i>		[kw]a: <i>quadro</i> [kw]i: <i>equidade</i> [kw]e: <i>sequelado</i> [kw]o: <i>aquoso</i>

Fonte: Quednau (2005).

Quednau (2005), baseada na síntese dos estudos de Coutinho (1976), explicita como ocorre a evolução dos ditongos. O que se pode perceber, a partir da leitura do quadro, é que, com relação a /ae/, há a pronúncia alternada entre [a] e [e]. Na literatura, este ditongo encontrava-se, raramente, como *ai*. Também era pronunciado como *ai* [aj], na pronúncia reconstituída do Latim Clássico. Na pronúncia vernacular, é produzido como [ɛ]. Este ditongo, quando pretônico, sofre uma redução a *i* ou *e*, como em *aequale* > *igual* ou como em *aetate* > *idade*. Já em posição tônica, é reduzido a [ɛ], como em *caelu* > *céu* ou como em *caecu* > *cego*.

No que tange a **au**, ainda de acordo com Quednau (2005), em Roma, a alternância com a variante [o] tornou-se corriqueira. Quando se encontrava em início de palavra, em posição átona e seguido de *u*, a tendência era reduzir-se a *a*, como em *Augusto* > *Agosto*.

Em português, a autora afirma que este ditongo se converteu em *ou*, variando para *o* (*au*>*ou*>*o*), como em *thesauru*>*tesouro*, ou como em *tauru*>*touro*, isso por influência dialetal na linguagem corrente entre a plebe. Dessa forma, a mudança deu-se como *empaupere*>*popere*>*pobre*.

Já no que se refere a *oe*, Quednau (2005) afirma que se sabe que este ditongo ocorria em palavras de origem grega introduzidas no latim para transcrever o ditongo *oi* (*oe* = *oi* [oj]). Na pronúncia vernacular, realizava-se como [ɛ] (*oe* = [ɛ]). No português, este ditongo é reduzido a [e], como em *foetore*>*fedor*.

Com relação a *eu*, Quednau (2005) aponta que este ditongo aparecia entre nomes próprios oriundos do grego. Para este ditongo, são levantadas três hipóteses que tentam explicar sua evolução. A primeira dá conta de que, no que diz respeito à evolução de *eu* para *o*, raramente esse ditongo ocorria em linguagem vulgar, havendo poucos casos, como em Eusébio >Osébio e *Eulália*>*Olália*. A segunda hipótese, sustentada por Niederman (1953), sugere que houve, primeiro, a evolução de *eu* para *ou* e apenas posteriormente houve a mudança de *ou* para *u*, como em *c(e)leusma*, que dá origem a *ciurma* (do genovês) e a *chusma* ou *churma* (no português). A terceira hipótese é a de que houve a contração de *e + u* (sem redução) originário de *au*. Conforme Niedermann (1953), palavras como *accus(s)o* para *adccus(s)o* (originário de *adcaus(s)o*) são exemplos desta evolução.

Já com relação ao ditongo *ui*, a autora afirma que sabe que ocorria raramente no latim como interjeição (*hui*) ou como contrações e sínéreses em poesias.

Por fim, com relação ao ditongo *ai*, Quednau (2005) sugere que havia ocorrências deste ditongo no latim vulgar, como em *amai* e também em formas reduzidas do verbo *habeo*.

Quednau (2005), com base em exemplos de Coutinho (1976), ainda levanta algumas outras hipóteses de como alguns ditongos se formaram. Segundo a autora, há cinco possibilidades acerca dessas formações. Eles podem ter se formado por síncope, ou seja, o ditongo decrescente surgia, se a segunda vogal fosse média ou alta em posição átona, como em *malu*>*mau*, ou como em *lege*>*lei*. Outra hipótese é a de que podem ter se formado por vocalização. Assim, em certos grupos consonânticos, como *lt*, *kt* ou *pt*, transformaram-se em vogais, como em *factu*>*feito*. Também houve a redução das oclusivas em posição final, tornando-se vogais assilábicas /i/ ou /u/, como em *lectu*>*leito*. Uma terceira hipótese dá conta de que podem ter se formado por metátese, ou seja, *ai* transforma-se em *ei*, como em *primairiu*>*primeiro*. Uma quarta hipótese arrolada é a de

que podem ter se formado por epêntese, como em *área*(<*arena*>*areia*). Por fim, a quinta hipótese é a de que tenham se formado pelo uso de vogal para desfazer hiato, como em *creo* (<*credo*>*creio*, *outea* (<*tela*>*teia*).

A partir deste apanhado diacrônico acerca da evolução dos ditongos, na próxima seção, apresentaremos estudos sincrônicos sobre os ditongos, mais precisamente acerca dos ditongos decrescentes, que são suscetíveis à monotongação, objeto de estudo desta tese.

### 2.3.2 OS DITONGOS DECRESCENTES: ANÁLISES SINCRÔNICAS

Para Cristóvão Silva (1999, p. 94), os ditongos são caracterizados como “[...] sequência de segmentos vocálicos ocorrendo em uma mesma sílaba, sendo que um deles é um *glide*”, ou seja, um elemento formado do mesmo modo que as vogais, entretanto, sendo menos proeminente na relação com a vogal adjacente. Os ditongos orais são caracterizados como ditongos crescentes (*quatro*), ou decrescentes (*seita*). Os decrescentes, foco de interesse de nosso estudo, são constituídos de uma sequência de vogal + *glide*. Entre esses, é possível que ocorra o fenômeno da supressão do *glide*, ao que denominamos monotongação, como em *p/ei/xe* ~ *p/e/xe*, ou como em *c/ou/ro* ~ *c/o/ro*.

Para Cagliari (2007), os ditongos são formados por dois elementos articulatórios contíguos, uma vogal e uma semivogal (também designada semiconsoante ou *glide*). Estes elementos – vogais e *glides* – alteram sua ordem de acordo com o tipo de ditongo, se crescente ou decrescente. Conforme o autor, em termos fonéticos, termos em que são geralmente classificados, os ditongos caracterizam-se articulatoriamente em função da mudança na duração de uma vogal, da trajetória da língua, que se move de um ponto a outro da cavidade oral, para posições distintas; acusticamente, em decorrência da mudança de qualidade observada pelo falante entre o estágio inicial e o final de duração de uma vogal. Dessa forma, de acordo com o autor, os ditongos caracterizam-se, foneticamente, em termos acústicos ou articulatórios por modificação entre dois fones que compartilham o espaço de tempo de um único segmento.

Em termos fonológicos, ainda conforme Cagliari (2007), os ditongos apresentam ambivalência de *status*. Dessa maneira, algumas vezes, apresentam-se como dois segmentos; já em outros momentos, como um segmento. Isso se deve ao fato de o *glide* ser considerado como vogal, graças às suas características similares às de vogais, mas

também como consoante, em função de não ocupar o núcleo da sílaba (CAGLIARI, 2007).

Para se compreender melhor a diferença entre uma vogal que não muda seu estatuto e uma que muda, constituindo um ditongo, estabelece-se o par mínimo *pais* e *país*, distinção que envolve, inclusive, questões prosódicas. Entretanto, é importante salientar que este exemplo esclarece a diferença em questão pelo fato de, na palavra *pai*, o ditongo [aj] apresentar apenas uma V, ou seja, apenas uma realização vocálica, enquanto na palavra *país* há a sequência VV, ou seja, duas realizações vocálicas constituindo sílabas diferentes.

Para a constituição do ditongo no português brasileiro, Câmara Jr (1977) pontua que as vogais /i/ e /u/ constituem as vogais mais fechadas no nosso sistema vocálico. Em função disso, assumem a função assilábica como vogal auxiliar de ditongo. Câmara Jr. (1977) apresenta como relevantes os ditongos que formam contraste distintivo com vogais simples, a exemplo das palavras *pá*, *pai* e *pau* e das palavras *lé*, *lei* e *leu*, ou das palavras *dó* e *dói*. Câmara Jr. (1977, p. 57), ainda sobre a constituição do ditongo, afirma que

As vogais assilábicas, [...] formam com a silábica um centro de sílaba polifonemático em regra como ditongo decrescente, pois os ditongos crescentes se desfazem em hiatos sem qualquer valor distintivo (fiel, miolo, suar etc.), salvo se tem um /w/ com /q/ ou /g/ pré-vocálico (quais /qways/).

No que diz respeito ao número de ditongos existentes no português brasileiro, Câmara Jr. (1972) aponta a existência de onze decrescentes e de somente um crescente. Com relação aos decrescentes, lista: a) /aj/ como em p/aj/; b) /aw/ como em p/aw/; c) /ɛj/ como em pap/ ɛj/s; d) /ej/ como em l/ej/; e) /ɛw/ como em chap/ɛw/; f) /ew/ como em m/ew/; g) /iw/ como em r/iw/; h) /ɔj/ como em m/ɔj/; i) /oj/ como em b/oj/; j) /ow/ como em v/ow/; e k) /uj/ como em f/uj/. O ditongo crescente citado pelo autor é /wa/, como em q/wa/l.

Se incluímos, ainda, a vocalização do // pós-vocálico no rol dos ditongos, temos de acrescentar à lista acima o ditongo /ɔw/, de *sol*, por exemplo, resultando em 12 ditongos decrescentes. Vale salientar que, para Câmara Jr. (1969, p.54), os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes, porque os crescentes variam livremente com o hiato, com exceção de *kw/gw* seguidos de a/o, como em qual [kwa]l ou quociente [kwo]ciente.

No bojo da teoria estruturalista, Câmara Jr. (1982), ao tratar dos ditongos decrescentes, defende que os glides /j/ e /w/ não são simplesmente fonemas, mas sim

vogais na subjacência, ou seja, uma variação no nível fonético das vogais /i/ e /u/. O autor questiona, portanto, se o padrão desses ditongos seria VC ou VV, uma vez que a questão, conforme o autor, não envolve somente alternativas de expressão, mas análises diferentes. O que ocorre, segundo Câmara Jr., é que VC pressupõe uma sílaba travada, ao passo que VV constitui uma sílaba aberta. O autor considera que o padrão a se considerar mais viável seria o padrão VV, ou seja, uma sílaba aberta, porque, no caso do padrão com sílaba travada (VC), o ‘r’ apresenta-se como forte na sequência, como em *Is[r]ael*, ou como em *hon[r]a*, o que não ocorre quando o padrão se constitui de sílaba aberta (VV). Nestes casos, ou seja, nos casos em que há sílaba aberta, após o ditongo, o ‘r’ apresenta-se como brando, como em *au[r]ora*, ou como em *eu[r]opeu*, o que não ocorreria, caso o padrão considerado fosse o de sílaba travada. Outro argumento utilizado pelo autor para justificar a escolha pelo padrão VV é a facilidade com que se passa de um ditongo para um monotongo, como em *c[aj]xa* ~ *c[a]xa*. O autor argumenta também que a variação livre da divisão silábica na sequência átona de vogal + vogal alta, como em *vai.da.de*, ou *va.i.da.de* leva-o a considerar o padrão de sílaba aberta como mais viável. Além disso, ele também constata que há a fácil passagem de /i/ assilábico para [e] em *papa[e]*, o que evidencia que os dois elementos V estão ligados ao núcleo, confirmando a alternativa VV como a mais exequível.

Com base, ainda, em estudos estruturalistas, há a tentativa de se responder à questão sobre a diferença entre hiato e ditongo em termos de pares opostos. Conforme essa abordagem, a diferença entre os pares precisa apresentar-se na vogal tônica seguida de vogal átona e na vogal átona seguida de vogal tônica. Em pares como *rio* (substantivo), *rio* (verbo na primeira pessoa do singular do presente do modo indicativo) e *riu* (verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo) – todos tipicamente pronunciados com [o] no núcleo da última sílaba –, é possível percebermos a presença de ditongo (nos dois primeiros casos) e de hiato (no terceiro caso), como nos exemplifica Câmara Jr. (2002).

É importante observarmos duas questões levantadas: a primeira é o fato de haver variação livre entre ditongo e hiato em sílabas átonas. A segunda questão diz respeito à variação entre ditongo e monotongo em sílabas tônicas. Câmara Jr. (2002) leva-nos a pensar sobre o status do ditongo. Há questões importantes, que são discutidas há tempo por diversos autores, como o fato de determinados ditongos, em palavras como *noivo* e *gaita*, não sofrerem monotongação. Talvez por constituírem, segundo estruturalistas,



pares mínimos opositivos com formas como *gata* e *novo*, sendo possível considerá-los, então, genuinamente ditongos. Essa mesma lógica não é encontrada em palavras como *faixa* e *deixe*, ou seja, não há, nestes casos, oposição distintiva, sendo possível, inclusive, a ocorrência de variação entre ditongos e monotongos.

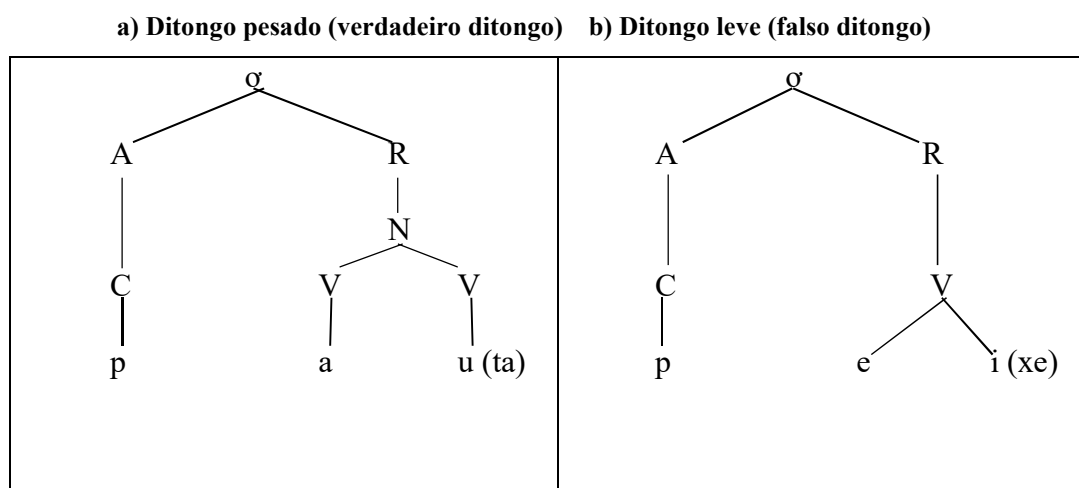
Do ponto de vista gerativo, diferentemente da visão estruturalista, a fonologia (e a morfologia) dá lugar ao componente sintático no centro da análise. Inicialmente, a sintaxe relaciona-se à fonologia via interface nesse modelo. Com a publicação de *The Sound Pattern of English (SPE)*, Chomsky e Halle (1968) reconhecem um componente fonológico gerativo. A relação com a sintaxe deixa, então, de ser meramente interpretativa e já se pode falar em interação desses componentes da descrição gramatical. As estruturas superficiais geradas acessam o componente fonológico, dando origem a representações fonéticas. Admitem-se processos transformacionais que convertem estruturas mais abstratas em estruturas concretas, isto é, o produto fonético emerge a partir de transformações que se aplicam a representações subjacentes até chegar às estruturas de superfície. As representações subjacentes, as regras a que elas se aplicam, junto com princípios da Gramática Universal, integram a competência linguística do falante, que se contrapõe ao desempenho. (CHOMSKY E HALLE, 1968)

As distribuições e oposições presentes nos sistemas sonoros passam, então, a ser formalizadas expressando generalizações linguísticas que eram feitas de maneira empírica, porém, agora, são organizadas a partir de regras fonológicas, que podem ser, ainda conforme os autores, de vários tipos: assimilação, desassimilação, inserção, eliminação, entre outras. Neste caso, pensando no fenômeno abordado neste estudo, podemos pensar em regras de eliminação para representar o fenômeno da monotongação.

Já sob a perspectiva da Fonologia Autossegmental, Bisol (1999) advoga pela diferenciação entre ditongos falsos e verdadeiros, na tentativa de explicar a variação entre ditongos e monotongos. Diferentemente da teoria gerativa, este modelo assume que os traços distintivos usados nas matrizes fonológicas se encontram distribuídos de forma hierarquizada. Dessa forma, é possível que esses traços funcionem isoladamente ou em conjunto nas regras fonológicas.

No escopo da teoria autossegmental, Bisol (1989) apresenta, para o português, dois tipos de ditongos, os pesados, que são ligados a dois elementos V's, e os leves, ligados a um único elemento V na camada prosódica. A autora explica que os ditongos

pesados geram pares mínimos com a vogal simples, como nas palavras *pauta/pata* ou como em *teima/tema*, sendo, portanto, ditongos fonológicos. Já os ditongos leves alternam com a vogal simples, entretanto, não resultam em diferença de sentidos. Podemos perceber isso a partir de exemplos como em *f[ej]ra ~ f[e]ra* ou como em *p[ej]xe ~ p[e]xe*, considerados, justamente por não apresentarem pares opostos, como ditongos fonéticos. Conforme advoga Bisol (1989), os primeiros ditongos, ou seja, os pesados, não admitem a monotongação, já os segundos ditongos, ou seja, os leves, permitem a monotongação. Em nossa análise, trabalharemos com esses ditongos designados por Bisol como leves, ou seja, com aqueles sujeitos à variação com o monotongo. A partir desta diferenciação, a autora postula uma representação dos ditongos, como mostrado na Figura 3:



**Figura 3 – Ditongos Pesado e Leve (BISOL, 1999).**

Para essa autora, os ditongos pesados, que ela também chama de verdadeiros, são de natureza lexical, isto por estarem representados por duas vogais na estrutura subjacente. Enquanto os ditongos leves, que também são chamados de falsos ditongos, são de natureza pós-lexical, ou seja, apresentam apenas uma vogal na subjacência. O *glide* é formado mais próximo à superfície, isso em função do processo de assimilação de traços. Essa organização dos segmentos em traços hierarquizados, proposta por Clements (1991), possibilita-nos compreender a origem do *glide* epentético. Como o processo de assimilação subentende espraçamento de traços, conforme Bisol (1994), temos que:

[...] o nó vocálico que domina o [coronal] e abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como num legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do glide (p.129).

Fica nítida, portanto, nas análises da autora (1989; 1994), a distinção entre ditongo pesado (ou verdadeiro ditongo) e ditongo leve (ou falso ditongo). O primeiro, associado a duas posições na camada de rima, e o segundo associado a uma única posição na rima, sendo que o *glide* se forma durante o processo de derivação, próximo à superfície. A autora defende, ainda, que a monotongação é atribuída apenas ao ditongo leve. O modelo sugerido por Bisol demonstra a importância do contexto seguinte para a aplicação da regra de monotongação.

Cabe salientar que nem todos os ditongos sofrem a regra variável de apagamento do *glide*. O consenso entre os estudos acerca da variação dos ditongos é o de que a aplicação da regra de supressão da semivogal ocorra apenas entre os ditongos /ow/, como em *pouco* ~ *poco*, /ej/ como em *peixe* ~ *pexe*, e /aj/, como em *caixa* ~ *caxa*. Entretanto, em nossos dados, apesar de ter se apresentado em quantidade reduzida, encontramos casos de variação também entre o ditongo /oj/, como em *depois* ~ *depos* (em dados de Porto Alegre e de Florianópolis).

Apontados aspectos importantes no que tange à caracterização e à diferenciação entre ditongos (entre leves e pesados, por exemplo), na próxima seção, apresentaremos estudos variacionistas acerca do fenômeno da monotongação no Brasil e, depois, mais especificamente em cidades do sul do país.

## 2.4 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE A MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A variação na pronúncia dos ditongos orais não é um fenômeno raro no português do Brasil e já vem sendo estudado há bastante tempo sob a perspectiva de diferentes teorias. Esse fenômeno é denominado monotongação e consiste na passagem de ditongo à situação de vogal simples, como em /ej/ ~ /e/ (*deixou* > *dexou*) e como em /ow/ ~ /o/ (*roupa* > *ropa*), por exemplo. O fato de o *glide*, em ditongos orais decrescentes, perder-se em diversas variedades do português brasileiro, transitando facilmente da ditongação à monotongação, é uma característica da oralidade.

Há evidências, a partir de estudos sociolinguísticos, de que, dentre os onze ditongos orais decrescentes existentes no português brasileiro, somente /aj/, /ej/ e /ow/ estão propensos à regra de apagamento do *glide* na fala (MENECHINI, 1983;

CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996; ARAÚJO, 2000). Este fenômeno, que consiste em uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa, existe desde a passagem do latim clássico ao vulgar e mantém-se nas línguas românicas.

O fenômeno do apagamento das semivogais /j/ e /w/ é bastante produtivo no português brasileiro, em função de não sofrer avaliação que o estigmatize por não representar “erro”, uma vez que não acarreta alteração de sentido da palavra (HORA, 2007). Aragão (2000), afirma tratar-se de uma variante diastrática (social) e não diatópica (regional), porque pesquisas sociolinguísticas constataam a ocorrência desse fenômeno em todas as regiões brasileiras. Câmara Jr. (1979), por sua vez, considera a monotongação um fenômeno puramente fonético, porque o ditongo, embora seja monotongado na fala, mantém-se na grafia formal. Para Hora (2007), o processo de monotongação tem sua ocorrência condicionada, principalmente, pelo contexto fonológico seguinte, portanto os ditongos [aj] e [ej] monotongam mais frequentemente diante de fricativas alveolopalatais [ʃ], [ʒ] e tepe [r] (LOPES, 2002; PEREIRA, 2004).

A seguir, são apresentados alguns estudos sobre o fenômeno em variação, com a intenção de encontrar generalizações e incongruências que possam contribuir para nossa pesquisa. No primeiro deles, realizado na região metropolitana de Belo Horizonte, Veado (1983) realizou um estudo acerca da redução dos ditongos /ej/ e /ow/ no português brasileiro, avaliando sua realização variável em amostras de variadas situações de fala na capital mineira, visto que, em /ow/, a monotongação foi basicamente categórica em todos os contextos. A amostra foi dividida em três partes: fala coloquial, fala cuidada e leitura de palavras e de texto. Com relação à fala coloquial, de 737 dados, apenas sete palavras não monotongaram, revelando que a fala casual é altamente favorecedora da redução de /ej/. Encontrou-se, nesse contexto de fala, um alto índice de redução (quase 100%) para a realização de [e] em detrimento de [ej], independentemente da influência de quaisquer fatores. A acentuação, posição do ditongo na palavra e segmento consonantal seguinte foram fatores que atuaram em relação à alternância de [ej] em relação a [e]. Sobre o primeiro fator, o traço + acento foi mais favorecedor da monotongação do que o traço – acento. Relativamente à posição do ditongo no item lexical, em posição interna, a redução é de quase 50%. O segmento consonantal posterior, como o tepe alveolar, denotou o maior número de ocorrências e foi o que teve o maior percentual de redução.

Paiva (1996), à luz da Teoria da Variação, estuda a supressão de /j/ e de /w/ em ditongos decrescentes em sílabas abertas, analisando 44 entrevistas do “Projeto Censo da Variação Linguística no Município do Rio de Janeiro”. A autora levanta um total de 3133 dados, sendo 2111 de ditongo /ej/ e 1022 de ditongo /ow/ em interior de vocábulo, num enfoque estritamente sincrônico. Sua hipótese é a de que este seja um fenômeno condicionado por fatores estruturais, e não sociais. Os resultados de sua análise apresentam evidências de que a monotongação de /ej/ e de /ow/ são dois processos diversos, com condicionamentos fonéticos distintos, visto que a supressão de /w/ é muito mais geral e irrestrita do que a de /j/. Para Paiva, a monotongação de /ej/ é determinada principalmente pelo contexto fonético seguinte (palato-alveolares /ʃ e ʒ/ e tepe /t/). Com relação ao número de sílabas da palavra em que se encontra o ditongo, a autora constatou que palavras polissílabas, trissílabas e dissílabas monotongam mais do que as monossílabas. A autora também constatou que a supressão de /j/ ocorre, em maior número, quando este ditongo se encontra no sufixo, cabendo frisar, no entanto, que a supressão de [j] em *-eiro*, que está diante de tepe (contexto favorecedor do cancelamento de [j]), pode ocorrer em virtude da influência do segmento seguinte ao ditongo /ej/ e não em função da morfologia deste sufixo. Já com relação ao ditongo /ow/, a autora observa que a monotongação deste ditongo opera independentemente da influência de variáveis linguísticas ou sociais, ou seja, ocorre em qualquer contexto.

Silva (1997) analisou a monotongação de /ej/ e /aj/ nos falares fluminenses no que tange à localidade, faixa etária, tonicidade, extensão do vocábulo, posição do acento na palavra, qualidade do segmento imediato à semivogal, modo e ponto de articulação, além de posição do ditongo no radical ou no sufixo em palavras derivadas. Com relação ao ditongo /ej/, 1354 (33%) das 4072 ocorrências analisadas mantêm o ditongo, ao passo que 2718, (67%) do total, reduzem a semivogal, predominando a variante monotongada. Observou-se que os fatores mais relevantes para a ocorrência do fenômeno são o modo e o ponto de articulação do segmento posterior à semivogal. No contexto ponto de articulação, as pré-palatais são altamente favorecedoras da monotongação, assim como as labiais.

Araújo (1999), a partir de uma perspectiva também sincrônica e de metodologia baseada nos pressupostos da Teoria da Variação, estuda a alternância de /ej/ ~ /e/ no português falado em Caxias (MA), em sílabas abertas. Sua conclusão é a de que o processo de monotongação está correlacionado a fatores linguísticos, como segmento

seguinte, velocidade da fala e tonicidade da sílaba, e a extralinguísticos, como escolaridade e idade. Conforme Araújo, a sílaba tônica propicia a perda da semivogal mais do que a átona. Os dados apontam maior incidência de monotongação diante de tepe /r/ e de vogal central baixa /a/ (como em *feira, feia*); enquanto que um baixo índice desse fenômeno se manifesta diante de /n/ (como em *treino*); já diante dos segmentos /s/ e /g/ o índice de monotongação é intermediário. Araújo chama-nos atenção para o fato de que o segmento tepe /r/ ser o que concentra o maior número de ocorrências, quase a metade de todo o *corpus* analisado.

Aragão (2000) descreve a regra da monotongação na comunidade de Fortaleza (CE), utilizando-se do “*Corpus do Projeto Dialetos Sociais Cearenses*”. A pesquisadora conclui, em sua pesquisa, que são favorecedores à monotongação: a) contexto posterior (palatais e tepe); b) extensão da palavra (maior número de sílabas); e c) escolaridade (menor grau).

Carvalho (2007), partindo também da perspectiva variacionista, procede à análise de glide /j/ e glide /w/ nas comunidades de fala de Recife, Pernambuco, analisando o comportamento variável dos ditongos /aj, ej, oj, aw, ew, ow/ e separando os ditongos com glide /j/ daqueles com glide /w/. O *corpus* utilizado é constituído por duas fontes: listagem de palavras e leitura de textos. A partir de seu estudo, conclui que os fatores mais relevantes para a aplicação da regra variável de redução são contexto fonológico precedente (vogal posterior), contexto fonológico seguinte (ditongos com glide /j/: tepes e palatais; ditongos com glide /w/: fricativas labiais, tepe); e tonicidade (sílabas tônicas). As variáveis sociais não parecem influenciar a regra de variação.

Colocado o panorama geral acerca da monotongação no país, a seguir, apresentaremos alguns estudos sobre a monotongação realizados na região sul do país, localidade alvo de nossa análise.

#### **2.4.1. Estudos sobre Monotongação na Região Sul do País**

Meneghini (1983) faz um estudo sociolinguístico acerca da monotongação em Ibiacá (RS). O autor estudou todos os ditongos orais decrescentes da língua portuguesa com o objetivo de identificar os ditongos que estavam sujeitos à perda da semivogal e qual a influência de variáveis linguísticas sobre o fenômeno. O autor analisou a influência dos fatores linguísticos (como contexto posterior e tonicidade) e das variáveis sociais

(como zona rural e urbana, idade e sexo) sobre a monotongação em 9.233 dados provenientes da fala de 115 informantes. Dos ditongos estudados, Meneghini conclui que apenas três são sujeitos à monotongação: /ej, aj, ow/. Os fatores linguísticos favorecedores da monotongação do ditongo /ej/ foram: o tepe e a fricativa palatal, no contexto fonológico seguinte e, quanto à tonicidade, somente a sílaba átona se mostrou um fator relevante para aplicação da regra. Não houve variável social selecionada como relevante sobre o fenômeno em estudo.

Ribeiro (1990) analisou a supressão dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na fala do sudoeste paranaense, em cinco municípios: Santo Antônio do Sudoeste, Marmeleiro, Renascença, Clevelândia, Chopinzinho e Nova Prata do Iguaçu. No total, foram colhidos 6902 dados, oriundos de 22 informantes do Projeto Fontes Culturais para o Ensino, sendo 3864 de /j/ e 3038 de /w/, resultando em 2338 itens monotongados, estratificados de acordo com faixa etária (30 a 59 anos e acima de 60 anos) e sexo. Sobre o volume vocabular, percebe-se que a supressão do ditongo /ej/ entre monossílabos é categórico (ou seja, não há casos de monotongação deste ditongo, quando em palavras monossílabas) em seus dados. Outro fato que a levou a questionar a relevância do fator extensão da palavra na redução do ditongo foi a quantidade de palavras polissílabas em que /j/ aparece seguido de *flap*. Sabe-se que, no caso do /j/, o *flap* mostra-se categórico no apagamento da semivogal. Ribeiro (1990) também constatou que o subfator extensão do vocábulo está sujeito ao contexto fonológico seguinte à semivogal na maior parte de seus dados. O estudo também revela que os adjetivos têm características idênticas aos substantivos, talvez por serem classes próximas. Com relação ao contexto fonológico posterior, os subfatores que mais influenciaram a supressão de /j/ foram o *flap* e o palato-alveolar, não se observando a influência de nenhum fator social sobre o fenômeno.

Bisol (1994) estuda o fenômeno da realização do ditongo /ej/ na fala de sete informantes de Porto Alegre, controlando apenas a variável contexto seguinte: palatal, tepe, labial, velar, alveolar e vogal. Não há, nesse trabalho, referências detalhadas sobre a metodologia de coleta de dados, nem sobre a composição da amostra, mas, ao que tudo indica, não era objetivo da autora proceder a uma análise propriamente quantitativa dos dados. Na verdade, a autora busca, neste estudo, discutir a respeito da origem do glide diante da consoante palatal. Bisol afirma que, diante de consoante palatal (*queijo*) e vibrante simples (*beira*), a variante sem glide é a de uso geral. A autora assinala que, na

realização de /ej/, considerando o contexto pré-consonântico em palavras com consoante palatal e de vibrantes simples, a semivogal /j/ é quase totalmente suprimida.

Coelho e Naumann (1994) analisaram a realização do ditongo [ej] nas capitais do Sul (Curitiba - PR, Florianópolis - SC e Porto Alegre - RS), em entrevistas de 36 informantes do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País). A estratificação da amostra foi realizada de acordo com a localidade (12 informantes de cada município), idade (informantes com menos e com mais de 50 anos) e escolaridade (ginásial, primário e colegial). A natureza do segmento seguinte (/r/, *flap* e /s/, palato-alveolar) e a extensão da palavra (trissílabos) foram os condicionamentos linguísticos mais relevantes na supressão do [j]. A região geográfica (Florianópolis) foi selecionada como região em que os falantes mais realizam a monotongação do ditongo /ej/. Com relação à faixa etária, os falantes com menos de 50 anos monotongaram palavras com ditongo /ej/ bem mais do que os que possuem idade acima disso. Com relação à escolaridade, os menos escolarizados monotongaram mais do que os mais escolarizados. As autoras concluem que a supressão de [j] é um processo fonético determinado pela natureza do segmento seguinte.

Cabreira (1996) investiga a monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/, entre falantes de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, à luz da Teoria da Variação, utilizando-se do banco de dados VARSUL<sup>1</sup>, em sílabas abertas, contando com 12 informantes de cada capital. Os dados obtidos computaram 483 monotongações do ditongo /ej/, sobre um total de 1.512 dados, representando 32% de apagamento de *glide*; 46 apagamentos, para o /aj/ sobre 257 dados, 18%, e 1.168 monotongação do ditongo /ow/ em 1.215 dados, representando 96% da regra de supressão de *glide*. O autor conclui que o valor fonemático é a segunda maior influência sobre a regra (ditongo fonemático é aquele que coincide com outra palavra da língua como em *couro*, *coro*). Sua análise mostra que /aj, ej/ sofrem condicionamento fonético categórico, ou seja, o ditongo /aj/ só é monotongado quando seguido de fricativa palato-alveolar (como em *caixa*), e o ditongo /ej/ apenas quando seguido por fricativa palato-alveolar ou por *tepe/flap* (como em *feira*). O autor também afirma que, nesses contextos, a supressão das semivogais é influenciada pela posição do elemento seguinte, pelo grau de escolaridade (até a 5ª série do Ensino

---

<sup>1</sup> Variação Linguística na Região Sul do Brasil.



Fundamental), pelo sexo dos falantes (mulheres), pela natureza morfológica do ditongo (radical) e pela variedade geográfica (Curitiba – PR).

Lopes (2002), sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, realiza o estudo da regra da redução dos ditongos /ow/ e /ej/ em sílabas abertas na comunidade de Altamira (PR). O *corpus* utilizado no presente trabalho faz parte do banco de dados do projeto ALIPA<sup>2</sup>. Neste estudo, Lopes conclui que contexto fonético seguinte (tepe e palatais) favorece a monotongação e constata que o único fator social que se mostrou relevante foi escolaridade (menos escolarizados), tanto para /ow/ quanto para /ej/.

Costa (2003), a partir dos pressupostos formais do Modelo não-linear da Fonologia Lexical e partindo da controvérsia neogramática, analisa as regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no português do Brasil, utilizando-se de dados de falantes de Porto Alegre (RS). A pesquisadora examina o status lexical e pós-lexical das regras de vocalização de /l/ e monotongação de /ow/, utilizando-se de dados de informantes porto-alegrenses com ensino superior (Banco VARSUL), procedendo à análise de 12 entrevistas, obtendo 1307 palavras em /ow/. A autora conclui que esse processo é sensível à categoria gramatical (verbos) e se aplica em ambientes mais salientes (sílabas tônicas). A pesquisadora também conclui que esse processo parece não ser afetado socialmente, já que se percebe um grau de consciência do falante com relação ao uso de /o/ ~ /ow/.

Pereira (2004) estuda a monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC), utilizando-se de 4 corpora: um de língua escrita (textos escritos por alunos pertencentes a 1ª série do Ensino Fundamental) e os outros três de língua falada. Dentre estes, tem-se: i) um composto por textos orais de duas telenovelas, *Coração de Estudante* e *Mulheres Apaixonadas*, da Rede Globo; ii) um constituído por textos orais de publicidade da programação da Rede Globo; iii) um constituído por 14 entrevistas de tubaronenses, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e a escolaridade, pertencentes ao banco de dados do Projeto PROCOTEXTOS<sup>3</sup> da UNISUL<sup>4</sup>. Os contextos estudados foram sílabas tônicas e pretônicas. Pereira concluiu que os fatores mais relevantes para a aplicação da regra variável de redução foram contexto fonológico posterior (tepe e palatal), escolaridade (maior grau) e sexo (homens).

---

<sup>2</sup> Atlas Geográfico-Sociolinguístico do Estado do Pará.

<sup>3</sup> Projeto de coleta de textos orais e escritos de falantes/redatores da região da AMUREL – Associação dos Municípios da Região de Laguna.

<sup>4</sup> Universidade do Sul de Santa Catarina.

Amaral (2005), partindo igualmente da metodologia laboviana, investiga a variação dos ditongos orais decrescentes, no que tange ao apagamento da semivogal /j/ em /ej/), em cidades de diferentes colonizações no RS, mais precisamente entre falantes de Flores da Cunha, cuja colonização é italiana, Panambi, de colonização alemã, e São Borja, que faz fronteira com a Argentina, a partir de dados de fala de 42 informantes do banco de dados VARSUL. Amaral constatou que a variação do ditongo /ej/ sofre influência das seguintes variáveis linguísticas: contexto seguinte /ej/ – tepe e fricativa palato-alveolar; classe de palavras – nomes; e tonicidade – sílaba átona. Houve, conforme a autora, influência da variável social que corresponde à faixa etária de 23 a 46 anos. A autora afirma, por fim, que, nos verbos, o fenômeno é basicamente categórico – não aplicação – (por exemplo, em *sei*) em posição final.

Brescancini (2009), à luz da Teoria da Variação, faz um estudo sobre a redução dos ditongos decrescentes seguidos por fricativa em *coda*, como nos itens *mais*, *depois e seis*, na comunidade de Florianópolis. A autora utilizou-se do banco de dados VARSUL e analisou os seguintes fatores: a) posição do /s/ no vocábulo; b) contexto seguinte ao /s/; c) sonoridade da fricativa; d) papel morfológico do /s/; e) sexo; f) escolaridade; g) faixa etária; h) localidade (distrito do município de Florianópolis). Seus resultados apontam a sonoridade (não vozeada) da fricativa palato-alveolar como sendo a variável independente estatisticamente mais relevante, assim como as mulheres apareceram como as que mais monotongam. Também verifica que a palatalização da fricativa em *coda* favorece a monotongação.

Toledo (2011), sob a perspectiva da Teoria da Variação, realiza a descrição da redução do ditongo oral decrescente /ej/ entre falantes de Porto Alegre (RS). Sua amostra contou com 14 informantes de nível superior, entre eles, oito homens e seis mulheres, do banco de dados do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta), entrevistados nos anos de 1970 e recontatados no final de 1990 pelo Projeto VARSUL. Seus resultados convergem quanto à influência favorecedora dos fatores linguísticos tepe e fricativa palatal, para a variável contexto seguinte; base, para a variável posição do ditongo na estrutura morfológica; e não verbos, para a classe mórfica das palavras. Quanto aos fatores sociais, não há convergências, e, ao comparar os dois bancos de dados, constata que não há indício de mudança linguística em progresso referente à redução de [ej], concluindo que o fenômeno analisado é um caso de variação estável.

Haupt (2011), partindo da Teoria de Exemplares e da Fonologia de Uso, faz um estudo do fenômeno da monotongação nos ditongos /aj, ej, oj, uj/ na fala dos florianopolitanos (em sílabas abertas e fechadas), limitando-se aos ditongos formados pela vogal /i/. O *corpus* utilizado é o banco de dados VARSUL e o NILC<sup>5</sup>. Dos efeitos da frequência de ocorrência, os resultados de Haupt convergem para as seguintes conclusões: a) o processamento influencia o apagamento da semivogal em palavras muito frequentes; b) o armazenamento age em formas gramaticais irregulares com alta frequência no sentido da preservação do ditongo; c) o fenômeno trata-se de um caso de variação, com exceção de contextos de consoante seguinte palato-alveolares e tepe, em sílabas abertas, para os quais temos uma mudança em curso; d) o fenômeno, em relação a sílabas fechadas, sofre influência da palatalização da fricativa final como determinante para o apagamento da semivogal; e) constata gradiência na monotongação.

#### 2.4.2 Análise Comparativa Entre os Estudos sobre Monotongação no Sul do País

Comparando-se os estudos resenhados neste trabalho, pudemos perceber que há várias convergências e algumas divergências no que tange aos resultados tanto da análise dos fatores linguísticos quanto da análise dos fatores extralinguísticos.

Com relação à tonicidade, por exemplo, Costa (2003), ao analisar o ditongo /ow/, constata que a sílaba tônica influencia na monotongação, já Meneghini (1983), analisando os ditongos /ej/, /aj/ e /ow/ bem como Amaral (2005), analisando o ditongo /ej/, constata que o que favorece a monotongação dos ditongos é a sílaba átona.

No que tange ao contexto fonológico seguinte à presença dos ditongos decrescentes, Bisol (1994), analisando o ditongo /ej/, Lopes (2002), analisando os ditongos /ej/ e /ow/ e Pereira (2004), analisando os ditongos /aj/, /ej/ e /ow/, constata que há índices significativos de monotongação após palatal. Quando o contexto seguinte aos ditongos é fricativa palato-alveolar, autores como Cabreira (1996), Amaral (2005) e Toledo (2011), e Haupt (2011) afirmam que a monotongação apresenta níveis significativos quando seguidos de /j/.

O contexto tepe mostrou-se favorecedor para a regra de monotongação de ditongos decrescentes para quase todos os autores (CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996;

---

<sup>5</sup> Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional.

LOPES, 2002; PEREIRA, 2004; AMARAL, 2005; TOLEDO, 2011; HAUPT, 2011). No que diz respeito à natureza morfológica do ditongo, tanto para Cabreira (1996), quanto para Toledo (2011), o contexto favorecedor da monotongação é o radical. Com relação à presença dos ditongos no sufixo verbal, tanto Cabreira (1996) quanto Amaral (2005) constataam que, em posição final, /ej/ praticamente não monotonga. Veado (1983) e Mota (1986) também afirmam que, em ambiente final, /ej/ bloqueia a redução de /ej/ a /e/.

No que tange aos fatores extralinguísticos, Lopes (2002), analisando os ditongos /ej/ e /ow/, e Amaral (2005) e Toledo (2011), analisando o ditongo /ej/, afirmam que os falantes menos escolarizados monotongam mais do que os mais escolarizados. Já Pereira (2004), em sua análise acerca dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/, constatou que os falantes com maior grau de escolaridade monotongaram mais.

Por fim, no que se refere a sexo, Para Brescancini (2009), os falantes do sexo feminino monotongaram mais os ditongos que apresentam fricativa em coda. Já Pereira (2004), analisando os ditongos /aj/, /ej/ e /ow/, constatou que os homens monotongam mais do que as mulheres. Essas convergências e divergências entre os resultados motivaram questões importantes para a nossa pesquisa, pois fica nítida a necessidade de aprofundamento acerca de questões linguísticas importantes, como contexto fonológico seguinte ao ditongo, extensão do vocábulo e localização morfológica do ditongo.

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos da Teoria da Variação, que servirão de arcabouço para as nossas análises acerca do fenômeno da monotongação de /ej/, /oj/ e /ow/. Também apresentamos um panorama acerca das vogais médias, dos ditongos decrescentes e do fenômeno da monotongação em nosso país, apontando alguns estudos variacionistas sobre os temas. Por fim, escrevemos uma breve comparação entre os estudos sobre monotongação no sul do país.

A próxima seção é dedicada aos procedimentos metodológicos envolvidos em nosso trabalho, com a delimitação da amostra e as variáveis de cunho linguístico e extralinguístico.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Exibiremos, nesta seção, os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa no que concerne à análise do fenômeno da monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/.

#### 3.1 A METODOLOGIA DOS ESTUDOS DE REGRA VARIÁVEL

Neste estudo, após a seleção das localidades a serem analisadas, no caso, Porto Alegre e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul; Florianópolis e Chapecó, em Santa Catarina; Curitiba e Pato Branco, no Paraná, em dados do Banco VARSUL. Após termos procedido à delimitação da amostra, ouvimos 48 entrevistas deste banco a fim de levantarmos as ocorrências dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ bem como os contextos em que tais ditongos se encontram inseridos.

Na seção 3.2, apresentamos, brevemente, as características do Banco de Dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do País). Na seção 3.3, expomos a constituição de nossa amostra. Na seção 3.4, esclarecemos como nossos dados foram transcritos e, posteriormente, codificados. Na seção 3.5, explicamos como se deu o tratamento estatístico e a análise de nossos dados. Na seção 3.6, apresentamos as variáveis (dependente e independentes) elencadas para a realização deste estudo.

#### 3.2 O BANCO DE DADOS VARSUL

O banco de dados do projeto VARSUL foi idealizado pela professora Leda Bisol, na década de 1980, com o intuito de fornecer subsídios para a descrição do português falado no país. Foi inspirado no Projeto Censo de Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, pioneiro em pesquisas sociolinguísticas no Brasil e, hoje, conhecido como PEUL (Programa de Estudo sobre o Uso da Língua), sob a coordenação do pesquisador Antony Naro.

Esse banco de dados conta com 288 entrevistas coletadas entre os anos de 1990 e 1996, classificadas por estado (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Curitiba). Apresenta amostras de fala de habitantes de 12 cidades, sendo quatro em cada estado (Rio Grande

do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Santa Catarina: Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages. Paraná: Curitiba, Irati, Pato Branco e Londrina).

O banco foi estratificado em sexo (homem e mulher), idade (25 a 50 anos e mais de 50 anos), instrução (primário, com até cinco anos de escolaridade; ginásial, correspondendo a oito/nove anos de escolaridade; e superior, compreendendo entre 11 e 12 anos de escolaridade) e localidade (correspondendo a grupos culturalmente representativos).

Cada entrevista que compõe a Amostra-base do banco VARSUL, conduzida com base nos princípios metodológicos labovianos, apresenta duração de, em média, 60 minutos. Nelas, o entrevistador indagava o informante sobre assuntos diversos, entre eles, família, trabalho, hábitos domésticos, vida na comunidade, entre outros.

### 3.3 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Em nosso estudo, analisamos 48 entrevistas de fala espontânea pertencentes ao banco VARSUL dos três estados do sul do País – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A estratificação dos informantes foi organizada nas categorias *sexo* (feminino e masculino), *escolaridade* (com até quatro anos de escolaridade e com nove anos ou mais), e *localidade* (Rio Grande do Sul: oito entrevistas de Porto Alegre e oito entrevistas de Flores da Cunha; Santa Catarina: oito entrevistas de Florianópolis e oito entrevistas de Chapecó; e Paraná: oito entrevistas de Curitiba e oito entrevistas de Pato Branco).

A distribuição dos informantes nas células assumiu, neste estudo, a configuração apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 - Estratificação da Amostra

Localidade	Sexo	Tempo de Escolaridade (em anos)	Idade (em anos)	Nº da Entrevista no VARSUL
POA (8 informantes)	Masculino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Mais de 50	01
			Menos de 50	03
		Mais de 8 (2 informantes)	Menos de 50	15
			Mais de 50	17
	Feminino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Menos de 50	08
			Menos de 50	22
		Mais de 8 (2 informantes)	Mais de 50	02
			Mais de 50	05
FL CNH (8 informantes)	Masculino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Mais de 50	22
			Menos de 50	19
		Mais de 8 (2 informantes)	Menos de 50	21
			Mais de 50	24
	Feminino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Menos de 50	13
			Mais de 50	16
		Mais de 8 (2 informantes)	Menos de 50	03
			Menos de 50	15
FLP (8 informantes)	Masculino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Menos de 50	02
			Menos de 50	04
		Mais de 8 (2 informantes)	Menos de 50	18
			Mais de 50	19
	Feminino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Mais de 50	07
			Mais de 50	22
		Mais de 8 (2 informantes)	Menos de 50	10
			Menos de 50	09
CHPC (8 informantes)	Masculino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Menos de 50	03
			Menos de 50	02
		Mais de 8 (2 informantes)	Menos de 50	11
			Menos de 50	20
	Feminino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Menos de 50	04
			Mais de 50	07
		Mais de 8 (2 informantes)	Menos de 50	17
			Mais de 50	23
CTB (8 informantes)	Masculino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Menos de 50	01
			Menos de 50	07
		Mais de 8 (2 informantes)	Mais de 50	02
			Menos de 50	05
	Feminino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Mais de 50	20
			Mais de 50	08
		Mais de 8 (2 informantes)	Mais de 50	06
			Menos de 50	12
PT BCO (8 informantes)	Masculino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Menos de 50	14
			Menos de 50	16
		Mais de 8 (2 informantes)	Mais de 50	23
			Menos de 50	17
	Feminino (4 informantes)	Menos de 4 (2 informantes)	Mais de 50	08
			Menos de 50	Ø
		Mais de 8 (2 informantes)	Mais de 50	12
			Mais de 50	11

### 3.4 TRANSCRIÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Após constituirmos a amostra e estratificarmos os informantes nas respectivas células, realizamos o processo de levantamento de dados. Nessa etapa, ouvimos as 48 entrevistas selecionadas do banco de dados VARSUL, a fim de destacarmos os casos de monotongação ou de preservação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/, objeto de nosso estudo, assim como os contextos linguísticos e extralinguísticos em que tais ditongos se encontram.

### 3.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO E TECNOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

Para contornar desafios que surgem em função da análise das variáveis estudadas, o pesquisador lança mão de programas estatísticos específicos, produzidos para contabilizar dados de fala, como o pacote estatístico GoldVarbX, utilizado nesta pesquisa.

Assim, posteriormente à etapa de levantamento e de codificação dos dados, realizamos rodadas estatísticas, fazendo uso do GoldVarbX, a fim de observarmos o comportamento das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas apontadas pelos estudos revisados como possíveis colaboradoras do processo de apagamento do glide nos ditongos supracitados.

### 3.6 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

A variável dependente e os grupos de fatores delimitados como possíveis condicionadores do processo de monotongação de /ej/, /oj/ e /ow/ serão elencados a seguir, seguido das justificativas para a escolha de cada condicionador. Decidimos realizar uma análise individual para cada ditongo, visto que, com base na literatura, acreditamos que eles tenham comportamentos diferentes, apesar de configurarem o mesmo fenômeno linguístico.



### 3.6.1 Variável Dependente

A variável dependente em torno da qual se desenvolve nossa pesquisa é a monotongação dos ditongos /ej/, /oj/, /ow/. Realizamos três análises distintas, uma para cada ditongo. As variáveis dependentes, relativas a cada análise, são expostas no Quadro 3.

**Quadro 3 - Variáveis Dependentes: análise dos ditongos/ej/, /oj/ e /ow/**

<b>Análise ditongo /ej/</b>	<b>Análise ditongo /oj/</b>	<b>Análise ditongo /ow/</b>
monotongação de /ej/ ( <i>p<u>e</u>xe</i> )	monotongação de /oj/ ( <i>de<u>o</u>is</i> )	monotongação de /ow/ ( <i>po<u>o</u>co</i> )
preservação de /ej/ ( <i>pe<u>i</u>x<u>e</u></i> )	preservação de /oj/ ( <i>de<u>o</u>is</i> )	preservação de /ow/ ( <i>po<u>o</u>co</i> )

Apesar de efetuarmos três análises diferentes, para cada um dos ditongos supracitados, ou seja, de delimitarmos três variáveis dependentes distintas, optamos por considerar, para todos os ditongos, nas rodadas estatísticas, as mesmas variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. A exceção fica por conta do ditongo /oj/, para o qual analisamos o item lexical, codificando-os e submetendo-os à análise estatística, visto as peculiaridades observadas em seu comportamento no que tange à monotongação. Os grupos de fatores considerados em nossa pesquisa são apresentados na próxima seção.

### 3.6.2 Variáveis Independentes Linguísticas e Extralinguísticas

Para a realização deste estudo, foram estipuladas sete variáveis de natureza linguística e quatro variáveis extralinguísticas, todas descritas a seguir.

#### 3.6.2.1 Variáveis Independentes Linguísticas

As variáveis independentes linguísticas consideradas nesta pesquisa serão descritas a seguir.

## 3.6.2.1.1 Contexto Seguinte

A primeira variável considerada nesta pesquisa é o grupo *Contexto Fonológico Seguinte*, visto que os segmentos posteriores à monotongação, como têm mostrado os estudos revisados, exercem influência sobre o fenômeno de monotongação. Os fatores analisados para essa variável estão elencados a seguir.

**(i) tepe**

ditongo /ej/

feira

ditongo /oj/

loiro

ditongo /ow/

couro

**(ii) fricativa palato-alveolar**

ditongo /ej/

peixe

ditongo /oj/

depois

ditongo /ow/

trouxa

**(iii) vogal**

ditongo /ej/

meio

ditongo /oj/

goiaba

ditongo /ow/

-

**(iv) nasal**

ditongo /ej/

teimoso

ditongo /oj/

-

ditongo /ow/

-

**(v) pausa**

ditongo /ej/

cheguei#

ditongo /oj/

foi#

ditongo /ow/

levou#

**(vi) oclusiva**

ditongo /ej/

deitado

ditongo /oj/

oito

ditongo /ow/

roupa

A análise do fator fricativa palato-alveolar é importante, porque, com exceção do estudo de Araújo (1999), que considerou a atuação dessa consoante em posição seguinte como neutra em relação à monotongação do ditongo /ej/, a fricativa palato-alveolar mostrou-se favorável à monotongação em todos os demais estudos apresentados em nossa revisão. Esse favorecimento justifica-se, nos ditongos constituídos por semivogal /j/, linguisticamente, em função das semelhanças acústico-articulatórias entre a vogal /i/ e as consoantes fricativas palato-alveolares. Nossa hipótese, portanto, é a de que a presença da fricativa palato-alveolar em contexto seguinte aos ditongos /ej/ e /oj/ favorece a monotongação.

No que tange ao contexto seguinte tepe, em nossa pesquisa, partimos da hipótese de que este segmento exerce considerável influência na monotongação de /ej/ e de /oj/, como atestam os estudos de Cabreira (1996), Paiva (1996), Costa (2003), Amaral (2005), Toledo (2010) e Haupt (2011). Com relação ao ditongo /ow/, esperamos aplicação praticamente categórica da monotongação, já que a maioria dos estudos resenhados afirma que esse ditongo sofre monotongação em praticamente todos os contextos.

O controle do fator nasal, em nossa pesquisa, é explicado pelo fato de ele ter se mostrado favorável à monotongação de /ej/ nos estudos de Araújo (1999). Investigamos de que forma a presença de uma consoante nasal consecutiva ao ditongo pode influenciar a monotongação de /ej/, visto que não encontramos nasais em contexto seguinte para os outros ditongos.

O contexto oclusivo é analisado, visto autores como Araújo (1999) e Aragão (2000) terem encontrado índices de monotongação entre palavras de seus dados quando o contexto seguinte ao glide era oclusivo.

Após a análise individual de cada variável, procederemos às amalgamações necessárias, visto que, separadas dessa forma, provavelmente, o peso relativo dos dados pode apresentar problema nos resultados.

#### 3.6.2.1.2 Tonicidade da Sílabas em Que se Encontra O Ditongo

A análise acerca da variável *Tonicidade*, refere-se, mais especificamente, à tonicidade da sílaba em que o ditongo se encontra. Essa variável é constituída pela observação dos seguintes fatores:

<b>(i) tônica</b>	ditongo /ej/	ditongo /oj/	ditongo /ow/
	<b><u>pe</u>ixe</b>	<b><u>co</u>isa</b>	<b><u>po</u>uco</b>
<b>(ii) átona</b>	ditongo /ej/	ditongo /oj/	ditongo /ow/
	<b><u>te</u>imoso</b>	<b><u>co</u>itado</b>	<b><u>est</u>ourado</b>

Há resultados diversos, no que se refere à variável *Tonicidade*, relativos à análise do fenômeno em estudo. Enquanto Cabreira (1996) não encontrou resultados expressivos para esse grupo de fatores em sua análise, Paiva (1996) e Araújo (1999) constatam que o fato de o ditongo ocorrer em sílabas tônicas mostra-se favorável à aplicação da regra. Já Silva (2004) e Amaral (2005) verificam que a presença do ditongo em sílabas átonas é que favorece a aplicação da monotongação.

Buscamos, com o controle dessa variável, investigar qual o papel desempenhado pela tonicidade sobre o fenômeno de monotongação. Câmara Jr. (1979) afirma que a tonicidade, em português, é intensiva, isto é, pronunciamos as sílabas tônicas com maior força expiratória do que as sílabas átonas, o que poderia nos levar a crer que sílabas átonas tendem mais à monotongação do que as tônicas. Em contrapartida, Moraes e Wetzels (1992, p.163) defendem que as vogais tônicas em sílabas abertas, em português, são mais longas do que as átonas. Dessa forma, a monotongação, ao ocorrer em sílaba átona, leva a uma redução na duração da sílaba, ao passo que, ao ocorrer em sílaba tônica, a duração dessa sílaba não se altera. Nossa hipótese é, portanto, a de que a monotongação ocorrerá, em nossos dados, preferencialmente em sílabas tônicas.

### 3.6.2.1.3 Classe de Palavras

Em relação ao grupo de fatores *Classe de Palavras*, controlamos:

<b>(i) verbo</b>	ditongo /ej/	ditongo /oj/	ditongo /ow/
	<b><u>de</u>ixar</b>	<b><u>fo</u>i</b>	<b><u>ou</u>vir</b>

**(ii) nome (substantivo e adjetivo)**

ditongo /ej/

peixe

ditongo /oj/

coisa

ditongo /ow/

ouvido**(iii) conjunção**

ditongo /ej/

-

ditongo /oj/

pois

ditongo /ow/

ou**(iv) pronome**

ditongo /ej/

-

ditongo /oj/

-

ditongo /ow/

outro**(v) numeral**

ditongo /ej/

seis

ditongo /oj/

dois

ditongo /ow/

-

**(vi) advérbio**

ditongo /ej/

meio

ditongo /oj/

depois

ditongo /ow/

pouco

Para Amaral (2005) e Toledo (2011), os não verbos favorecem a aplicação da regra de supressão do ditongo/ej/. A nossa hipótese, com base nesses estudos, é a de que haverá menor número de ocorrências de monotongação nos verbos, principalmente nos terminados em ditongo/ej/ e /oj/, visto que, nesses contextos, caso a monotongação ocorra, pode haver perda de informação morfológica. Para termos uma visão melhor sobre as peculiaridades de comportamento de cada ditongo analisado acerca do fenômeno estudado e analisar melhor se nossa hipótese acerca da influência do item lexical sobre a monotongação nos ditongos /oj/ e /ow/ procede, fizemos uma separação um pouco mais detalhada das classes de palavras (verbo, nome, pronome, conjunção, numeral e advérbio). O numeral, por exemplo, por ser próximo de nomes, poderia ter sido analisado junto, entretanto, há propriedades fonológicas, como em depois/dois, que são palavras que têm s no final, fato que não ocorre frequentemente na língua, que merecem ser analisadas separadamente, entre outras.

### 3.6.2.1.4 Localização Morfológica

A quarta variável delimitada por nós foi *Localização Morfológica*. Os fatores considerados foram:

#### (i) Radical

ditongo /ej/  
freira

ditongo /oj/  
coisa

ditongo /ow/  
frouxo

#### (ii) Sufixo verbal

ditongo /ej/  
entregueei

ditongo /oj/  
foi

ditongo /ow/  
cobrouou

#### (iii) Sufixo nominal

ditongo /ej/  
pedreiro

ditongo /oj/  
-

ditongo /ow/  
matadouro

Com relação a essa variável, nossa hipótese pauta-se nos resultados de Cabreira (1996), Lopes (2002) e Toledo (2011). Esses autores constataram mais monotongação em palavras cujo ditongo apresenta-se no radical do que em palavras cujo ditongo ocorre em sufixos. Acreditamos que a monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ irá se manifestar em nossos dados também com maior frequência nos radicais, já que eles não carregam marcas flexionais.

### 3.6.2.1.5 Extensão do Vocábulo

No grupo de fatores *Extensão do vocábulo*, levamos em conta:

#### (i) monossílabo

ditongo /ej/  
sei

ditongo /oj/  
foi

ditongo /ow/  
vou

#### (ii) dissílabo

ditongo /ej/

ditongo /oj/

ditongo /ow/

cheguei

oitopegou**(iii) trissílabo**

ditongo /ej/

deixamos

ditongo /oj/

oitenta

ditongo /ow/

peouquinho**(iv) polissílabo**

ditongo /ej/

prefeitura

ditongo /oj/

cooitadinho

ditongo /ow/

matadouro

O fato de a palavra ter maior número de sílabas pode se mostrar favorecedor da regra da monotongação, tendo em vista que, talvez, palavras com menor número de sílabas tendam a preservar mais o ditongo em função de apresentarem pouco material fonético. Pretendemos, a partir dessa variável, testar a hipótese de que a extensão do vocábulo (monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo) pode favorecer ou não a aplicação da regra de supressão da semivogal dos ditongos investigados. Os estudos de Paiva (1996) e de Aragão (2000) concluíram, por exemplo, que palavras monossílabas monotongam muito menos do que as palavras com mais sílabas, o que corrobora nossa hipótese.

**3.6.2.1.6 Localização do Ditongo na Palavra**

Para a variável *Localização do ditongo na palavra*, consideramos os seguintes fatores:

**(i) fronteira esquerda da palavra**

ditongo /ej/

-

ditongo /oj/

oitenta

ditongo /ow/

outro**(ii) fronteira direita da palavra**

ditongo /ej/

entreguei

ditongo /oj/

oi

ditongo /ow/

acabaou**(iii) interior da palavra**

ditongo /ej/

esteira

ditongo /oj/

cooisas

ditongo /ow/

peouco

Amaral (2005), em seu estudo sobre a monotongação de /ej/, afirma que verbos tendem a preservar mais o ditongo quando ele se encontra em final de palavra. Ao controlarmos esse fator, pretendemos verificar se a regra de monotongação é sensível à informação quanto à posição no interior ou em fronteira de palavra. Acreditamos que haverá mais monotongação em interior de palavra, visto que em fronteira de palavras temos a presença de sufixos flexionais e derivacionais, o que talvez impeça um maior número de ocorrências de aplicação do fenômeno variável.

#### **3.6.2.1.7 Item Lexical**

Julgamos importante controlarmos o grupo de fatores *Item Lexical*, em função de autores como Paiva (1996) já terem sugerido que essa variável pode influenciar nos resultados das análises. Pode ocorrer de alguma palavra específica entre nossos dados apresentar um número muito elevado de ocorrências em detrimento de outras, o que pode levar à falsa impressão de que algum contexto favoreça mais a monotongação do que outros, quando, na verdade, é o item lexical que está exercendo tal influência. Essa é a nossa hipótese com relação aos ditongos /oj/, em praticamente todas as ocorrências de monotongação, e /ow/, para algumas situações específicas.

#### **3.6.2.2 Variáveis Independentes Extralinguísticas**

As variáveis independentes extralinguísticas analisadas em nossa pesquisa serão elencadas a seguir.

##### **3.6.2.2.1 Sexo**

Como de praxe, nos estudos sociolinguísticos, são fatores componentes dessa variável os sexos (i) feminino e (ii) masculino. Nos estudos de Brescancini (2009), a autora constata que os informantes do sexo feminino apresentaram índices superiores de aplicação da regra de monotongação, fator também citado por Cabreira (1996) como favorecedor. Conforme Guy (2008, p.389), estudos em variação apontam que formas inovadoras são mais utilizadas por mulheres. Supomos, contudo, que não haverá



influência significativa do fator sexo na regra de aplicação de monotongação, por acreditarmos que a monotongação seja um fenômeno muito mais influenciado por fatores linguísticos do que por fatores sociais.

#### **3.6.2.2.2 Escolaridade**

No que toca à *Escolaridade*, estratificamos os informantes com: (i) menos de quatro anos de escolaridade e (ii) mais de oito anos de escolaridade. A análise deste fator se justifica pelos estudos de Aragão (2000), de Lopes (2002) e Pereira (2004), em que foi constatado que informantes com menor grau de instrução tendem a monotongar mais.

Em nossa pesquisa, estratificamos nossa amostra em: informantes com até quatro anos de escolaridade e informantes com nove anos ou mais de escolaridade. A expectativa é a de que informantes com maior grau de instrução realizem de forma mais expressiva a preservação dos ditongos e a de que os informantes com menor escolaridade sejam aqueles que apresentem maiores índices de supressão da semivogal nos três ditongos analisados em nossa pesquisa. Cabreira (1996), por exemplo, ao estudar a monotongação dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ constatou que os menos escolarizados monotongaram mais do que os mais escolarizados, tendência também verificada por Lopes (2002) e Farias (2008). Os resultados relativos a esse fator só foram contrariados pelo estudo de Pereira (2004) que, ao estudar os ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na comunidade de Tubarão (SC), constatou que os mais escolarizados monotongaram mais do que os menos escolarizados.

#### **3.6.2.2.3 Localidade**

Consideramos como dimensão de análise as seguintes localidades:

- (i) Rio Grande do Sul: Porto Alegre e Flores da Cunha.
- (ii) Santa Catarina: Florianópolis e Chapecó.
- (iii) Paraná: Curitiba e Pato Branco.

Vieira (2014, p. 53) afirma que “Apesar de o português falado no norte ser compreendido no sudeste, no sul ou centro-oeste, a diversidade de sotaques mostra que, se falamos o mesmo idioma, nós o falamos diferentemente”. A nossa hipótese, então, ao analisar essa variável, é a de que informantes que residem em localidades que preservam

mais as vogais médias /e/ e /o/ talvez monotonguem mais /ej/, /oj/ e /ow/. Para testarmos essa suposição, analisaremos a fala de informantes das localidades elencadas.

#### **3.6.2.2.4 Informante**

Julgamos ser necessário controlarmos o papel do informante, nas nossas análises, pois pode acontecer de um informante apresentar taxas de monotongação superiores ou inferiores à dos demais indivíduos de uma determinada localidade.

Neste capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para procedermos às análises do fenômeno da monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/. Apresentamos a estratificação de nossa amostra e as variáveis linguísticas e extralinguísticas que foram analisadas em nossa pesquisa.

O próximo capítulo trará análises separadas acerca da monotongação de cada ditongo analisado neste estudo (/ej/, /oj/ e ow/), bem como todos os cruzamentos de dados realizados ao longo das análises.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos e discutiremos os resultados provenientes da análise estatística, realizada o pacote GoldVarbX, no que concerne à monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/. Na seção 4.1, pontuaremos os resultados acerca da monotongação do ditongo /ej/. Na seção seguinte, debatemos os resultados acerca da monotongação de /oj/. E, por fim, na seção 4.3, tratamos da discussão dos resultados relativos à monotongação do ditongo /ow/. Após a análise individual de cada ditongo, procedemos às amalgamações e aos cruzamentos de dados e, por fim, realizamos a comparação dos resultados entre os três ditongos analisados.

### 4.1 MONOTONGAÇÃO DO DITONGO /ej/

Conforme anunciado, nesta seção apresentamos e discutimos os resultados relativos à monotongação do ditongo /ej/ (*peixe* ~ *pexe*; *bandeira* ~ *bandera*). Apresentaremos os resultados obtidos a partir de rodada de dados no programa GoldvarbX. Em seguida, procederemos às eliminações e às amalgamações conforme necessidades linguísticas, apresentando os resultados obtidos em termos de seleção de grupos de fatores significativos para nossa análise. Por fim, apresentaremos os resultados acerca dos cruzamentos de dados que se fizerem necessários.

A Tabela 1 mostra os resultados em termos de frequência geral de aplicação do fenômeno variável de monotongação de /ej/ e, também, da preservação do ditongo /ej/ nos dados de fala espontânea que compuseram nosso *corpus*.

**Tabela 1 - Ditongo /ej/: monotongação versus preservação**

Monotongação de /ej/		Preservação do ditongo /ej/	
%	Apl. /Total	%	Apl./Total
35,5%	1864/5245	64,5%	3381/5245

Com relação ao ditongo /ej/, em nossa análise, a monotongação ocorreu em 35,5% do total de dados. Cabreira (1996), Amaral (2005), Toledo (2011) obtiveram resultados semelhantes em suas pesquisas. Em seus dados, o índice de monotongação de /ej/ não ultrapassou os 40% de aplicação da regra. Cabreira (1996) obteve índice de 32% de

aplicação da regra, Amaral (2005) obteve índice de 33%, e Toledo (2011) obteve índice de 35% para dados do VARSUL e de 39% para dados relativos ao NURC.

Nesta primeira rodada de dados, constatamos raros casos de *knockouts*, restritos ao grupo de fatores relacionado ao *contexto fonológico seguinte* ao ditongo /ej/. As variáveis que apresentaram *knockout* dentro deste grupo de fatores foram fricativa alveolar vozeada (0/1), oclusiva labial (0/36) e glotal (0/1). Estes contextos apresentaram número reduzido de ocorrência em nossos dados, por isso, optamos por amalgamá-los por modo de articulação e, logo depois, por ponto de articulação.

Ressaltamos que o grupo de fatores referente à classe gramatical da palavra em que aparece o ditongo /ej/ ficou dividido entre *verbos*, *nomes*, *advérbios* e *numerais* em função de acreditarmos que o *item lexical* pode estar exercendo influência sobre nossos dados. Acreditamos que ficará mais clara a análise dos resultados obtidos a partir dos cruzamentos, organizando este grupo de fatores desta maneira.

Procuramos, a partir dos resultados obtidos, confirmar a nossa hipótese de que a monotongação do ditongo /ej/ apresenta traços, em termos de frequência de aplicação, de fenômenos variáveis. Tomamos por base a categorização proposta por Labov (2003), que divide as regras linguísticas em (i) categóricas, quando a frequência opera em 100% de aplicação da regra, sem nenhuma violação na fala natural; (ii) semicategóricas, com frequência de operação entre 95 a 99% de aplicação e com raras violações e relatáveis; (iii) e variável, com frequência entre 5% e 95%.

A seguir, apresentamos os resultados referentes às variáveis que foram selecionadas pelo programa GoldvarbX como significativas para a nossa análise.

#### **4.1.1 Variáveis Significativas para Monotongação de /ej/**

As variáveis apontadas como estatisticamente relevantes em nosso estudo acerca do fenômeno de monotongação do ditongo /ej/ foram: (i) *Classe de palavras*; (ii) *Localização morfológica do ditongo*; (iii) *Extensão do vocábulo*; (iv) *Contexto seguinte por ponto e por modo de articulação*; e (v) *Localidade*.

A Tabela 2 apresenta os resultados para a variável *Classe de palavras* e o ditongo /ej/.

TABELA 2 – Classe de Palavras e a Monotongação de /ej/

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Verbo	<i>achei</i>	321/2408	13,3	0,62
Nomes	<i>eleitor</i>	1259/2075	60,7	0,44
Numeral	<i>primeiro</i>	276/552	50,0	0,31
Advérbio	<i>meio</i>	8/210	3,8	0,16
<b>TOTAL</b>		<b>1864/5245</b>	<b>35,5</b>	

Input: 0,194

Significance: 0,000

A partir dos resultados, pudemos perceber que há, em nossos dados, bem mais casos de aplicação da regra de monotongação em *nomes* (60,7%) do que em *verbos* (13,3%), apesar de o peso relativo entre os verbos (0,62) ter ficado bem mais elevado do que entre os nomes (0,44). Esse resultado vem ao encontro dos resultados de Amaral (2005), que verificou índice de aplicação de 81% em nomes. Também são resultados próximos aos resultados de Toledo (2011), que obteve 96,1% de aplicação da regra para este ditongo em não verbos.

Nossos resultados talvez se expliquem pelo fato de que há muitos verbos terminados em sufixo verbal /ej/ dentre os dados, podendo haver tendência à preservação da informação morfológica, visto que este ditongo constitui a desinência verbal que marca a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo, como em *pensei*, e a primeira pessoa do singular do futuro do presente do modo indicativo, como em *pensarei*.

A Tabela 3 traz os resultados relativos à localização morfológica do ditongo /ej/ e à monotongação.

TABELA 3 – Localização Morfológica do Ditongo /ej/ e a Monotongação

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Sufixo Nominal	<i>pedreiro</i>	708/792	89,4	0,68
Radical	<i>cheio</i>	1099/3233	34,0	0,60
Sufixo Verbal	<i>achei</i>	57/1220	4,7	0,17
<b>TOTAL</b>		<b>1862/5156</b>	<b>36,1</b>	

Input: 0,194

Significance: 0,000

Nossa hipótese inicial relativa a essa variável, já atestada pelos estudos de Amaral (2005) e de Toledo (2011), era a de que os falantes monotongariam mais palavras em que o ditongo /ej/ aparecesse no radical, do que em palavras em que o ditongo /ej/ aparecesse

em sufixo verbal ou em sufixo nominal. Entretanto, nossos resultados apontam índice bem elevado de monotongação entre os sufixos nominais (89,4%).

Verificando os resultados obtidos, observamos uma taxa de aplicação bastante elevada da regra entre palavras em que o ditongo /ej/ aparece na sequência *-eiro/-eira* (1478 ocorrências entre nossos dados). Desse número, em apenas 686 ocorrências, essa sequência não se trata de sufixo nominal (como em *queira*, em *dinheiro* ou em *feira*, por exemplo). Nas 792 ocorrências restantes, em todas as situações em que ocorre a sequência *-eiro/-eira*, temos casos de sufixos nominais nas palavras (como em *passageira*, *parteira*, *arrozeiro*, *galinheiro*, por exemplo). Talvez estejamos tendo influência de possível lexicalização da sequência *-eiro/eira*, o que pode estar levando os falantes a produzirem essa sequência, automaticamente, sem o *glide*. As tabelas com os types e tokens em que há a sequência *-eiro* ou *-eira*, seja em sufixo nominal ou não, encontram-se nos Anexos 3 e 4.

Outra hipótese é a provável influência do grupo de fatores que se refere à *classe de palavras* das palavras em que aparece o ditongo /ej/. Isso porque todo *sufixo verbal* vai estar presente entre os dados de *verbos*, e grande parte do grupo *radical* talvez se insira entre o grupo concernente ao *nome*, o que gera não ortogonalidade em nossos dados. Discutiremos melhor essa questão quando realizarmos o cruzamento de dados em seção posterior. A Tabela 4 apresenta os resultados acerca da influência que a *Extensão do vocábulo* pode exercer sobre o fenômeno da monotongação de /ej/.

**TABELA 4 – Extensão do Vocábulo e a Monotongação de /ej/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Dissílaba	<i>cantei</i>	450/2004	22,5	0,64
Trissílaba	<i>dinheiro</i>	1027/1854	55,4	0,59
Polissílaba	<i>engenheiro</i>	374/676	55,3	0,54
Monossílaba	<i>sei</i>	13/693	1,9	0,04
<b>TOTAL</b>		<b>1864/5245</b>	<b>35,5</b>	

Input: 0,194

Significance: 0,000

A *Extensão do Vocábulo* mostrou resultados semelhantes ao que apontaram Paiva (1996) e Aragão (2000). Esses autores defendem que palavras monossilábicas desfavorecem o fenômeno da monotongação de /ej/.

Em nossos dados, das 693 ocorrências de palavras monossílabas com ditongo /ej/, apenas 1,9% delas monotongaram, totalizando 13 dados, ao passo que as que mais

monotongaram foram as trissílabas (55,4% de índice de aplicação da regra) e as polissílabas (55,3% de índice de aplicação da regra). Tais dados talvez nos sugiram que as palavras com menor extensão, como a palavra *sei* ou *dei*, por exemplo, monotonguem menos em função de terem menos material fonético gerador de informações morfológicas do que palavras mais extensas, como a palavra *perfeitamente*. Isso pode levar o falante a preferir não monotongar palavras monossílabas.

Outra questão a ser pontuada diz respeito ao fato de, entre as palavras monossílabas, provavelmente, encontrarmos muitas ocorrências do verbo *sei* (temos 529 verbos entre palavras monossílabas de nossos dados. Desses, 512 ocorrências são com o verbo *sei*). Costa (2003) salienta, em sua pesquisa acerca do ditongo /ej/, que pode haver alta frequência de preservação do ditongo em formas irregulares como o verbo *sei*, por exemplo, porque, geralmente, essas palavras se tornam itens com autonomia lexical.

Na Tabela 5, temos os resultados referentes ao contexto fonológico seguinte ao ditongo /ej/ organizados por modo de articulação.

**TABELA 5 – Modo de Articulação e a Monotongação de /ej/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Tepe	<i>dinheiro</i>	1399/1546	90,5	0,96
Fricativas	<i>peixe</i>	344/861	40,0	0,71
Nasal	<i>teimar</i>	20/324	6,2	0,23
Pausa	<i>entreguei</i>	3/49	6,1	0,29
Oclusivas	<i>deitar</i>	53/1276	4,2	0,10
Vogal	<i>meia</i>	44/1101	4,0	0,10
<b>TOTAL</b>		<b>1864/5245</b>	<b>35,5</b>	

Input: 0,194

Significance: 0,000

A análise dos dados concernentes a modo de articulação nos aponta que os segmentos que mais exercem influência sobre a aplicação da regra de monotongação de /ej/ são o tepe e a fricativa. Entre o contexto seguinte tepe, chegamos ao índice de 90,5% de aplicação. Já entre as fricativas, o resultado foi menos categórico, não ultrapassando 50% de aplicação da regra. As demais variáveis não exerceram influência significativa sobre a monotongação de /ej/.

Nossos resultados vão ao encontro do que já constataram os autores Cabreira (1996), Amaral (2005), Brescancini (2009), Toledo (2011) e Haupt (2011) para as

fricativas, e os autores Cabreira (1996), Paiva (1996), Lopes (2002), Pereira (2004), Amaral (2005), Toledo (2011) e Haupt (2011) para o contexto tepe.

A partir destas evidências, começa a se descortinar, para nós, o panorama de uma forte influência do contexto tepe entre palavras cuja sequência seja *-eiro/-eira*, em nossos dados, visto que sempre que nos deparamos com essa sequência nas palavras, o contexto seguinte a /ej/ é o contexto fonológico tepe. Esse fator também pode estar exercendo grande influência entre o elevado número de monotongações entre palavras cujo sufixo nominal é *-eiro/-eira*.

O cruzamento entre contexto fonológico seguinte e localidade morfológica do ditongo e um cruzamento entre número de sílabas (o sufixo *-eiro/-eira* aparecerá, obrigatoriamente, em palavras com mais de duas sílabas) poderá reforçar essa hipótese. A Tabela 6 mostra a relação da variável *Contexto Seguinte por ponto de articulação* e a monotongação de /ej/.

**Tabela 6 - Ponto de Articulação e Monotongação de ej**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Coronal	<i>feira</i>	1792/3517	50,9	0,65
Dorsal e glotal	<i>manteiga</i>	16/267	6,0	0,52
Pausa	<i>pensei</i>	3/49	6,1	0,49
Vogal	<i>meia</i>	44/1101	4,0	0,12
Labial	<i>teimar</i>	8/223	3,6	0,41
<b>TOTAL</b>		<b>1864/5245</b>	<b>35,5</b>	

Input: 0,221      Significance: 0,008

Os dados com relação ao ponto de articulação no que tange ao contexto seguinte ao ditongo /ej/ demonstraram que o contexto mais favorecedor para a aplicação da regra de monotongação é o coronal, com 50,9% de aplicação. Os demais contextos relacionados a ponto de articulação não demonstraram resultados expressivos para a aplicação da regra de monotongação deste ditongo.

Este resultado pode, talvez, explicar-se pelo fato de que, entre as coronais, temos o contexto tepe, o que pode estar impulsionando os resultados de forma a obtermos índices elevados de monotongação entre as palavras aqui agrupadas. A Tabela 7 apresenta os resultados acerca da variável Localidade, em relação à monotongação de /ej/.



**TABELA 7 - Localidade e a Monotongação de /ej/**

<b>Fator</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Florianópolis	412/924	44,6	0,65
Curitiba	293/824	35,6	0,48
Flores da Cunha	224/618	36,2	0,47
Chapecó	286/866	33,0	0,47
Pato Branco	283/865	32,7	0,47
Porto Alegre	366/1148	31,9	0,43
<b>TOTAL</b>	<b>1864/5245</b>	<b>35,5</b>	

Input: 0,194      Significance: 0,000

É possível percebermos, analisando os resultados apresentados, que as localidades de Florianópolis (SC), Flores da Cunha (RS) e Curitiba (PR) foram as cidades que mais apresentaram supressão da semivogal no ditongo /ej/.

A hipótese inicial era a de que cidades analisadas em nossa amostra e atestadas pela literatura como preservadoras de vogal média (Flores da Cunha, Chapecó e Curitiba) apresentariam maior índice de monotongação do que cidades que elevam a vogal média (Porto Alegre, Florianópolis e Pato Branco). As taxas de aplicação de monotongação do ditongo /ej/, contudo, mostraram-se baixas na maioria das localidades estudadas e muito próximas entre si, impedindo a confirmação de nossa hipótese. Há apenas uma maior tendência à monotongação entre os informantes de Florianópolis, mas não de forma muito acentuada.

Por fim, com o objetivo de confirmarmos nossa hipótese de que os fatores extralinguísticos não exercem influência tão significativa na monotongação de /ej/ quanto os fatores linguísticos, procedemos a vários cruzamentos (entre localidade, sexo, escolaridade) e os diversos fatores linguísticos analisados nesta pesquisa. O que constatamos é que nenhum deles se mostrou significativo a ponto de revelar influência sobre o fenômeno no ditongo estudado. A única variável que mostrou resultado relativamente significativo foi a que se refere à localidade em que residem os informantes, pois percebemos que os florianopolitanos são bastante inovadores, monotongando /ej/ mais do que as outras cidades palavras investigadas, Essa relevância de Florianópolis, por sinal, manteve-se em todos os cruzamentos, independentemente do fator linguístico com que cruzamos a variável Localidade.

#### 4.1.2 Cruzamento de Dados sobre o Ditongo /ej/

Após a análise dos resultados que foram selecionados pelo programa GoldvarbX como significativos para nossa análise, realizamos alguns cruzamentos de dados para esclarecermos resultados que nos chamaram atenção. Partindo da observação de obtivemos maior índice de monotongação entre nomes (60,7%) do que entre verbos (13,3%), perguntamo-nos se este resultado se deve ao fato de contarmos com muitos verbos na amostra que apresentam a terminação /ej/ em fronteira direita de palavra. Esses verbos, ou vêm conjugados na primeira pessoa do singular, no pretérito perfeito (como em *pensei* ou como em *ganhei*), ou na primeira pessoa do singular, futuro do presente do modo indicativo (como em *pensarei* ou como em *ganharei*).

Dessa forma, o que se percebe ao não se monotongar esses verbos é a possível tentativa dos falantes de preservarem informação morfológica nestas palavras. Para confirmarmos nossa hipótese, sentimos a necessidade de realizarmos três cruzamentos: o primeiro, entre classe de palavra e localização do ditongo na palavra (se em fronteira direita ou se em interior de palavra). O segundo, entre classe de palavras e tonicidade (visto que, se o ditongo /ej/ se encontrar tanto no sufixo verbal, como em *perguntei*, quanto no sufixo nominal, como em *pedreiro*, ele comporá, também, a sílaba tônica da palavra), e o terceiro, entre classe de palavra e localização morfológica do ditongo /ej/ na palavra. O Gráfico 1 resume o cruzamento entre a localização do ditongo na palavra e a classe gramatical a que a palavra com o ditongo pertence.

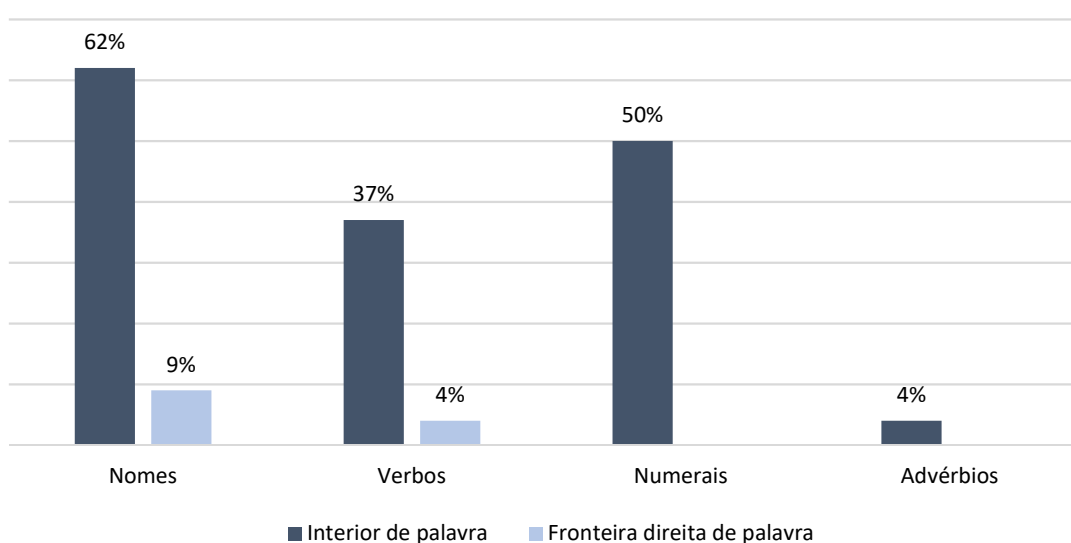
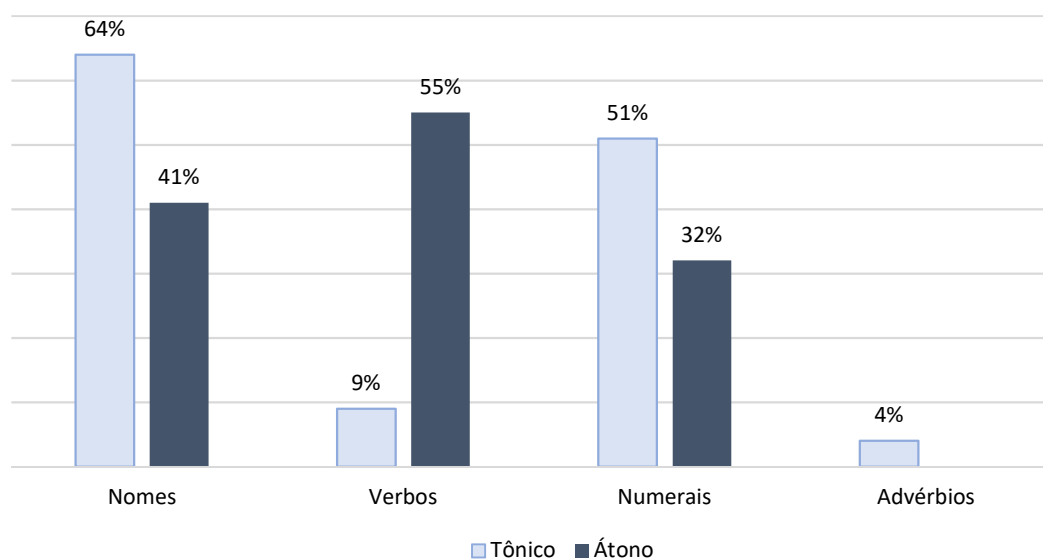


Gráfico 1 - Localização do ditongo na palavra e classe de palavras

Observando o primeiro cruzamento já foi possível percebermos que, quando o ditongo /ej/ se encontra em interior de palavra, como em *peixe*, ou *deitar*, o índice de monotongação é bem mais elevado do que quando se encontra em fronteira direita de palavra, como em *entrei* ou como em *lei*. Entre os nomes, por exemplo, o índice em interior de palavra chegou a 62% de monotongação, enquanto em fronteira direita de palavra ficou em 9%. Entre os verbos, o resultado não foi diferente. Entre os nomes, o índice de monotongação em interior de palavra ficou em 37%, enquanto em fronteira direita de palavra ficou em 4%.

O Gráfico 2 a seguir traz os resultados referentes ao cruzamento entre classe de palavra e tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo /ej/.



**Gráfico 2 - Classe de Palavras e Tonicidade**

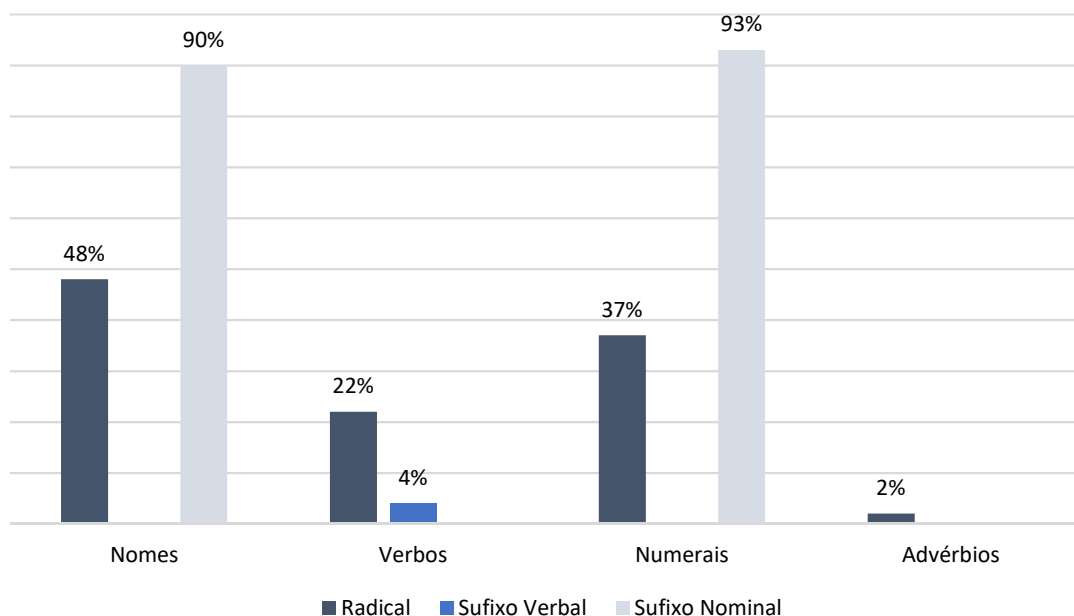
Obtivemos, entre os verbos, índice mais elevado de monotongação entre as palavras átonas. Já entre os nomes, o índice de monotongação ficou mais elevado entre as palavras tônicas.

O resultado referente a esta classe de palavras novamente confirma a possibilidade de que, provavelmente, os verbos em primeira pessoa do singular no pretérito perfeito (como *pensei* ou *falei*) e no futuro do presente do modo indicativo (como em *pensarei* ou *falarei*) presentes em nossos dados talvez estejam influenciando o reduzido número de

monotongação entre as palavras tônicas. Isso pelo fato de o ditongo /ej/, nessas marcas flexionais, apresentar-se em sílaba tônica. Se a tendência das pessoas é evitar a monotongação quando percebem a necessidade de se preservar informação morfológica na palavra, a tendência lógica, aqui, é que se monotonguem menos as palavras em que o /ej/ apareça em sufixo verbal (visto que comporá a sílaba tônica das palavras). Nossos dados parecem corroborar essa hipótese.

Já com relação aos nomes (como em *pedreiro* ou em *feira*) e com relação aos numerais (como em *primeiro* ou em *terceiro*), o índice de monotongação ficou bem mais elevado entre sílabas tônicas do que entre sílabas átonas. Talvez o fato de o ditongo /ej/ aparecer na sequência *-eiro/eira* esteja exercendo influência sobre o alto índice de monotongação entre nomes e numerais, uma vez que, quando isso acontece, /ej/ acaba, geralmente, ficando na sílaba tônica da palavra. Entre as palavras com a sequência *-eiro*, em nossos dados, não há nenhuma que não seja tônica. Entre as que apresentam a sequência *-eira*, temos algumas ocorrências em sílabas átonas, não excedendo 83 ocorrências, como nas palavras *financeiramente*, *verdadeiramente*, *feirantes*, *abrasileiraram* ou *madeiramento*, por exemplo.

Essas constatações geram a necessidade de cruzarmos a informação referente à classe de palavra do item em que se encontra o ditongo /ej/ e a localidade morfológica do ditongo (se no radical, no sufixo verbal ou no sufixo nominal). Procedendo a este cruzamento, provavelmente, teremos uma visão da possibilidade de que, entre nomes, o índice de monotongação seja elevado em função de o ditongo /ej/ fazer parte da sequência *-eiro/eira*, além de confirmarmos, novamente, a hipótese de que, entre os verbos, se o ditongo /ej/ encontrar-se em sufixo verbal, o índice de monotongação será bem reduzido. O Gráfico 3 mostra esses resultados.



**Gráfico 3 - Classe de palavras e Localidade Morfológica**

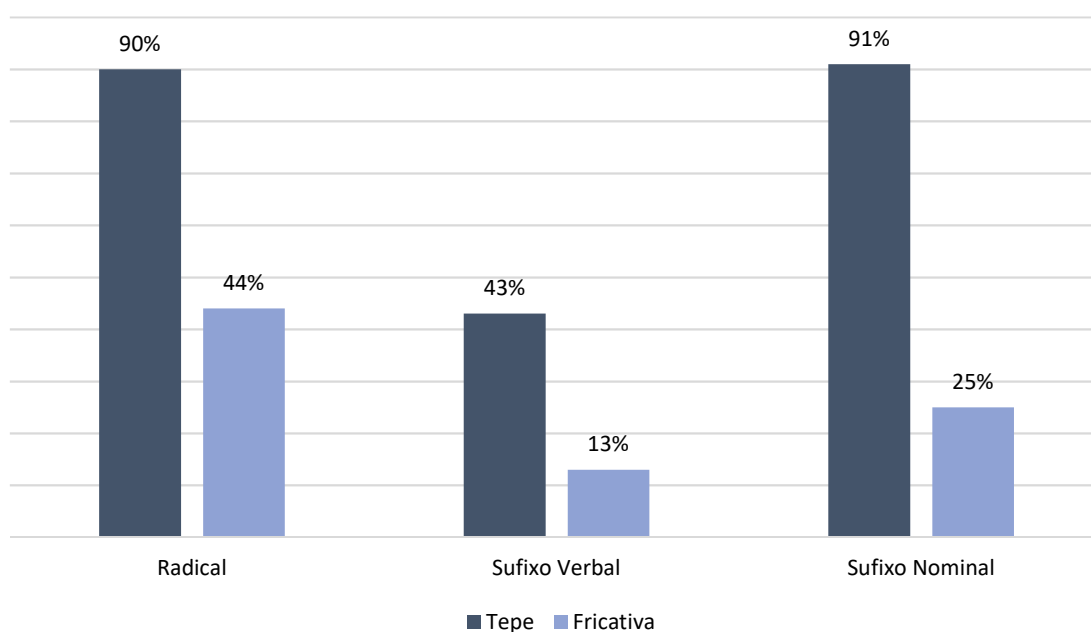
A partir dos dados observados no Gráfico 3, percebemos que, entre os verbos, quando o ditongo /ej/ apresenta-se em sufixo verbal, como em *entreguei*, por exemplo, a monotongação alcança, no máximo, índice de 4% de aplicação da regra. Esse resultado corrobora nossa hipótese de que, provavelmente, o fato de os falantes sentirem necessidade de preservarem a informação morfológica presente nos sufixos verbais constituídos do ditongo /ej/ em fronteira direita de palavra leve-os a índices reduzidos de monotongação nestes contextos.

Já entre os nomes e entre os numerais é possível observarmos que o índice de monotongação em sufixo nominal ficou bastante elevado. Entre os nomes, obtivemos índice de 90% de aplicação da regra, e entre os numerais os índices ficaram em 93% de aplicação da regra de monotongação. Novamente temos confirmada nossa hipótese de que o fato de termos muitas palavras com a sequência *-eiro/eira* entre nossos dados pode estar exercendo influência no alto índice de monotongação entre os nomes e os numerais.

Não podemos deixar de analisar, contudo, o fato de que o ditongo /ej/ vem seguido do contexto *tepe* nas sequências *-eiro* e *-eira* (como em *sapateiro* ou como em *terceiro*). A literatura pesquisada atesta esse contexto como altamente favorecedor da monotongação do ditongo /ej/, o que nos conduz à necessidade de realização do cruzamento entre localidade morfológica em que se encontra o ditongo /ej/ (se em sufixo verbal, em sufixo nominal, ou se no radical) e contexto fonológico seguinte para

verificarmos se há alguma influência desta variável entre nossos índices. Nossa hipótese, portanto, é a de que, talvez, o tepe possa estar influenciando o alto índice de monotongação entre sufixos nominais em que o ditongo /ej/ se encontra.

O Gráfico 4 mostra os resultados acerca do cruzamento entre localidade morfológica do ditongo na palavra e contexto fonológico seguinte ao ditongo /ej/. Os contextos fonológicos oclusiva, vogal, nasal, pausa e lateral não serão apresentados no gráfico, e sim apenas tepe e fricativa, porque, ou não atingiram mais do que 20% de índice de aplicação em nenhum dos cruzamentos realizados entre palavras que apresentam o ditongo /ej/ no radical, no sufixo verbal ou no sufixo nominal, ou porque não apresentaram mais do que dez ocorrências entre os dados obtidos na análise.

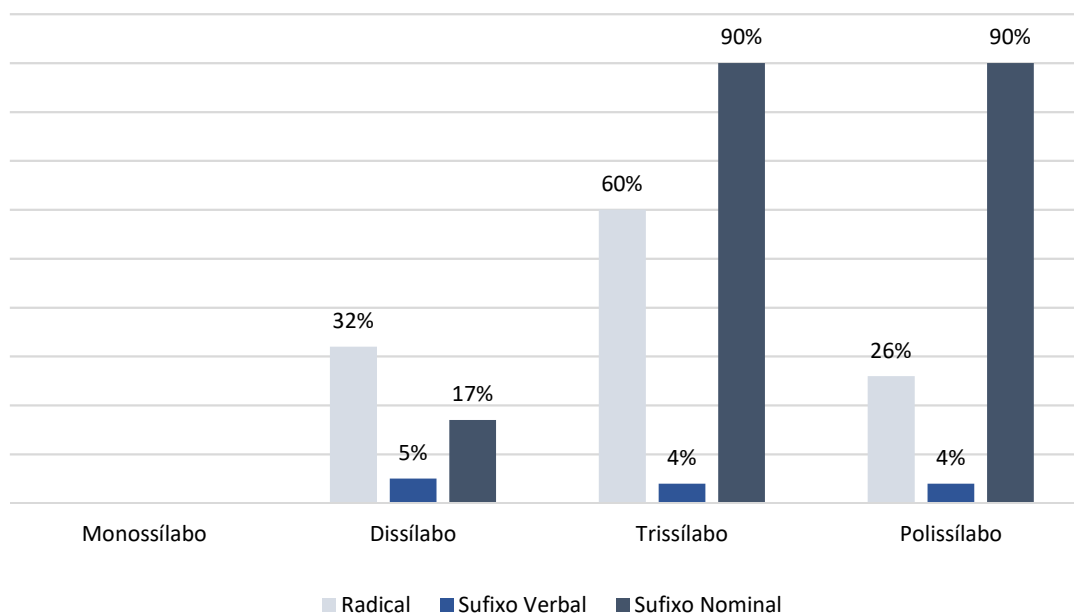


**Gráfico 4 - Localidade morfológica e Contexto Fonológico Seguinte**

Analisando os dados apresentados no gráfico, fica nítida a influência do contexto tepe na aplicação da regra de monotongação em todas as localidades morfológicas em que ocorre o ditongo /ej/ (radicais, sufixos verbais ou sufixos nominais). Essa constatação leva à indefinição com relação à nossa hipótese de que seja o sufixo -eiro/-eira que esteja sendo monotongado. Parece-nos mais que o contexto tepe seja um dos grandes influenciadores nos casos de monotongação de /ej/ entre nossos dados.

Outro cruzamento que decidimos fazer foi entre o número de sílabas e a localidade morfológica do ditongo na palavra. Nossa hipótese é a de que, confirmando nossa suspeita

de que as palavras com a sequência *-eiro/eira* podem estar influenciando o alto índice de monotongação entre nomes em nossos dados, o índice de monotongação entre palavras cujo ditongo /ej/ se encontra em radicais ou entre sufixos nominais cuja palavra é trissílaba (como em *cheirando*, *primeiro*, *terceiro*) ou polissílaba (como *faxineira* ou *madeira*) apresentará índice mais elevado. O Gráfico 5 apresenta os resultados de nossa análise.



**Gráfico 5 - Extensão do Vocabulo e Localidade Morfológica**

A partir desse gráfico, fica possível confirmar nossa hipótese de que, entre palavras trissílabas e polissílabas, a monotongação ocorre muito mais entre aquelas em que o ditongo se encontra em sufixo nominal, como em *pedreiro*, e em *madeira*, e entre palavras trissílabas cujo ditongo /ej/ ocorra em radical, como em *madeira*, ou como em *dinheiro*. Essas ocorrências se justificam porque, apresentando-se em palavras que apresentam as sequências *-eiro* e *-eira*, as palavras não poderão ter menos do que três sílabas, e nós temos um número bem elevado dessas palavras entre nossos dados.

Na subseção seguinte, apresentaremos os resultados acerca de nossa análise sobre a monotongação do ditongo /oj/, bem como os resultados obtidos a partir dos cruzamentos realizados entre as variáveis.

#### 4.2 MONOTONGAÇÃO DO DITONGO /oj/

Nesta seção, discutimos os resultados concernentes à monotongação do ditongo /oj/ (*depois* ~ *depos*; *dois* ~ *dos*). Em primeiro lugar, apresentaremos os resultados referentes a uma primeira rodada de dados. Em seguida, descreveremos as eliminações e amalgamações realizadas, expondo os índices e pesos alcançados em termos de seleção de grupo de fatores que o programa GoldvarbX selecionou como significativos para nossa análise.

Apenas com relação a este ditongo, contudo, como foram poucos os grupos de fatores selecionados pelo programa (apenas localidade e item lexical) julgamos pertinente apresentarmos, após a subseção destinada aos resultados selecionados como significativos, as tabelas referentes aos resultados obtidos (na rodada com as amalgamações e eliminações) que não foram selecionados pelo programa como significativos para a nossa análise, a fim de podermos proceder à discussão linguística acerca dos dados.

Após a apresentação desses resultados não selecionados pelo programa, apresentaremos os cruzamentos de dados que julgarmos necessários, a partir das observações feitas através dos resultados obtidos. A Tabela 8 mostra os resultados gerais obtidos tanto no que diz respeito à monotongação de /oj/ quanto em relação à preservação do ditongo.

**Tabela 8 - Ditongo /oj/: monotongação versus preservação**

Monotongação de /oj/		Preservação do ditongo /oj/	
%	Apl. /Total	%	Apl./Total
2,8%	100/3513	97,2%	3413/3513

No que diz respeito ao ditongo /oj/, nossa análise aponta resultado de 2,8% de aplicação da regra de monotongação, ou seja, 100 ocorrências de monotongação num total de 3513 dados. Tal resultado indica que o fenômeno de monotongação desse ditongo específico talvez não se configure como um fenômeno variável de fato, visto sua natureza semicatóricas no que tange à não aplicação da regra de monotongação (índice de aplicação inferior a 5%). Meneghini (1983), Paiva (1996) e Haupt (2011) também constataram baixo índice de aplicação para a regra de monotongação de /oj/ em seus dados.



A primeira rodada de dados acerca do ditongo /oj/ resultou em vários *knockouts*, o que nos levou a eliminarmos alguns dados e a amalgamarmos outros. Do grupo de fatores referente à classe gramatical, foi preciso eliminar a classe interjeição, em função de termos obtido sete palavras dessa classe entre nossos dados, mas nenhuma ocorrência de monotongação entre eles (0% de índice de aplicação), o que resultou em *knockout*.

Com relação ao grupo de fatores concernentes à extensão do vocábulo, obtivemos 0% de índice de aplicação da regra entre as palavras trissílabas (0/169), o que resultou em *knockout*. Optamos, entretanto, pela amalgamação desta variável com a variável referente às palavras proparoxítonas, sob pena de perdermos 169 dados de nossa pesquisa.

Com relação ao grupo de fatores concernentes ao contexto fonológico seguinte, amalgamamos, primeiramente, os dados de acordo com modo de articulação. Os contextos analisados foram fricativo, oclusivo, tepe, nasal, vogal e pausa.

Num segundo momento, amalgamamos os dados referentes a contexto fonológico seguinte conforme o ponto de articulação. Os contextos analisados foram labial, coronal, dorsal, vogal e pausa.

É importante pontuar, também, que as análises acerca da monotongação de /oj/ realizadas até então nesta pesquisa dão conta de que há baixo índice de monotongação deste ditongo nos dados de fala de todos os informantes entre todas as cidades analisadas, o que a literatura resenhada nesta tese já nos apontou. Entretanto, alguns resultados gerais nos chamam atenção e vêm ao encontro, inclusive, dos estudos de Brescancini (2009). Eles se referem, por exemplo, aos dados obtidos entre falantes da cidade de Florianópolis (SC), no que concerne a palavras cujo ditongo /oj/ vem seguido de contexto fricativo, em palavras como *pois*, *depois* ou *dois*.

Essa observação instigou-nos a realizar uma rodada de dados em que analisamos quantas e quais palavras são favorecedoras do fenômeno da monotongação e quais são favorecedoras da manutenção do ditongo /oj/, tentando descobrir que (e se) fatores linguísticos e extralinguísticos exercem influência sobre a monotongação nas palavras de nossos dados, ou se são algumas palavras específicas que são monotongadas, em detrimento de outras.

A fim de confirmarmos (ou não) nossa hipótese acerca da provável influência de alguns itens lexicais e de alguns contextos fonológicos seguintes ao ditongo /oj/ em nossa pesquisa, codificamos cada palavra, em nossos dados, que apresenta o ditongo /oj/ e submetemos essa codificação à análise estatística a partir do programa GoldvarbX. Foi

necessário, no entanto, eliminarmos as palavras que não apresentaram índice de monotongação, pois geraram vários *knockouts*. São elas *noite* (0/189), *oitenta* (0/55), *dezoito* (0/40), *coitada* (0/21), *coisinha* (0/18), *noivo* (0/17), *apoio* (0/15), *boi* (0/10), *oitava* (0/7), *Moisés* (0/5), *Goitacazes* (0/5), *oi* (0/4), *Oitila* (0/3), *toicinho* (0/3), *biscoito* (0/3), *apoiando* (0/3), *coisão* (0/2), *noivei* (0/2), *doida* (0/2), *noitada* (0/2), *Toigo* (0/2), *apoiado* (0/2), *coice* (0/2), *apoiavam* (0/1), *coisarada* (0/1), *goiaba* (0/1), *boizinho* (0/1), (0/1) e *Boiteux*(0/1).

Assim, dos 38 types, entre os nossos 2991 tokens que apresentam o ditongo /oj/ em sua constituição, apresentaremos os resultados apenas acerca das palavras *depois* (38/673), *dois* (34/368), *coisa* (14/1011), *pois* (5/55), *foi* (4/822), *oito* (2/155), *oitocentos* (1/5), *coitadinho* (1/4) e *noivou* (1/2), únicas palavras que não apresentaram *knockouts* nos dados.

#### 4.2.1 Variáveis Significativas para a Monotongação de /Oj/

As variáveis apontadas como significativas na análise referente ao processo de monotongação de /oj/ forma: (i) Localidade; (ii) Item lexical. Cabe pontuar, contudo, que não poderemos realizar nossa análise observando apenas percentuais ou pesos relativos, uma vez que o número de ocorrências de palavras que monotongam, em nossos dados, é bastante reduzido. Do total de 2940 palavras na rodada já sem os *knockouts* e com as amalgamações necessárias, obtivemos apenas 100 ocorrências de palavras que monotongaram, num índice de aplicação de 3,4%. Na Tabela 9, apresentamos os resultados relativos ao grupo de fatores *Localidade*.

**Tabela 9 - Localidade e Monotongação de /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Florianópolis	70/441	15,9	0,94
Flores da Cunha	13/433	3,0	0,66
Porto Alegre	11/652	1,7	0,61
Curitiba	3/504	0,6	0,27
Pato Branco	2/525	0,4	0,21
Chapecó	1/385	0,3	0,14
<b>TOTAL</b>	<b>100/2940</b>	<b>3,4%</b>	

Input: 0,007      Significance: 0,041

Entre as cidades analisadas, a que apresentou maior índice de aplicação de monotongação de /oj/ foi Florianópolis (SC), com 15,9% de índice de aplicação. É importante referirmos que os casos de monotongação que ocorreram na cidade de Florianópolis ficaram restritos às palavras *pois*, *dois* e *depois*, em que os informantes pronunciavam o /s/ como fricativa /ʃ/, o que vem ao encontro dos estudos de Brescancini (2009) acerca da fricativa palatal em coda. Flores da Cunha (RS) apareceu em segundo lugar como cidade em que os falantes mais monotongam o ditongo /oj/, com 3,0%, seguida por Porto Alegre, com índice de aplicação de 1,7%.

Os índices de aplicação entre as cidades de Florianópolis (SC), Flores da Cunha (RS) e Porto Alegre (RS) não nos sugerem que essas cidades sejam favorecedoras da monotongação do ditongo /oj/. As ocorrências, nessas localidades, restringem-se a contextos de fricativa palatal em coda, como em *depois*, ou como em *dois*, e a contexto fricativo alveolar vozeado, como em *foi zerado*, por exemplo, em que o informante pronunciava a expressão com muita velocidade. Não analisamos, contudo, a variável (velocidade da fala) entre nossos dados, o que não nos permite formularmos generalizações.

A nossa próxima análise diz respeito ao item lexical e a influência que, talvez, possam exercer sobre a regra da monotongação de /oj/. A Tabela 10 apresenta os dados referentes às palavras que apresentaram algum índice de monotongação entre as palavras relacionadas em nossa pesquisa. (A relação com todas as palavras, a frequência de cada uma e os índices de aplicação e de não aplicação da regra de monotongação está no Anexo 2.)

**Tabela 10 - Item lexical e a monotongação de /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Oitocentos	1/6	16,7	0,95
Noivou	1/2	50%	0,91
Pois	5/55	9,1	0,89
Dois	34/368	9,2	0,86
Coitadinho	1/4	25,0	0,76
Depois	38/673	5,6	0,75
Oito	2/155	1,3	0,37
Coisa	14/1011	1,4	0,35
Foi	4/666	0,6	0,20
<b>Total</b>	<b>100/2940</b>	<b>3,4%</b>	

Input: 0,00

Significance: 0,041

A partir dos resultados da Tabela 10, pudemos perceber que, do total de 2940 dados de palavras com o ditongo /oj/ analisadas nesta rodada, apenas 100 palavras foram monotongadas pelos falantes, em um índice de aplicação de 3,4%. O resultado corrobora nossa constatação, já baseada na literatura resenhada, de que quase não ocorre a monotongação do ditongo /oj/. O nosso objetivo, portanto, ao observar os itens lexicais que apresentam o ditongo /oj/ é o de verificar se, de fato, o contexto seguinte fricativo exerce a influência que julgamos que exerça sobre o fenômeno e se há algum outro fator que não tenhamos percebido como pertinente com relação a este ditongo, mas que mereça uma análise mais atenta.

Observamos, entre os 38 types encontrados em nossos dados que apresentam o ditongo /oj/ em sua constituição, que os únicos que monotongam são as palavras *dois*, com índice de 9,2%; *pois*, com índice de 9,1%; *depois*, com índice de 5,5%; *oito*, com índice de 1,3% (2/155); *coisa*, com índice de aplicação de 1,4% (14/1011); *foi*, com índice de 0,6% de aplicação; *noivou*, com índice de 50% (1/2); *coitadinho*, com índice de 25,0%; e *oitocentos*, com índice de 16,7%.

Esses resultados nos alertam para o fato de que o contexto fricativo exerce influência sobre a monotongação de /oj/ de forma bastante acentuada, em palavras como *depois*, *pois* e *dois*, por exemplo, que foram as que apresentaram número de ocorrências de monotongação mais elevado em nossos dados. Precisaremos, entretanto, realizar alguns cruzamentos a fim de refletirmos melhor sobre os resultados obtidos.

Antes, contudo, apresentaremos os resultados referentes às variáveis não selecionadas pelo programa como significativas para a nossa análise, porque entendemos que, ao não apresentarmos estes resultados, perderemos informações interessantes acerca das especificidades deste ditongo.

#### 4.2.2 Variáveis para a análise de /Oj/

Como o programa não selecionou quase nenhuma variável como significativa para o ditongo /oj/, achamos importante apresentarmos as variáveis apontadas como estatisticamente não relevantes ao nosso estudo. As variáveis que não foram consideradas significativas pelo programa foram: (i) Tonicidade; (ii) *Classe gramatical*; (ii) *Localidade*

*morfológica do ditongo; (iii) Extensão do vocábulo; (iv) Contexto seguinte por ponto e por modo de articulação; e (v) Localidade.*

A Tabela 11 apresenta os resultados referentes à tonicidade da palavra em que se encontra o ditongo /oj/ e a relação com a monotongação deste ditongo.

**Tabela 11 - Tonicidade e a Monotongação de /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>
Átono	<i>coitadinho</i>	3/16	18,8%
Tônico	<i>depois</i>	97/2924	3,3%
<b>TOTAL</b>		<b>100/2940</b>	<b>3,4%</b>

Como é possível perceber a partir dessa tabela, os resultados apontam que as palavras átonas favorecem a aplicação da regra de monotongação do ditongo /oj/ (3 aplicações em 16 ocorrências, totalizando 18,8% de índice), enquanto que as palavras tônicas apresentam índice bem reduzido de aplicação da regra (97 aplicações em 2924 ocorrências, num total de 3,3% de índice de aplicação da regra). Ao observarmos, contudo, o número de palavras monotongadas entre nossos dados, desconsiderando percentuais, percebemos que as palavras que mais monotongam são as tônicas. Talvez, em função desses números, o programa não tenha selecionado esta variável como significativa para nossa análise, o que reforça a ideia acerca da possibilidade de o item lexical estar influenciando os resultados da monotongação em /oj/ muito mais do que as demais variáveis analisadas.

A seguir, apresentamos a Tabela 12, com os resultados acerca da influência da *Classe de Palavras* e a monotongação de /oj/.

**Tabela 12 - Classe de palavras e a monotongação de /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>
Conjunção	<i>pois</i>	5/53	9,4%
Numeral	<i>oitocentos</i>	36/528	6,8%
Advérbio	<i>depois</i>	38/673	5,6%
Nomes (subst./adj)	<i>coisa</i>	16/1022	1,6%
Verbo	<i>foi</i>	5/664	0,8%
<b>TOTAL</b>		<b>100/2940</b>	<b>3,4%</b>

Novamente, nossa hipótese é a de que o item lexical esteja exercendo influência sobre os índices e, em função disso, esses resultados não foram selecionados pelo programa como significativos para nossa análise.

Os resultados apontam como favorecedoras para a aplicação da regra de monotongação em /oj/ as palavras que assumem a classe gramatical de conjunção (9,4% em 5 casos de 53 ocorrências), numeral (6,8% em 36 casos de 528 ocorrências) e advérbios (5,6% em 38 casos de 673 ocorrências). Com relação aos nomes (1,6% de índice de monotongação em 16 ocorrências entre 1022 dados) e aos verbos (0,8% de índice em 5 ocorrências de monotongação em 664 dados), percebemos que não há tendência à monotongação entre essas classes de palavras.

Da mesma forma, que com relação às análises anteriores, julgamos que não temos índices suficientemente robustos para que possamos tecer generalizações acerca do favorecimento ou não das variáveis aqui analisadas para a monotongação do ditongo /oj/. Ainda acreditamos que o item lexical esteja influenciando os nossos números.

A Tabela 13 apresenta os resultados relativos à variável *Número de Sílabas*.

**Tabela 13 - Número de sílabas e a monotongação /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>
Polissílaba	<i>coitadinho</i>	2/14	14,3%
Monossílaba	<i>foi</i>	43/1082	4,0%
Dissílaba	<i>depois</i>	55/1844	3,0%
<b>TOTAL</b>		<b>100/2940</b>	<b>3,4%</b>

Os resultados apresentados nesta tabela dão conta de que, quando o ditongo /oj/ aparece em palavras polissílabas, o índice de monotongação é maior do que quando aparece em monossílabas ou dissílabas. Entretanto, o índice de 14,3% de aplicação da regra de monotongação para palavras polissílabas, bem como o número de ocorrências (2/14) não corroboram a observação de que haja a tendência em se monotongar palavras mais extensas (até porque é preciso lembrar que amalgamamos as palavras trissílabas com as polissílabas e, ainda assim, o número de ocorrências ficou muito baixo).

Observando os dados apenas sob o viés do número de ocorrências de monotongação entre as palavras, percebemos que, em nossos dados, as palavras monossílabas e as dissílabas são as que mais monotongam.

Novamente notamos a necessidade de procedermos à análise do item lexical para verificarmos se está ou não ocorrendo influência desse fator nos nossos dados, pois palavras como *pois*, *dois* e *depois* podem estar gerando esses índices entre as palavras monossílabas e as polissílabas em nossos dados.

Na Tabela 14, apresentamos os resultados referentes à *Localização do ditongo na palavra*, se em fronteira direita, se em fronteira esquerda ou se no interior do vocábulo.

**Tabela 14 - Localização do ditongo na palavra e a monotongação de /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>
Interior de palavra	<i>coisa</i>	93/2123	4,4%
Fronteira esquerda	<i>oitocentos</i>	3/154	1,9%
Fronteira direita	<i>foi</i>	4/663	0,6%
<b>TOTAL</b>		<b>100/2940</b>	<b>3,4%</b>

A partir dessa tabela, é possível perceber maior índice de monotongação quando o ditongo /oj/ apresenta-se no interior da palavra, com índice de 4,4%, em 93 ocorrências entre 2123 dados. No que concerne à localidade morfológica do ditongo na palavra, obtivemos índice de 3,4% em 99 ocorrências entre 2938 dados. Podemos, portanto, a partir destes resultados, concluir que, quando ocorre a monotongação de /oj/, provavelmente, ela ocorrerá bem mais em interior de palavra do que em qualquer outro contexto.

Nas Tabelas 15 e 16, resumimos os resultados referentes ao *Contexto fonológico seguinte* ao ditongo /oj/. Essas tabelas referem-se, respectivamente, à análise por modo de articulação do contexto seguinte e à análise por ponto de articulação.

**Tabela 15 - Modo de Articulação e a Monotongação de /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>
Pausa	<i>foi</i>	1/15	6,7
Fricativas	<i>depois</i>	91/2189	4,2
Vogal	<i>foi agora</i>	3/257	1,2
Oclusivas	<i>oitocentos</i>	5/479	1,0
<b>TOTAL</b>		<b>100/2940</b>	<b>3,4</b>

Pode-se perceber que as fricativas, as vogais e as oclusivas são contextos seguintes ao ditongo /oj/ que apresentam algum índice de aplicação da regra, mas não ao ponto de

podemos afirmar que esses contextos favoreçam, de forma geral, a monotongação de /oj/. No contexto pausa, obtivemos índice de aplicação de 6,7%, entretanto, com apenas uma ocorrência entre 15 dados de nossa análise. As fricativas atingiram índice de 4,2% de monotongação do ditongo /oj/ (91/2189). Entre as vogais, o índice foi de 1,2% (3/257) e, entre as oclusivas, o índice foi ainda menor, ou seja, 1% de aplicação da regra de monotongação para o ditongo /oj/, com cinco ocorrências entre 479 dados.

Na tabela 16 apresentamos os dados da monotongação de /oj/ com relação a ponto de articulação do contexto seguinte ao ditongo /oj/ e a monotongação de /oj/.

**Tabela 16 - Ponto de articulação e a monotongação de /oj/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>
Pausa	<i>foi</i>	1/15	6,7
Coronal	<i>oitocentos</i>	95/2529	3,7
Vogal	<i>foi aqui</i>	3/257	1,2
Labial	<i>foi bom</i>	1/160	0,6
<b>TOTAL</b>		<b>100/2991</b>	<b>3,3%</b>

Com relação ao ponto de articulação do contexto seguinte ao ditongo /oj/, os resultados também não nos permitem afirmarmos que o contexto pausa, o contexto coronal, o contexto vogal ou o contexto labial favorecem, de forma geral, a monotongação do ditongo /oj/, visto os índices muito reduzidos de aplicação da regra de monotongação.

Quando o contexto seguinte ao ditongo /oj/ é uma pausa, obtivemos índice de 6,7% de aplicação da regra de monotongação, entretanto, com uma ocorrência em 15 dados. Quando o contexto é coronal, obtivemos índice de 3,7% de aplicação da regra, com 95 ocorrências em 2529 dados. Quando o contexto é vogal, o índice é de 1,2%, com três ocorrências entre 257 dados. Já quando o contexto é bilabial o índice é de 0,6 %, com apenas uma ocorrência entre 160 dados.

Com relação às variáveis extralinguísticas sexo, escolaridade e idade, não obtivemos resultados que mostrassem diferença entre o índice de aplicação da regra de monotongação entre os falantes, o que nos leva a concluir que, de fato, o que influencia a baixa aplicação da regra de monotongação do ditongo /oj/ sejam fatores linguísticos, mesmo que com reduzidas ocorrências entre os dados de nossa análise. Quando rodamos os dados por ponto de articulação, o programa selecionou como significativo para nossas análises a variável extralinguística escolaridade. Entretanto, além da baixa aplicação da



regra de monotongação entre os dados, os pesos relativos próximos ao ponto neutro (0,563 para informantes com menos de nove anos de escolaridade e 0,441 para informantes com mais do que nove anos de escolaridade) não nos permitiu concluir que esses fatores possam estar exercendo influência entre os índices de monotongação do ditongo /oj/.

Em virtude da baixa frequência deaplicação da monotongação de /oj/, do elevado número de *knockouts* e do baixo número de variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes, reforçamos ainda mais a ideia de que a preservação do ditongo /oj/ é um fenômeno semicategórico, apresentando taxas muito reduzidas de supressão da semivogal. Paiva (1996) e Haupt (2011), como já citado, também constataram, em pesquisas anteriores, que este ditongo não apresenta índices de monotongação expressivos.

A seguir, partiremos para o cruzamento dos dados referentes ao ditongo /oj/ para refinarmos nossa análise.

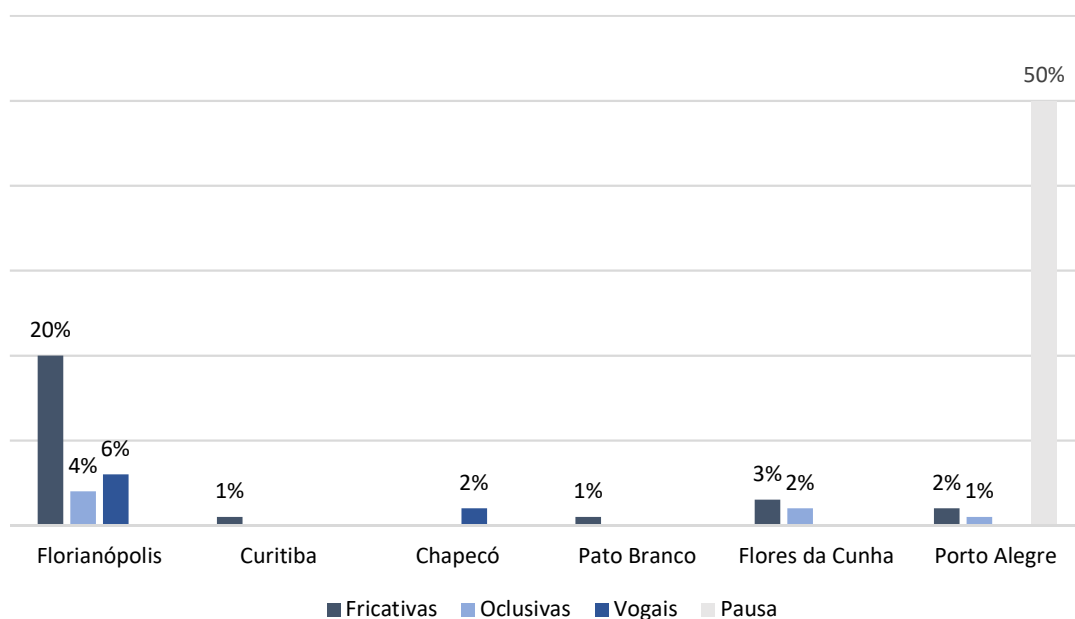
#### 4.2.3 Cruzamentos de Dados sobre o Ditongo /oj/

Os cruzamentos que realizaremos com relação ao ditongo /oj/ objetivarão encontrar alguma regularidade que possa nos dar pistas sobre a nossa hipótese de que, no que tange a este ditongo, o que de fato parece influenciar a sua monotongação (ou não) seja o item lexical, ou seja, o fato de termos alguma palavra que monotongue mais do que outras, talvez em função de algum contexto fonológico seguinte ao /oj/, ou talvez em função da localidade em que residem os informantes de nossa pesquisa.

Suspeitamos, por exemplo, que palavras como *depois*, *doise pois* possam estar influenciando os resultados em nossa análise, visto o grande número de ocorrências dessas palavras em nossos dados. Outro fator que nos leva a pensar que a influência sobre a monotongação de /oj/ possa estar vinculada ao item lexical é o fato de que, entre todos os dados de /oj/ obtidos em nossa pesquisa, só tenhamos 38 palavras que apresentam este ditongo entre as ocorrências (as palavras com o total de ocorrências em nossos dados estão expostas no Anexo 2).

Como os estudos de Brescancini (2009) apontam para o fato de que o contexto fricativa palato-alveolar não vozeado em coda, entre falantes de Florianópolis, exerce influência sobre a monotongação de /oj/, o primeiro cruzamento que realizamos é o que

concerne à localidade e o contexto fonológico seguinte ao ditongo. O Gráfico 6 traz os resultados obtidos.

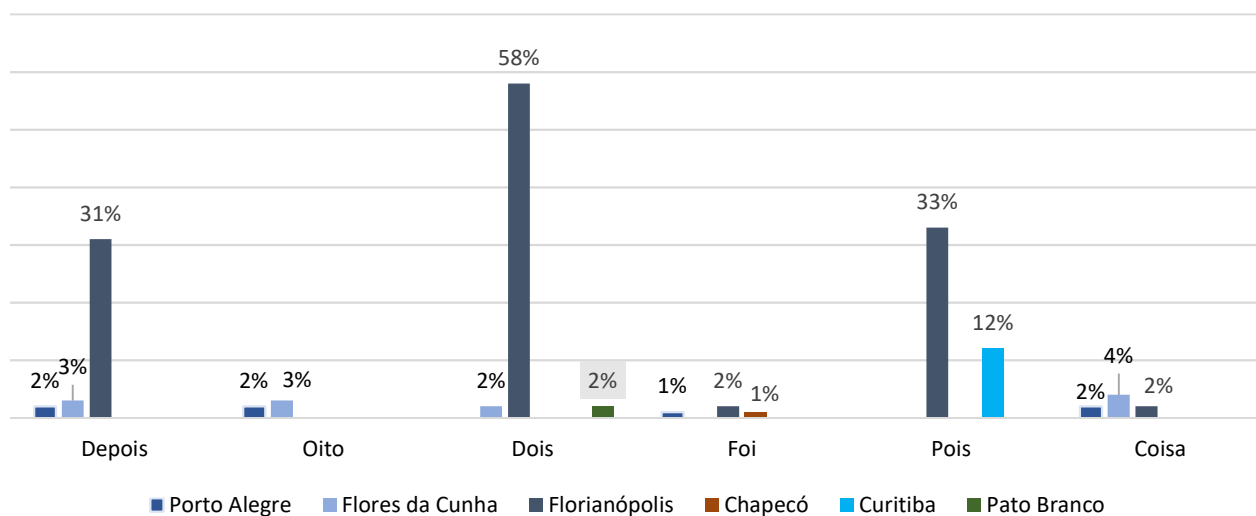


**Gráfico 6 - Localidade e Contexto Fonológico Seguinte**

A partir dos resultados obtidos e apresentados no gráfico, podemos perceber que, de fato, o contexto seguinte ao ditongo /oj/, quando é fricativo, em Florianópolis, apresenta índices de aplicação superiores às demais localidades.

Apesar de o contexto pausa ter mostrado resultado expressivo no gráfico (50% de índice de aplicação), o número de ocorrências de monotongação reduzido entre nossos dados (1/2) não nos autoriza a afirmarmos que esse contexto exerça alguma influência mais expressiva no que tange à monotongação de /oj/ em Porto Alegre.

Para confirmarmos de forma mais efetiva a nossa hipótese de que são as palavras *depois*, *dois* e *pois* que estão influenciando nossos índices, cruzaremos os dados referentes à localidade com item lexical. O Gráfico 7 traz os resultados desse cruzamento.



**Gráfico 7 - Localidade e Item Lexical**

Pelo cruzamentos dos dados, podemos constatar que a única palavra cujo contexto seguinte ao ditongo /oj/ é oclusivo é a palavra *oito*. Obtivemos monotongação do ditongo nesta palavra apenas em Flores da Cunha, com uma aplicação da regra em 30 palavras (índice de 3%) e um Porto Alegre, com uma aplicação em 44 palavras (índice de 2%). Esses números não nos autorizam a estabelecermos generalizações confiáveis.

Com relação à palavra *foi*, obtivemos uma ocorrência entre 143 palavras em Porto Alegre, com índice de 2% de aplicação da regra, duas aplicações em 99 ocorrências da palavra em Florianópolis, com índice de 2% e uma aplicação em Chapecó entre 89 dados, com índice de 1%, o que não nos autoriza a tecermos generalizações acerca do fenômeno nesta palavra.

Já entre as palavras cujo contexto seguinte ao ditongo é fricativo, a palavra *dois*, apresentou 30 ocorrências de aplicação da regra em 52 palavras, com índice de 58% em Florianópolis (SC); duas ocorrências em 60 palavras, com índice de 2% em Flores da Cunha (RS) e duas ocorrências entre 98 palavras, com índice de 2% em Pato Branco (PR).

A palavra *pois* apresentou duas ocorrências em seis palavras, com índice de 33% em Florianópolis (SC); três ocorrências em 24 palavras, com índice de 12% em Curitiba (PR); e não apresentou ocorrência de monotongação em nenhuma outra localidade analisada em nossos dados (0/7 em Porto Alegre-RS; 0/6 em Flores da Cunha-RS e 0/8 em Chapecó-SC).

A palavra *depois* apresentou 30 ocorrências em 96 palavras de nossos dados, com índice de 31% em Florianópolis (SC); cinco ocorrências em 146 palavras, com índice de três por cento em Flores da Cunha (RS); e três ocorrências em 132 palavras, com índice de dois por cento em Porto Alegre (RS).

Por fim, a palavra *coisa* apresentou cinco ocorrências em 127 palavras, com índice de quatro por cento em Flores da Cunha (RS); seis ocorrências em 272 palavras, com índice de dois por cento em Porto Alegre (RS); e três ocorrências em 162 palavras, com índice de dois por cento em Florianópolis (SC). Nas demais localidades de nossos dados, esta palavra apresentou índice de zero de aplicação da regra (0/131 em Chapecó, 0/177 em Curitiba e 0/142 em Pato Branco).

Apesar de os índices de aplicação da regra da monotongação de /oj/ não terem se mostrado expressivos nos resultados alcançados, pudemos verificar que o maior índice de monotongações ocorre, de fato, em Florianópolis (SC), mesmo tendo encontrado algumas ocorrências de monotongação de /oj/ também nas cidades de Porto Alegre e Flores da Cunha, porém com baixa taxa de aplicação do fenômeno.

Pudemos verificar, além disso, que o contexto seguinte ao ditongo que favorece a aplicação da regra da monotongação de /oj/ é o fricativo palato-alveolar (e entre os falantes de Florianópolis), como já constatou Brescancini (2009), em sua pesquisa sobre a monotongação de /oj/ no falar florianopolitano. Em nossos dados, portanto, houve predominância do fenômeno de monotongação entre as palavras *pois*, *depois* e *dois* na cidade de Florianópolis (SC).

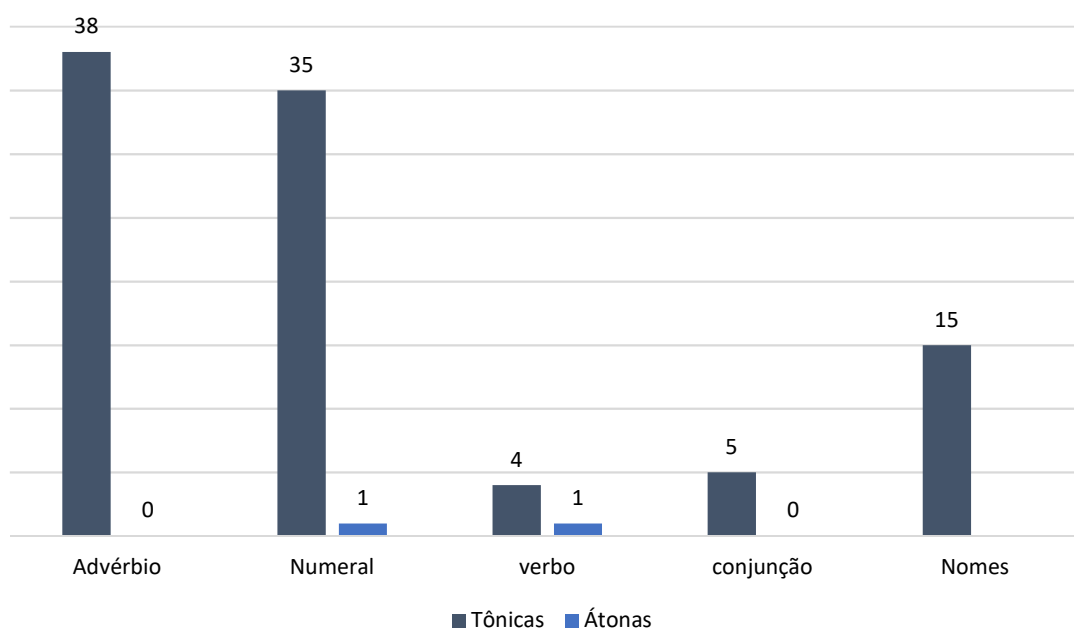
Objetivando consolidar nossa hipótese de que as palavras *pois*, *dois* e *depois* estão influenciando a monotongação em nossos dados, procedemos ao cruzamento entre classe gramatical e tonicidade. Nossa expectativa é a de que o índice de monotongação será mais elevado entre advérbios, conjunções e numerais quando estes forem tônicos.

Os resultados reforçam a nossa hipótese de que haja influência do item lexical nos resultados obtidos, visto que, ao cruzarmos os dados concernentes à classe gramatical e à tonicidade das palavras em que se encontra o ditongo /oj/, constatamos que os advérbios (38/673, 6%), os numerais (35/519, 7%) e as conjunções (5/53, 9%) foram as classes gramaticais, entre as palavras tônicas de nossos dados, que apresentaram maior índice de aplicação da regra de monotongação de /oj/ e maior número de ocorrências de monotongação. Entre nossos dados concernentes a palavras tônicas, temos palavras como *depois* (advérbio), *dois* (numeral) e *pois* (conjunção). Entre as palavras átonas de nossos

dados (16 palavras), no que se refere a todas as classes gramaticais analisadas, ocorreu a monotongação em três palavras apenas.

Fizemos um gráfico apenas com o número de ocorrências das palavras entre as tônicas e as átonas, visto que os percentuais não refletem os resultados que precisamos demonstrar. Por exemplo, apesar de termos percentual de aplicação da regra em 50% dos verbos átonos, em 20% dos nomes átonos e em 11% dos numerais átonos, cada uma dessas classes gramaticais apresentou apenas uma ocorrência de monotongação entre nossos dados (verbos 1/2; nomes 1/5; numerais 1/9). Advérbios e conjunções não apresentaram nenhuma ocorrência de monotongação entre palavras átonas.

O Gráfico 8, portanto, mostra as classes gramaticais por número de ocorrências (e não por percentuais) no que se refere à tonicidade. Talvez fique mais clara a conclusão a que chegamos, considerando que os índices de aplicação altos apresentados para algumas classes gramaticais não refletiram de fato o que desejamos mostrar, ou seja, de que os advérbios, os numerais e as conjunções monotongam bem mais quando o ditongo aparece em palavras tônicas do que entre palavras átonas.



**Gráfico 8 - Classe de Palavras e Tonicidade**

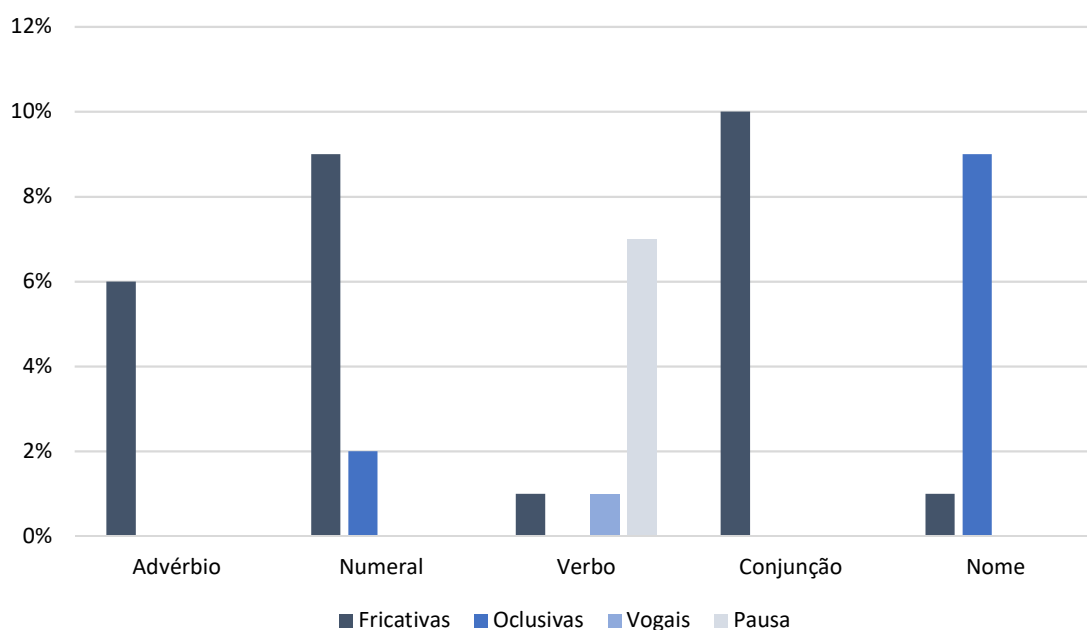
Observando o Gráfico 8 por número de ocorrências de palavras que monotongaram entre as palavras tônicas e as palavras átonas, pudemos perceber que os

resultados mais elevados ficaram entre as palavras tônicas. Estes resultados corroboram nossa hipótese de que os advérbios, os numerais e as conjunções, quando apresentam o ditongo /oj/ na sílaba tônica, monotongam mais do que as demais palavras. Isso talvez se deva ao fato de que temos um grande número de *tokens*, entre os *types depois, dois e pois*, respectivamente entre nossos dados.

Entretanto, realizamos mais um cruzamento para comprovarmos que essas palavras, de fato, são as que mais monotongam entre os dados de nossa pesquisa, influenciando os índices que obtivemos. Analisamos que influência o modo de articulação do contexto seguinte ao ditongo /oj/ exerce sobre as classes gramaticais analisadas.

Nossa hipótese de que as palavras *pois, dois e depois* estão exercendo forte influência nos índices de monotongação entre nossos dados se confirma, em função de termos obtido índices elevados de monotongação entre advérbios, numerais e conjunções cujo contexto seguinte ao ditongo /oj/ seja fricativo.

A seguir, apresentamos o Gráfico 9, com os resultados deste cruzamento.



**Gráfico 9 - Classe de Palavras e Contexto Seguinte por Modo**

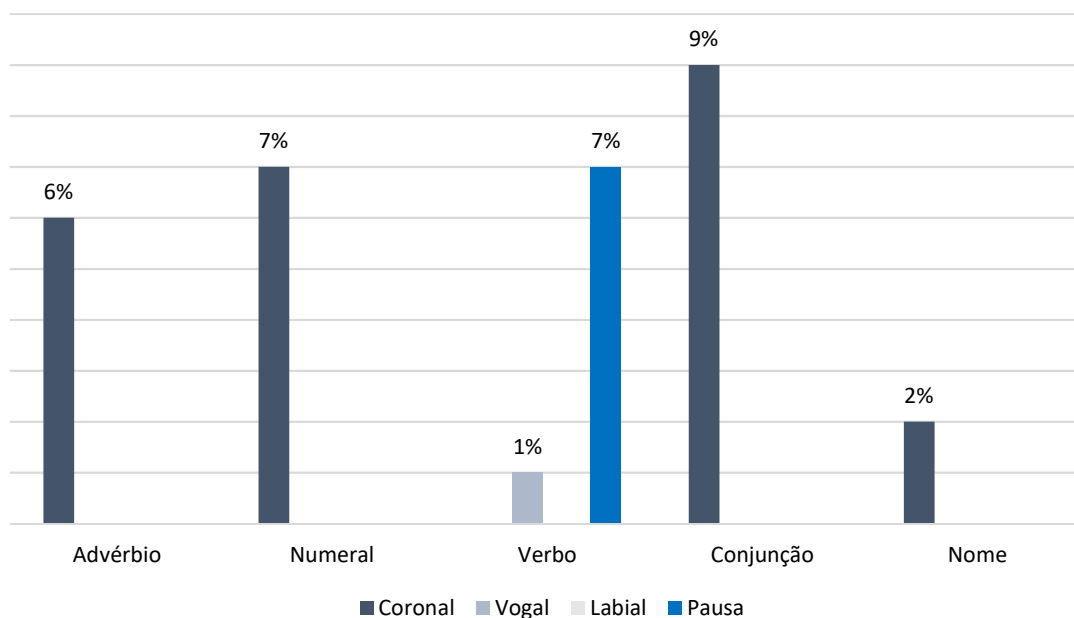
Ao realizarmos o cruzamento entre classe de palavras e modo de articulação, novamente constatamos que, entre os advérbios, os numerais e as conjunções, o índice de

aplicação da regra é relativamente maior do que entre as demais classes gramaticais quando o contexto seguinte ao ditongo /oj/ é fricativo. Os advérbios apresentaram índice de aplicação de seis por cento (38/668). Entre os numerais, o índice foi de nove por cento (31/362) e, entre as conjunções, o índice foi de dez por cento (5/51).

Como o contexto seguinte ao ditongo entre essas classes gramaticais é fricativo, corroboramos nossa hipótese de que as palavras *depois*, *dois* e *pois* estejam influenciando os resultados, visto que, entre os demais contextos, ou seja, oclusivas e vogais os índices não atingiram índice superior a três por cento com número extremamente reduzido de ocorrências de monotongação (com exceção do resultado entre os nomes com contexto seguinte ao ditongo /oj/ oclusivo. Porém, apesar de o índice ter atingido nove por cento de aplicação da regra, obtivemos apenas uma ocorrência de monotongação entre 11 dados).

Por fim, realizaremos um cruzamento entre classe de palavras e contexto fonológico seguinte por ponto de articulação para confirmarmos nossa hipótese de que o contexto coronal apresenta índices mais elevados de aplicação entre advérbios, numerais e conjunções.

O Gráfico 10 seguir apresentará nossos resultados.



**Gráfico 10 - Contexto Fonológico e Classe de Palavra**

Com este último cruzamento, pudemos verificar que quando o contexto seguinte ao ditongo /oj/ é coronal, os índices de aplicação da regra se mostram mais expressivos.

Entre os advérbios obtivemos 6% de índice de aplicação da regra (38/672), entre os numerais, 7% (36/529) e entre as conjunções, 9% (5/53). Esses dados novamente confirmam nossa hipótese de que as palavras depois, dois e depois exercem influência sobre nossos resultados.

A seguir, na seção 4.3, apresentamos os resultados acerca do fenômeno de monotongação do ditongo /ow/.

#### 4.3 MONOTONGAÇÃO DE /ow/

Nesta subseção, apresentamos, primeiramente, os resultados gerais obtidos acerca das rodadas para a análise da monotongação ou preservação do ditongo /ow/ (*pouco ~ poco; louça ~ loça*) com a descrição das eliminações e dos amálgamas que julgamos necessário realizar. Na segunda parte, apresentamos as tabelas com os resultados referentes aos índices selecionados pelo programa GoldvarbX como significativos para nossa análise e procederemos à discussão desses resultados.

Na terceira parte, apresentamos os cruzamentos que julgamos necessários a fim de esclarecermos as questões que fomos levantando a partir das análises dos resultados selecionados como significativos pelo programa utilizado para a rodada de dados. A Tabela 17 apresenta, concomitantemente, os resultados relativos à monotongação e à preservação do ditongo /ow/ a partir desta primeira rodada de dados realizada.

**Tabela 17 - .Ditongo /ow/: monotongação versus preservação**

Monotongação de /ow/		Preservação do ditongo /ow/	
%	Apl. /Total	%	Apl./Total
86,9%	37/4293	13,1%	562/4293

Em relação ao processo de monotongação do ditongo /ow/, registramos um alto índice de aplicação entre nossos dados. Nossa análise aponta 86,9% de índice de aplicação da regra de monotongação no que se refere ao ditongo /ow/, resultado semelhante aos de Cabreira (1996), que obteve índice de 96% em sua pesquisa acerca deste ditongo. Esses índices sugerem que a monotongação desse ditongo, talvez, seja um fenômeno que beira o categórico.

Na primeira rodada de dados, contudo, ocorreram *knockouts* nos seguintes grupos de fatores: *contexto fonológico seguinte* (o contexto fricativo palato-alveolar desvozeado, como em *peixe*, apresentou 12 ocorrências de monotongação de /ow/ em 12 dados) e



*informante* (o informante número 4, de Florianópolis – SC, apresentou 157 monotongações nos 157 dados obtidos na entrevista realizada com ele).

Para eliminarmos os *knockouts* e refinarmos nossa análise, procedemos à eliminação do grupo de fatores *informantes*, visto que um informante pode monotongar todas as palavras *peixe*, por exemplo, e outro pode não monotongar nenhuma, o que pode prejudicar nossos resultados. Eliminamos, também, o grupo de fatores *idade*, em função de não termos preenchido as células referentes a este grupo de fatores de forma equânime em nossa pesquisa. Além disso, amalgamamos os dados referentes ao *contexto fonológico seguinte* por *modo de articulação* e por *ponto de articulação*, a fim de tornarmos nossa análise mais clara. Essa amalgamação eliminou a situação de *knockout* do contexto fricativo palato-alveolar desvozeado.

#### 4.3.1 Variáveis Significativas para Monotongação De /Ow/

Após a retirada dos *knockouts* e feitas as amalgamações que julgamos pertinentes, na segunda rodada, as variáveis apontadas como significativas na análise referente ao processo de monotongação de /ow/ foram: (i) *Tonicidade*; (ii) *Classe de Palavras*; (iii) *Posição do ditongo na palavra*; (iv) *Contexto fonológico seguinte (modo e ponto de articulação)*; (v) *Escolaridade* e (vi) *Localidade*. As tabelas consecutivas exibem os resultados relativos às variáveis selecionadas como significativas.

A Tabela 18 apresenta os resultados relativos à monotongação de /ow/ quando se localiza em sílaba tônica na palavra.

**Tabela 18 - Tonicidade e a Monotongação de /ow/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Tônico	<i>pouco</i>	3504/3990	87,8	0,51
Átono	<i>roubar</i>	227/303	74,9	0,36
<b>TOTAL</b>		<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	
		Input: 0,922	Significance: 0,005	

Conforme observamos, a partir dos dados expostos na tabela, apesar de os índices de monotongação de /ow/ mostrarem-se sempre elevados, há um maior índice de monotongação quando o ditongo /ow/ se situa em sílabas tônicas, como em *pouco* (87,8% de aplicação da regra), do que quando o ditongo se encontra em sílabas átonas, como em

*roubar* (74,9% de monotongação), similarmente aos resultados obtidos a partir dos estudos de Paiva (1996), Cabreira (1996), Silva (2005) e Cristofolini (2010).

Cabreira (1996) justifica este resultado a partir da noção de saliência fônica, que preconiza que os traços mais salientes, por serem mais perceptíveis, tendem a ser processados e aprendidos mais facilmente. Essa é uma hipótese plausível, pois se relaciona à percepção do falante e pode, de fato, ter levado à maior monotongação entre as palavras que apresentam o ditongo /ow/, dado o número elevado de ocorrências de palavras que apresentam o ditongo /ow/ na sílaba tônica.

A Tabela 19 apresenta os resultados referentes à classe da palavra em que se encontra o ditongo /ow/.

**Tabela 19 - Classe de Palavras e a Monotongação de /ow/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Advérbio	<i>pouco</i>	44/45	97,8	0,84
Pronome	<i>outros</i>	1130/1218	92,8	0,69
Verbo	<i>limpou</i>	2143/2317	92,5	0,49
Nomes (subst. e adj.)	<i>couro</i>	197/260	75,8	0,37
Conjunção	<i>ou</i>	217/453	47,9	0,12
<b>TOTAL</b>		<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	

Input: 0,922

Significance: 0,005

A partir dos dados obtidos com relação a este grupo de fatores, pudemos perceber que há alto índice de monotongação entre os advérbios (*pouco*), os pronomes (*outros*) e os verbos (*trouxe*). Nos estudos de Costa (2003), os resultados também indicam que os verbos monotongam mais do que os não verbos. Costa (2003), inclusive, levanta a hipótese de que a monotongação de /ow/ possa ter começado a se difundir nesta categoria gramatical. Acreditamos que esta hipótese seja viável, considerando que a perda de uma característica funcional (/u/ é desinência número-pessoal, 3ª pessoa do singular, do pretérito perfeito do modo indicativo, como em *pensou*, e de 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo, como em *estou*), talvez, no caso de /ow/ possa ser compensada por outros aspectos, como acento, por exemplo, o que não levaria o falante a sentir necessidade de manter essa desinência.

Dando sequência à análise quanto aos resultados referentes à monotongação de /ow/, o terceiro grupo de fatores apontado como significativo em nossa investigação foi *posição do ditongo na palavra*. A Tabela 20 apresenta os resultados.

TABELA 20– Posição do Ditongo na Palavra e a Monotongação de /ow/

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Fronteira direita de palavra	<i>acabou</i>	2027/2150	94,3	0,65
Interior de palavra	<i>poucas</i>	950/1288	73,8	0,36
Fronteira esquerda de palavra	<i>outro</i>	754/855	82,2	0,31
<b>TOTAL</b>		<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	
		Input: 0,922	Significance: 0,005	

A variável *posição do ditongo na palavra* também apresentou resultados significativos. Constatamos, a partir dos resultados obtidos que, nas extremidades de palavra, há mais casos de monotongação do ditongo /ow/ do que no interior de palavra. Em fronteira direita de palavra (*acabou, sou*), por exemplo, obtivemos índice de 94,3% de aplicação da regra, em fronteira esquerda (*outro, ouve*), obtivemos índice de 82,2% de aplicação e em interior de palavra (*roupa, louco*), obtivemos índice de 73,8% de aplicação.

Os resultados da pesquisa de Farias (2008) apontam, diferentemente de nossos resultados, que o fator que exerceu maior influência na aplicação da regra nesta variável foi interior de palavra. Nossos resultados parecem convergir com os de Cristofolini (2010), pois sua pesquisa aponta que, em final de palavra, a aplicação da regra é categórica (65/65, com índice de 100% de aplicação da regra).

O grupo de fatores *contexto fonológico seguinte* também aparentou atuar de forma significativa na monotongação de /ow/ tanto no que tange aos contextos organizados por modo de articulação quanto por ponto de articulação.

A seguir, a Tabela 21 sintetiza os resultados acerca do contexto fonológico seguinte organizado por modo de articulação.

Tabela 21 - Modo de Articulação e a Monotongação de /ow/

Fator	Exemplo	Aplic./ Total	%	PR
Pausa	<i>entrou</i>	36/40	90,0	0,65
Tepe	<i>ouro</i>	75/89	84,3	0,63
Lateral	<i>sou livre</i>	67/70	95,7	0,55
Vogal	<i>falou a</i>	639/711	89,9	0,53
Oclusivas	<i>vou dizer</i>	2122/2362	89,8	0,53
Nasal	<i>entrou na</i>	419/516	81,2	0,43
Fricativas	<i>ouve</i>	373/505	73,9	0,34
<b>TOTAL</b>		<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	

Input: 0,922 Significance: 0,005

Essa tabela apresenta índices bastante elevados de aplicação para quase todos os contextos, com exceção das fricativas (que mesmo assim apresentou índice elevado). O contexto *lateral* apresentou aplicação quase categórica da regra (95,7%), seguido por *pausa* (90,0%), por *vogal* (89,9%) e por *occlusivas* (89,8%). Entretanto, os pesos relativos que se mostraram mais significativos foram os que se referem aos contextos *pausa*, com peso relativos 0,65; e *tepe*, com peso relativo 0,63.

Essa incongruência entre os índices e os pesos relativos não nos permite conclusões confiáveis acerca dos resultados. Necessitaremos proceder a novas rodadas, excluindo alguns grupos de fatores que possam estar exercendo influência sobre este fator, como *classe de palavras*, por exemplo, em função do alto índice de tokens entre palavras como *pouco* e *outro*, por exemplo.

A Tabela 22 apresenta os resultados referentes ao contexto fonológico seguinte organizado por *ponto de articulação*.

Tabela 22 - Ponto de Articulação e a Monotongação de /ow/

Fator	Exemplo	Aplic./ Total	%	PR
Dorsal	<i>pouco</i>	747/808	92,5	0,59
Vogal	<i>vou abrir</i>	639/711	89,9	0,55
Coronal	<i>outro</i>	1765/2049	86,1	0,46
Labial	<i>soube</i>	544/685	79,4	0,44
Pausa	<i>estou</i>	36/40	90,0	0,38
<b>TOTAL</b>		<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	

Input: 0,922 Significance: 0,012



de monotongação de /ow/ entre os informantes menos escolarizados, mas não nos parece ser uma diferença que sugira, de fato, influência sobre a aplicação da regra de um grupo em detrimento do outro, o que se confirma pelos pesos relativos muito próximos ao ponto neutro.

A última variável selecionada como significativa em nossos dados e apresentada na Tabela 24 foi *Localidade*.

**Tabela 24 – Localidade e a Monotongação de /ow/**

<b>Fator</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Florianópolis	660/693	95,2	0,73
Curitiba	637/708	90,0	0,52
Pato Branco	700/783	89,4	0,50
Chapecó	548/613	89,4	0,48
Flores da Cunha	466/548	85,0	0,48
Porto Alegre	720/948	75,9	0,31
<b>TOTAL</b>	<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	

Input: 0,922

Significance: 0,005

Conforme mostra a tabela, as cidades que apresentaram índices de monotongação de /ow/ bastante elevados foram Florianópolis, Curitiba e Chapecó, entretanto, não temos como concluir muita informação a partir dos números, visto que, na verdade, a única cidade que mostrou um índice um pouco mais reduzido de monotongação foi Porto Alegre, mostrando-se mais conservadora, com índice de 75,9% de aplicação da regra e peso relativo de 0,28.

Decidimos ainda realizar uma rodada eliminando os grupos de fatores referentes à classe de palavras e a localização do ditongo (se em fronteira esquerda, direita, ou se no interior de palavra). Queríamos observar se a questão da não ortogonalidade dos dados estava prejudicando nossos resultados, em função dos pesos relativos incongruentes com os índices de aplicação.

O programa selecionou como significativos os contextos Localidade morfológica, extensão do vocábulo e sexo (que não tinham sido selecionados na rodada anterior). Apresentaremos esses resultados nas tabelas seguintes.

A Tabela 25 apresenta os resultados acerca da Localidade morfológica do ditongo /ow/ e a monotongação.

**Tabela 25 – Localização Morfológica e Monotongação de /ow/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Sufixo Verbal	<i>encontrou</i>	1484/1562	95,0	0,61
Sufixo Nominal	<i>matadouro</i>	7/8	87,5	0,45
Radical	<i>doutor</i>	2240/2723	82,3	0,43
<b>TOTAL</b>		<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	
		Input: 0,910	Significance: 0,010	

A partir da eliminação dos grupos referentes à *classe de palavras* e à *localizaçãodo ditongo na palavra* (se em extremidades ou se no interior), obtivemos, ainda, índices mais elevados para monotongação entre sufixo verbal, ou seja, talvez o fato de termos muitos verbos em nossos dados que apresentam o ditongo /ow/ no final da palavra e em sílaba tônica esteja levando aos índices mais elevados de monotongação entre essas palavras.

A Tabela 26 apresenta os dados referentes à extensão do vocábulo

**Tabela 26 - Extensão do vocábulo e a monotongação de /ow/**

<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Dissílabo	<i>pouco</i>	2264/2459	92,1	0,57
Trissílabo	<i>doutrina</i>	607/677	89,7	0,56
Polissílabo	<i>tesouraria</i>	113/130	86,9	0,48
Monossílabo	<i>sou</i>	747/1027	72,7	0,29
<b>TOTAL</b>		<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	
		Input: 0,910	Significance: 0,010	

Os resultados apresentados nesta tabela vêm ao encontro do que viemos discutindo até então acerca do fato de que os falantes parecem preservar mais o ditongo quando tem menos material fonético na palavra, do que quando a palavra é mais extensa, conseqüentemente, apresentando mais material fonético a ser eliminado. Também confirma a hipótese de Costa (2003) acerca do ditongo /ej/, mas que parece se aplicar aqui também. Quando o verbo é irregular, como o verbo *sou*, parece que a palavra acaba se lexicalizando e preservando mais os seus componentes.

Somando os tokens obtidos em nossos dados, temos 335 tokens para *sou*, 373 para *vou* e 148 para *dou*. Isso significa que, das 1027 ocorrências de palavras monossílabas em que se encontra o ditongo /ow/ em nossos dados, 856 delas são verbos, num total de 83% de ocorrências de verbos monossílabos. Apesar de o verbo *dou* (infinitivo dar) não ser

irregular, a hipótese de Costa (2003) acerca da provável lexicalização destas palavras parece bem razoável.

A Tabela 27, última desta parte da análise, apresenta os resultados referentes a sexo.

**Tabela 27 - Sexo e a Monotongação de /ow/**

<b>Fator</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Feminino	1954/2214	88,3	0,53
Masculino	1777/2079	85,5	0,46
<b>TOTAL</b>	<b>3731/4293</b>	<b>86,9</b>	
	Input: 0,910	Significance: 0,010	

Apesar de esta rodada ter selecionado a variável sexo como significativa para nossa análise, os pesos relativos mantiveram-se no ponto neutro de aplicação, e não houve diferença expressiva entre os percentuais de aplicação da regra de monotongação entre os homens e as mulheres.

A subseção seguinte apresenta os resultados acerca de cruzamentos que julgamos pertinente realizar, em função de nossa desconfiança de que alguns itens lexicais possam estar influenciando os resultados.

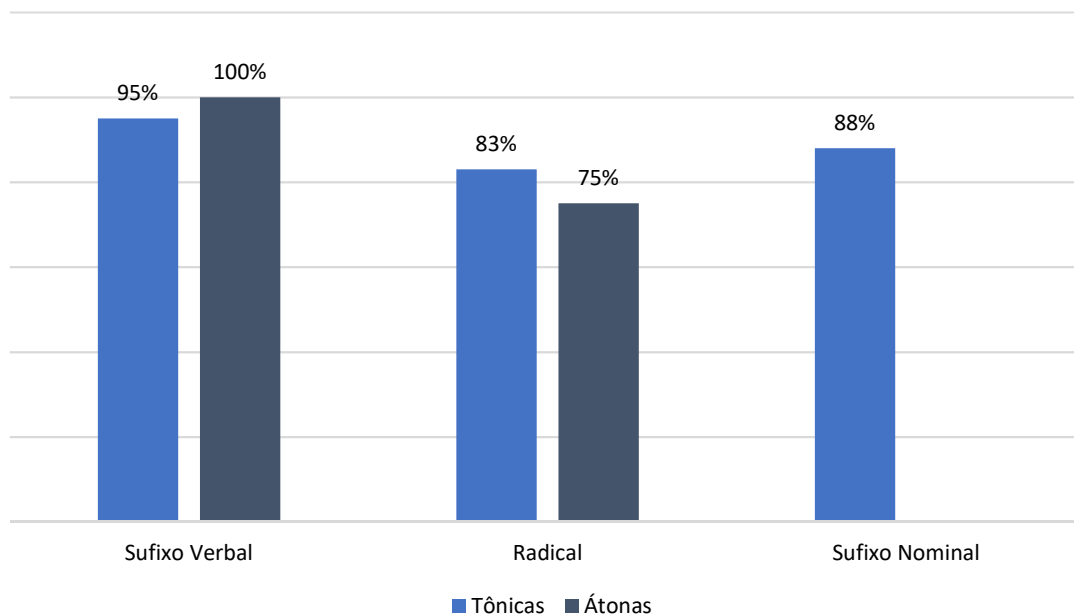
Os resultados destes cruzamentos serão apresentados na subseção seguinte.

#### **4.3.2 Cruzamentos de Dados sobre o Ditongo/ow/**

Nesta subseção, apresentamos resultados relativos ao cruzamento de dados realizados em função de questões que nos fizemos ao longo de nossas análises.

Decidimos cruzar os dados referentes à localidade morfológica em que se encontra o ditongo /ow/ (se em sufixo verbal, em sufixo nominal ou em radical) e tonicidade para verificarmos se há alguma relação entre esses dois fatores. O Gráfico 11 mostra os resultados obtidos.



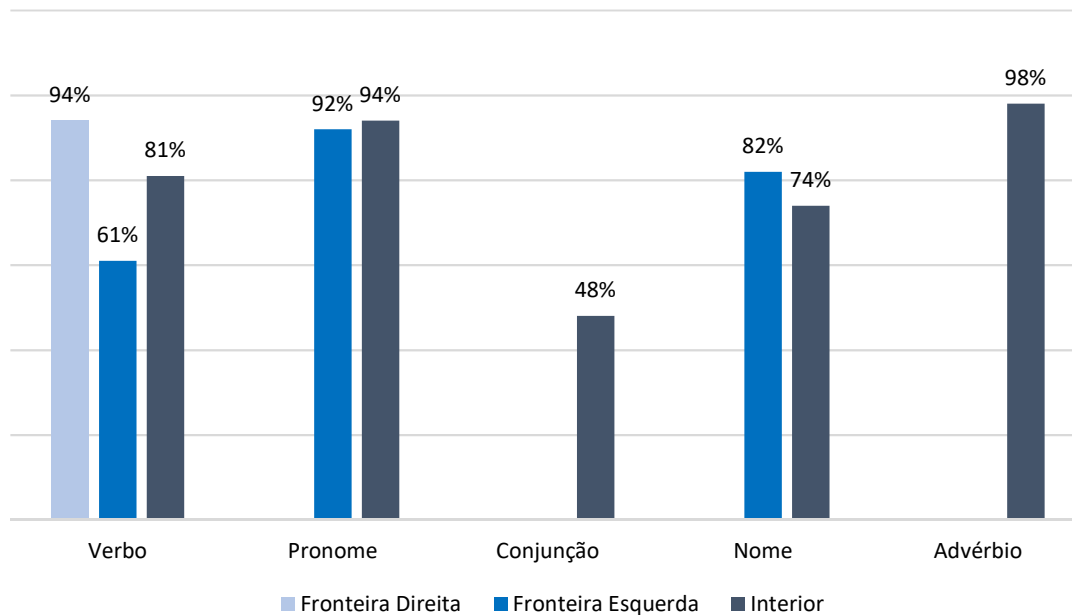


**Gráfico 11 - Localização Morfológica e Tonicidade**

Observando o Gráfico 11, podemos ver que o índice de aplicação da regra de monotongação ficou em 83% entre radicais em que o ditongo /ow/ aparece na sílaba tônica. Entre radicais em que o ditongo aparece na sílaba átona, o índice ficou em 75% de aplicação. Entre os sufixos verbais tônicos, o índice de aplicação ficou em 95% e, apesar de o índice de aplicação entre os sufixos verbais átonos ter ficado em 100%, obtivemos apenas três ocorrências em nossos dados deste fator. Já entre os sufixos nominais tônicos, os índices ficaram em 88% de aplicação da regra de monotongação, enquanto não obtivemos nenhuma palavra em que houvesse sufixo nominal átono.

Este cruzamento nos leva a pensar sobre a possível interferência que alguns itens lexicais podem estar exercendo sobre nossos resultados, como a palavra outro(a), que aparece 727 vezes em nossos dados, por exemplo, e em que o ditongo /ow/ aparece no radical, em sílaba tônica.

Um segundo cruzamento que fizemos foi relativo à localização do ditongo na palavra e à classe de palavras, a fim de verificarmos se, talvez, não haja um grupo de palavras influenciando nossos resultados. O Gráfico 12 mostra esse cruzamento.



**Gráfico 12 - Localização do ditongo na palavra e Classe de palavras**

Ao realizarmos esse cruzamento, percebemos que, de fato, entre os verbos, quando o ditongo aparece em fronteira direita de palavras, além de o índice de aplicação da regra ficar alto (94%, quase categórico) também há um número considerável de ocorrências de monotongação (1998/2116). Esse índice elevado talvez se dê pelo fato de termos muitos dados de verbos terminados em *-ou* em nossa pesquisa, a grande maioria deles com o ditongo localizado em sílaba tônica (2210 dados de verbos em sílaba tônica entre nossos dados).

Com relação aos *pronomes*, pudemos perceber que há alto índice de monotongação quando o ditongo /ow/ se encontra na fronteira esquerda nestas palavras. Entretanto, apurando os dados, notamos que temos 669 casos de monotongação em 727 ocorrências. Olhando para item lexical, observamos que temos 727 ocorrências da palavra *outro(a)* em nossos dados. Isso nos leva a concluir que, com relação a estes resultados, o que está exercendo influência sobre a monotongação é o *item lexical*.

No que se refere aos *nomes* (substantivos e adjetivos), os índices foram expressivos quando o ditongo /ow/ apresentou-se em início de palavra, com índice de aplicação de 82%, em 28 ocorrências de monotongação entre 34 dados. Apurando melhor os nossos dados, constatamos que, entre as palavras encontradas que iniciam com o ditongo /ow/, temos apenas as palavras *ouro* (11 ocorrências) e a palavra *outubro* (17 ocorrências) entre os substantivos. A influência sobre esses resultados, portanto, deve estar ocorrendo em função dessas duas palavras (uma com contexto tepe seguindo o

ditongo e a outra com contexto oclusivo, confirmadamente favorecedores da monotongação).

Entre os *advérbios*, o resultado foi praticamente categórico quando o ditongo aparece em interior de palavra. Aqui, talvez a influência esteja sendo causada pela palavra *pouco*, que aparece como advérbio 45 vezes em nossos dados. Coincidentemente, no cruzamento entre advérbios e interior de palavra, obtivemos 44 ocorrências de monotongação em 45 ocorrências.

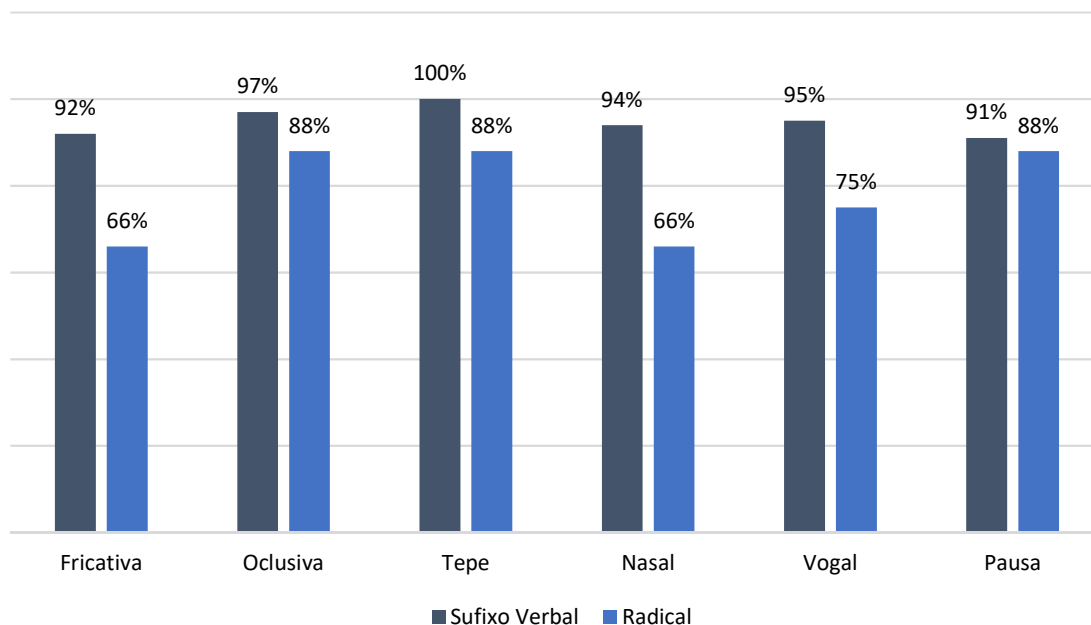
Acreditamos, portanto, que a não convergência entre os índices de monotongação e o peso relativo obtido nas rodadas com o programa GoldvarbX no que tange à fronteira esquerda de palavra e interior de palavra pode ter sido provocada pelo fato de que alguns itens lexicais, como as palavras *outro*, *ouro*, *outubro* e *pouco* podem estar exercendo influência sobre nossos resultados.

Outra questão que levantamos é o fato de termos muitos verbos terminados na desinência verbal *-ou* em nossos dados. Geralmente, quando isso acontece, o sufixo verbal acaba localizando-se na sílaba tônica da palavra, o que torna a informação mais saliente para o falante. Essa constatação levou-nos ao cruzamento entre *contexto fonológico seguinte* ao ditongo /ow/ e *localização morfológica* do ditongo /ow/ na palavra.

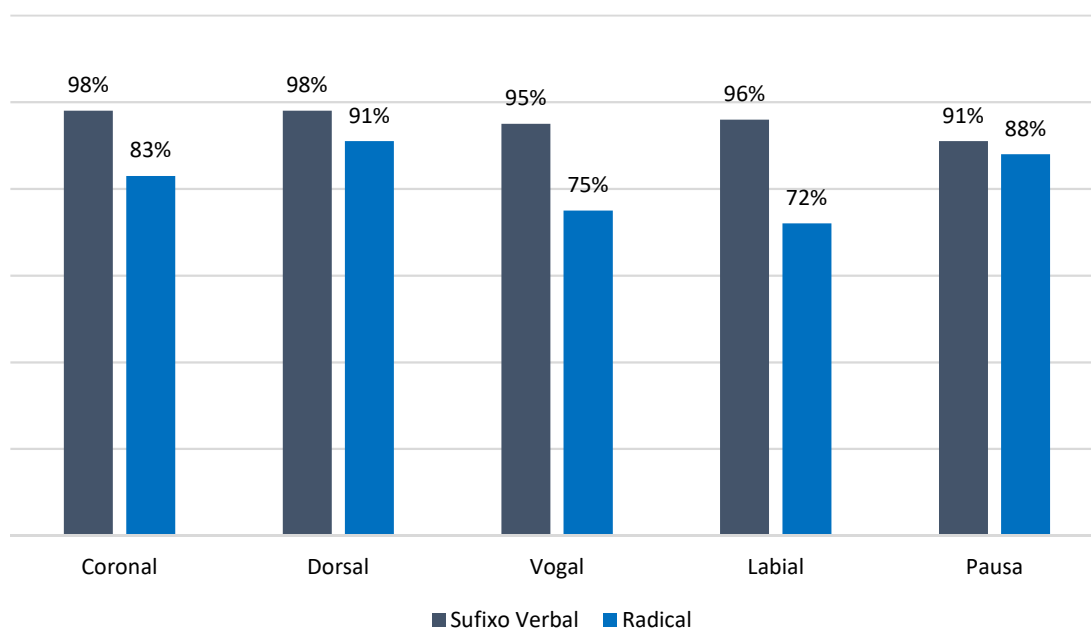
Apresentamos o resultado em dois gráficos: o Gráfico 13 acerca do cruzamento do *contexto fonológico seguinte* ao ditongo /ow/ com relação a *modo de articulação e localização morfológica* do local em que se encontra o ditongo /ow/ (se em *sufixo verbal* ou se em *radical*); e o Gráfico 14 acerca do cruzamento do *contexto fonológico seguinte* ao ditongo /ow/ com relação a *ponto de articulação e localização morfológica* referente ao local em que se encontra o ditongo /ow/ (se em *sufixo verbal* ou se em *radical*).

Não analisamos o fator sufixo nominal, porque quase não obtivemos resultados referentes a este fator em nossos dados, o que nos sugere que haja muito poucas palavras que apresentam o ditongo /ow/ em sufixos nominais, ficando, esse contexto, restrito, talvez, a palavras como *matad/ow/ro* ou *bebed/ow/ro*, que apresentaram, respectivamente quatro e três tokens entre nossos dados.

A partir dos resultados apresentados nos Gráficos 13 e 14 a seguir, discutimos a influência entre a localização morfológica do ditongo e o modo ou o ponto de articulação do contexto seguinte ao ditongo /ow/.



**Gráfico 13 - Localização Morfológica e Modo de Articulação**



**Gráfico 14 - Localização Morfológica e Ponto de Articulação**

Ambos os gráficos mostram que, quando o ditongo /ow/ se encontra em sufixo verbal, independentemente do contexto fonológico que segue o ditongo, o índice de aplicação da regra de monotongação é alto (nenhum inferior a 90% de aplicação). Também em ambos os gráficos é possível percebermos que, quando o ditongo se encontra

em radical de palavra, o índice, apesar de se manter elevado, tende a ser um pouco mais reduzido do que quando o ditongo se encontra em sufixo verbal.

Cabreira levanta uma hipótese para explicar o índice de ocorrências de monotongação elevada entre os verbos entre seus dados. O autor afirma que, como neste caso, o ditongo se aplica em contexto mais proeminente (a sílaba tônica, no caso) a regra é facilmente aplicada, pois é mais facilmente percebida pelo falante. Essa nos parece uma hipótese plausível, uma vez que nos parece possível que o falante nativo consiga perceber que formas verbais como (ele) acabô referem-se à terceira pessoa do singular. Essa hipótese talvez justifique a nossa observação de que a regra de monotongação de /ow/ parece não olhar para informação morfológica contida no sufixo verbal, diferentemente do que acontece com o ditongo /ej/.

No capítulo seguinte, comparamos os resultados obtidos entre os três ditongos, a fim de verificarmos as hipóteses que elaboramos acerca do fenômeno da monotongação para os três ditongos: /ej/, /oj/ e /ow/.

Neste capítulo, apresentamos nossas análises para o fenômeno da monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ em cidades do sul do país que são relativamente preservadoras da vogal média (Flores da Cunha, Chapecó e Curitiba) e em cidades relativamente elevadoras da vogal média (Porto Alegre, Florianópolis e Pato Branco). O próximo capítulo traz a comparação entre os resultados obtidos em cada análise dos ditongos aqui estudados, apresentando nossas considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas envolvidas no processo de monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/, em comparação a estudos já realizados sobre o fenômeno no sul do Brasil, observando convergências e divergências com vistas à melhor interpretação do fenômeno.

No capítulo 1, apresentamos a introdução do nosso trabalho. No capítulo seguinte, revisamos a literatura sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação, descrevemos as Vogais no português brasileiro, apresentamos o contexto histórico acerca dos ditongos orais no português brasileiro, apresentamos algumas análises sincrônicas acerca dos ditongos decrescentes e estudos variacionistas sobre a monotongação no PB, além de estudos sobre a monotongação na região sul do país. No capítulo 3, apresentamos nossa metodologia de trabalho e, no capítulo 4, trouxemos os resultados e as análises.

Buscamos, ao longo desta pesquisa, verificar possíveis correlações entre variáveis linguísticas que condicionam a aplicação do fenômeno estudado. Além disso, buscamos analisar que (e se) variáveis extralinguísticas exercem influência sobre o fenômeno.

Nesta parte do trabalho, portanto, retomamos as questões norteadoras propostas, acompanhadas das respectivas hipóteses que sustentam os objetivos relacionados, confrontando-as com nossos resultados acerca dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/.

1. A monotongação é determinada por fatores linguísticos, por fatores sociais ou por ambos?

Hipótese: o fenômeno da monotongação de /ej/ é determinado, basicamente, por fatores linguísticos, tais como a localização morfológica do ditongo na palavra, a extensão do vocábulo em que o ditongo se encontra e o contexto fonológico seguinte ao ditongo. O fenômeno da monotongação de /ow/, por outro lado, é determinado tanto lexicalmente quanto por variáveis linguísticas, como acento e localização morfológica do ditongo na palavra, à semelhança do que ocorre com /ej/. Por outro lado, a monotongação de /oj/ é um fenômeno puramente lexical.

As principais divergências que observamos em estudos já realizados acerca do fenômeno da monotongação se devem ao fato de que, em muitos casos, esses diferentes ditongos foram analisados conjuntamente, sob a premissa de que a monotongação se configura como um mesmo e grande fenômeno linguístico que os atinge. Fatores

extralinguísticos, como *sexo* e *escolaridade*, por outro lado, exercem muito pouca influência sobre o fenômeno da monotongação, de forma geral.

2. O uso variável dos ditongos decrescentes orais /ej/, /oj/, /ow/ tem alguma relação com a variável localidade no que tange a cidades preservadoras (Flores da Cunha/RS, Chapecó/SC, Curitiba/PR) e a cidades não preservadoras (Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC, Pato Branco/PR) da vogal média?

Hipótese: entre as variáveis extralinguísticas, a que, em nossa análise, acreditamos que exercerá influência, será localidade. A hipótese que exploramos é a de que informantes de cidades preservadoras da vogal média (Flores da Cunha/RS, Chapecó/SC, Curitiba/PR) monotonguem mais os ditongos /ej/, /oj/ e /ow/ do que informantes de cidades não preservadoras da vogal média (Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC, Pato Branco/PR). Esse comportamento poderia ser atribuído a uma suposta convergência geral na fala dos usuários dessas variedades em favor da realização de vogais médias, reduzindo, assim, o ditongo /ej/ para [e] e os ditongos /oj/ e /ow/ para [o].

3. Há alguma influência do contexto morfológico sobre a realização variável dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/?

Hipótese: sufixos que carregam alguma informação morfológica não se sujeitam a monotongação no caso de /ej/ e /oj/ (entrei → \*entre; foi → \*fo), mas monotongam em /ow/ (compro → compro).

O índice reduzido de monotongação em /ej/ e /oj/ deve-se ao fato de a regra olhar para fronteira de morfemas, nesses dois casos. Já o alto índice de monotongação em /ow/, inclusive em sufixos que guardam informações morfológicas, deve-se ao fato de o fenômeno da monotongação, neste ditongo, caracterizar mudança praticamente implementada no sistema do PB.

Na tentativa de respondermos às questões postas e de verificarmos se nossas hipóteses se confirmaram ou não, apresentaremos os resultados, comparando os três ditongos estudados. Com relação aos resultados gerais acerca da monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/, notamos que, aparentemente, os três ditongos apresentam comportamento diferente frente a este fenômeno, conforme exposto nos gráficos a seguir.

O Gráfico 15 apresenta o comportamento distinto entre ditongos/ej/, /oj/ e /ow/ com relação à aplicação geral da regra de monotongação.

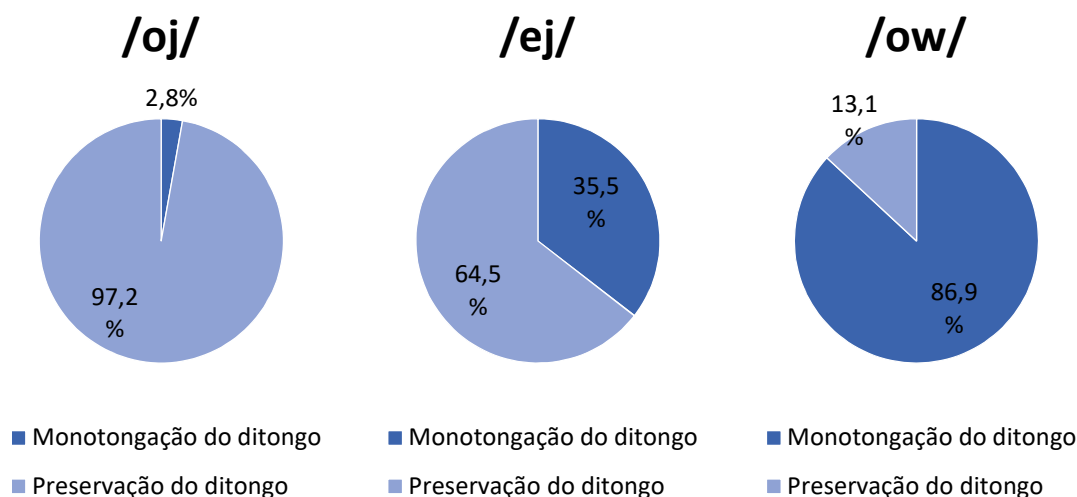


Gráfico 15 – Comportamento geral de monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/.

Os resultados apontados no gráfico nos permitem inferir que, ao investigarmos a monotongação de /oj/, /ej/ e /ow/, estamos estudando três ditongos com comportamentos bastante distintos, ou seja, no que tange à frequência sw monotongação de /oj/, o fenômeno se configura como praticamente categórico para a não aplicação da regra, reforçando nossa hipótese de se tratar de um fenômeno puramente lexical. Já com relação ao ditongo /ej/, a aplicação da regra de monotongação mostra resultados característicos de fenômeno variável, sendo basicamente influenciado por fatores linguísticos. Por fim, os resultados acerca do ditongo /ow/ nos sugerem um fenômeno que se aproxima do categórico para a aplicação da regra, configurando-se como um fenômeno provavelmente determinado por item lexical e por variáveis linguísticas.

As comparações apresentadas a seguir acerca dos resultados obtidos através da análise dos três ditongos objetivam responder à pergunta relacionada aos fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos no fenômeno da monotongação.

Começaremos nossa comparação pela variável Tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo. Nossos resultados apontam que o ditongo /ow/ apresenta maior índice de monotongação quando se encontra em sílaba tônica; já os ditongos /ej/ e /oj/ apresentam maior índice, quando em sílaba átona.

Os resultados referentes ao ditongo /ow/ podem ser explicados em função da provável influência de itens lexicais sobre o fenômeno e também pelo fato de que, entre os 4293 dados de nossa análise sobre este ditongo, 3990 são de *tokens* em que o ditongo /ow/ se encontra em sílaba tônica e apenas 303 são de *tokens* em que o ditongo /ow/ se



encontra em sílaba átona. Entre esses dados, temos *tokens* bastante recorrentes, como é o caso da palavra *outro(s)*, que aparece 727 vezes (e que apresenta o ditongo /ow/ em sílaba tônica).

Já com relação ao ditongo /ej/, o resultado se explica por questões linguísticas. Observamos, por exemplo, que este ditongo, quando em sílaba átona, compõe 556 tokens entre os 5245 dados analisados em nossa pesquisa sobre este ditongo. Destes, muitos não apresentam contexto favorável à monotongação, como é o caso da palavra *prefeitura* (ou *subprefeitura*), que aparece 99 vezes em nossos dados e só é monotongada em três ocorrências.

Com relação ao ditongo /oj/ em sílaba átona, talvez não ocorra índice expressivo de monotongação por influência lexical, bem mais do que por fatores linguísticos. Entre os 3513 *tokens* analisados em nosso estudo sobre este ditongo, encontramos apenas 38 *types*. Desses, apenas nove apresentam índice de monotongação, sendo que os três *types* que apresentaram maior número de *tokens* monotongados são as palavras *pois*, *depois* e *dois*, todas elas tônicas. Dos seis *types* restantes, apenas as palavras *noivou*, *oitocentos* e *coitadinho* apresentam o ditongo /oj/ em sílaba átona, cada uma apresentando apenas uma ocorrência de monotongação.

Nossa segunda comparação apresenta a variável *classe de palavras*. Com relação ao ditongo /ow/, as classes em que a monotongação mais acontece são os *advérbios*, os *pronomes* e os *verbos*. Com relação ao ditongo /ej/, a monotongação é mais recorrente entre os *nomes* e os *numerais*; e com relação ao ditongo /oj/, entre as *conjunções*, os *numerais* e os *advérbios*.

Partindo do pressuposto de que a mudança em /ow/ está praticamente implementada, o que obtivemos acerca dos resultados para este ditongo, na verdade, foi um alto índice de monotongação entre quase todas as classes analisadas, com exceção das *conjunções*, talvez pelo fato de serem monossílabas (contexto desfavorecedor da monotongação entre quaisquer dos ditongos analisados).

Já o índice de monotongação elevado entre os *nomes* e os *numerais*, no que tange ao ditongo /ej/, como nas palavras *cozinheira* e *primeiro*, por exemplo, explica-se pela presença, em muitas das palavras destas classes gramaticais, do sufixo -eiro/eira, favorecedor da monotongação pelo fato de, sempre que esse sufixo se encontra na palavra, o ditongo /ej/ é seguido do contexto fonológico *tepe*, altamente favorecedor da monotongação.

Por fim, com relação ao ditongo /oj/, já mencionamos que obtivemos apenas nove *types* com esse ditongo apresentando algum índice de monotongação, entre eles, as palavras *depois* (*advérbio*), *pois* (*conjunção*) e *dois* (*numeral*). É evidente, portanto, que o índice de monotongação entre essas classes gramaticais deva se mostrar bastante elevado, o que nos leva à conclusão, mais uma vez, de influência lexical na monotongação deste ditongo.

A terceira comparação realizada refere-se à análise quanto à *localização morfológica* do ditongo (se em radical, em sufixo verbal ou nominal). Entre palavras com o ditongo /ow/, obtivemos maior índice de aplicação entre aquelas em que o ditongo aparece em sufixos verbais. Com relação ao ditongo /ej/, o índice de aplicação não se mostrou elevado, mas apresenta índices mais expressivos quando ocorre em sufixo nominal. Já com relação ao ditongo /oj/, a monotongação, apesar de ocorrer de forma bem reduzida, concentra-se no radical.

Como apontamos em nossas hipóteses, os ditongos /ej/ e /oj/ não se sujeitam à monotongação quando se encontram em sufixos que carregam alguma informação morfológica, diferentemente do que ocorre com o ditongo /ow/, que monotonga em praticamente todos os contextos estudados, inclusive quando se encontra em sufixos verbais

O alto índice de monotongação em /ow/, inclusive em sufixos que guardam informações morfológicas, deve-se ao fato de o fenômeno da monotongação, neste ditongo, caracterizar mudança praticamente implementada no sistema do PB.

Já o índice reduzido de monotongação em /ej/ e /oj/ deve-se ao fato de a regra olhar para fronteira de morfemas nesses dois casos. Cabe salientar, contudo, que o índice de monotongação com relação ao ditongo /ej/, quando em sufixo nominal, explica-se em função de a maioria ser compostos da sequência -eiro/eira, como em *cozinheiro* ou *bananeira*, por exemplo. Esse sufixo apresenta contexto favorecedor da regra de monotongação, uma vez que, nele, o ditongo será sempre seguido do contexto fonológico *tepe*, altamente favorecedor da monotongação.

Com relação à extensão do vocábulo, a monotongação do ditongo /ow/ apresenta índices elevados em todos os contextos, embora um pouco mais reduzido entre as palavras monossílabas. Já com relação aos ditongos /ej/ e /oj/, os falantes parecem monotongar mais palavras com maior número de sílabas. Assim como o ditongo /ow/ parece não ser sensível à informação morfológica, parece também não ser sensível à preservação de

material fonético nas palavras, o que faz com que o índice de monotongação entre palavras monossílabas com este ditongo também seja elevado, diferentemente do que ocorre com os ditongos /ej/ e /oj/. Os falantes parecem tentar preservar material fonético e informação morfológica destes ditongos, mantendo a semivogal em palavras como *sei* e *foi*, por exemplo.

Relativo ao contexto fonológico seguinte com relação a modo e a ponto de articulação, observamos que a monotongação de /ow/ ocorre praticamente em todos os contextos, ou seja, haverá a monotongação de /ow/ independentemente do contexto fonológico subsequente. Farias (1957) já havia constatado que o ditongo /ow/ sempre apresentou um uso mais generalizado em relação a outros ditongos, como /oj/, por exemplo. Podemos pensar que, talvez, esse uso mais generalizado tenha levado à implementação da mudança de /ow/ para /o/ antes dos demais ditongos.

Já com relação a /ej/, ocorre índice mais elevado de monotongação quando o contexto seguinte ao ditongo é tepe ou fricativo. Amaral (2005) defende que esses são segmentos que compartilham de um maior número de propriedades fonéticas com a semivogal precedente, o que favorece a regra de monotongação.

A monotongação entre palavras com o ditongo /oj/, por sua vez, é condicionada lexicalmente pelas palavras *pois*, *dois* e *depois*, todas elas com contexto fricativo subsequente à semivogal.

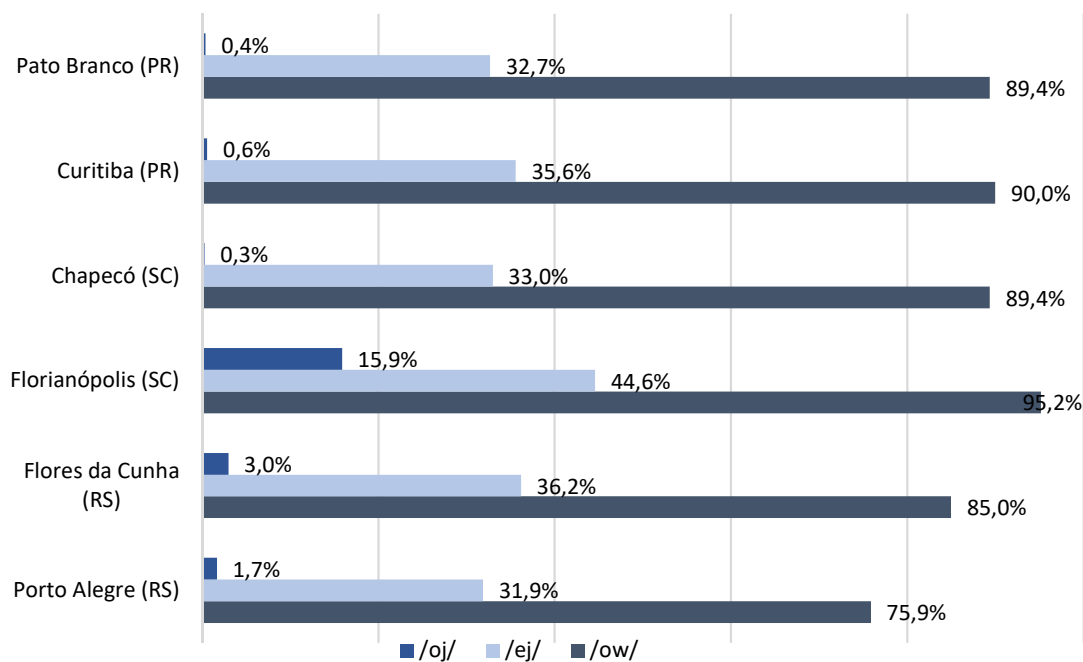
As variáveis extralinguísticas *sexo* e *idade* não exerceram influência significativa sobre a monotongação em nenhum dos ditongos analisados em nossa pesquisa, o que nos leva a concluir que a monotongação, nestes três ditongos, é condicionada por fatores linguísticos.

No que se refere à *localidade*, apesar de uma de nossas hipóteses dizer respeito à possibilidade de o uso variável dos ditongos decrescentes orais /ej/, /oj/, /ow/ ter alguma relação com a variável *localidade*, no que tange a cidades preservadoras (Flores da Cunha/RS, Chapecó/SC, Curitiba/PR) e a cidades não preservadoras (Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC, Pato Branco/PR) da vogal média, essa hipótese não se confirmou para nenhum de nossos ditongos.

Os índices de monotongação entre os falantes de Florianópolis mostraram-se um pouco mais elevados com relação aos três ditongos analisados e um pouco mais reduzidos entre os falantes de Porto Alegre. Entretanto, os índices obtidos, mesmo mostrando diferença, não chegaram a configurar que, de fato, os informantes de Florianópolis

monotongam mais do que os falantes das demais cidades analisadas. Esses mesmos índices também não nos autorizam a afirmar que os informantes de Porto Alegre monotonguem menos.

Apresentamos, a seguir, o Gráfico 16, um panorama da monotongação de /ej/, de /oj/ e de /ow/ na região sul do país.



**Gráfico 16 - Monotongação de /ej/, /oj/ e /ow/ na região sul do país**

É possível percebermos mais nitidamente que a monotongação de /ow/ está praticamente implementada no português brasileiro, a monotongação de /ej/ é um fenômeno variável, e a monotongação de /oj/ é praticamente categórica para a não aplicação da regra de monotongação em todas as cidades analisadas, o que não corrobora nossa hipótese acerca da influência da preservação ou da elevação das vogais médias poderem influenciar no fenômeno da monotongação em ditongos que envolvem essas vogais.

Retomando as hipóteses apresentadas em nosso estudo, pudemos perceber que a Hipótese 1, referente à influência de fatores linguísticos sobre a monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/, se confirma para os três ditongos analisados, ou seja, a monotongação é, de fato, influenciada muito mais por fatores linguísticos, como contexto seguinte, ou localização morfológica do ditongo, do que por fatores extralinguísticos, como sexo, ou localidade. Já a Hipótese 2, referente à possível influência da preservação

das vogais médias /e/ e /o/ sobre o fenômeno da monotongação dos ditongos /ej/, /oj/ e /ow/, não se confirmou, uma vez que há índices elevados de monotongação de /ow/ e índices reduzidos de monotongação de /oj/ entre todas as cidades analisadas do sul do país, sem relação alguma com o fato de os falantes destas localidades preservarem ou elevarem a vogal média. Por fim, a Hipótese 3 foi confirmada, uma vez que os ditongos /ej/ e /ow/ são condicionados por fatores linguísticos, mas que o ditongo /oj/ é condicionado basicamente por item lexical.

A partir das análises feitas nesta tese e de suas considerações finais, sugerimos possíveis pesquisas sobre o tema, a serem consideradas como continuação deste estudo. São elas:

- Análise da monotongação de ditongos decrescentes entre falantes de cidades ainda não estudadas, como muitas das cidades do Paraná que compõem o banco VARSUL.
- Realização de um estudo diacrônico sobre a monotongação dos ditongos decrescentes em nosso país em comparação com a evolução dos ditongos do latim ao português brasileiro.
- Aprofundamento da análise acerca da motivação lexical na monotongação ou na preservação de determinados ditongos decrescentes do português brasileiro.

O espírito dessas sugestões é o mesmo que embasa esta tese: contribuir para o entendimento do fenômeno da monotongação, não somente na região sul do Brasil, mas em todo o seu território.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.B.M. **Dados da Escrita Inicial Indícios da Construção da Hierarquia de Constituintes Silábicos**, 1998. Não publicado.

\_\_\_\_\_. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. R. (org). Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ALLI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1966.

AMARAL, M. Porto de. Ditongos variáveis no sul do Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, set. 2005.

ARAGÃO, M. S. S. Ditongação e Monotongação no falar de Fortaleza. In. **Grafos**. João Pessoa, v. V, nº 1, 2000.

ARAÚJO, M. F. R. de. **A alternância de /ej/~e/ no português falado na cidade de Caxias, Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos de Linguagem, Unicamp, Campinas, 1999.

BISOL, L. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva atual. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224. 1989.

BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 10, nº especial, 1994.

BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, Leda. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BRESCANCINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, C. (Org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRESCANCINI, C. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano-catarinense. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p.34-49.

\_\_\_\_\_. A análise de regra variável e o programa Varbrul 2S. In. BISOL. L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002.

BYBEE, J. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and Change**. Cambridge University Press, n. 14, 2002.

CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CAGLIARI, L. C. **An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese.** 1977. 321 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, Universidade de Edimburgo, Edimburgo, 1977.

CAGLIARI, L. C. **Fonologia do Português:** análise pela geometria de traços. V. 2, Campinas, SP: edição do autor, 1997.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, v. 5, nº 18. Porto Alegre, 1991.

CÂMARA Jr., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARVALHO, S. C. de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

CEDERGREN, H & SANKOFF, D. (1974). **Variable Rules: Performance as a Statistical Reflection of Competence**, *Language* 50:233-55.

CHOMSKY, N. HALLE, M. **The Sound Pattern of English.** Harper & Row, Nova Iorque, 1968

CLEMENTS, G. N. & HJLMSLEV. **The internal organization of speech sounds.** In: GOLDSMITH, J. (ed) *The Handbook of Phonological Theory.* Oxford: Blackwell, 1995.

COELHO, I. L.; NAUMANN, I. M. L. 1994. **A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey] / monotongação.** Anais do I encontro nacional sobre língua falada e ensino, Maceió, 1994. p. 199-206.

COSTA, C. F. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português.** São Paulo: Contexto, 1999.

CRISTOFOLINI, C. **Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística.** Revista da ABRALIN, v.10, n.1, p. 205-229, jan./jun. 2011.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

- FARIA, E. **Fonética Histórica do Latim**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- GOLDSMITH, J. **Autosegmental & Metrical Phonology**. Massachussets: Blackwell, 1990.
- GONÇALVES, C. A. V. **Ditongos decrescentes: variação e ensino**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 1, n.5. Belo Horizonte, 1997.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.
- HAUPT, C. **O fenômeno da monotongação nos ditongos /aj, ej, oj, uj/ na fala dos florianopolitanos: uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- HORA, D. **A monotongação na produção escrita: reflexo da fala**. In: X Simposio Internacional em Comunicación Social, 2007, Santiago de Cuba. Actas I - X Simposio Internacional de Comunicación Social. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, v. I. p. 127- 131, 2007.
- ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo: Ed. Ática, 2008.
- JOHNSON, D. E. Getting off the GoldVarb Standard: introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. **Language and Linguistics Compass**. V. 2, 2008.
- JONES, .**An out line of English phonetics**. 9. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1972 [1918].
- LADEFOGED, P. **A course in phonetics**. New York: Harcout, Brace, Jovanovich, 1975.
- \_\_\_\_\_. **A course in phonetics**. 5. ed. Boston: Thomson Wadsworth, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Phonetic data analysis: an introduction to field work and instrumental techniques**. Malden: Blackwell, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Vowels and consonants: an introduction to the sounds of languages**. 2. ed. Malden, MA: Blackwell, 2005.
- \_\_\_\_\_; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Malden/Oxford: BlackwellPublishers, 1994.



LABOV, W. 2003. **Some sociolinguistic principles**, em C. B. Paulston e G. R. Tucker (eds.), *Sociolinguistics: the essential readings*, Massachusetts, Blackwell Publishing: 234-250.

LEITE, Y.& CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Série Descobrimdo o Brasil, 2002.

LOPES, R. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MENEGHINI, F. **O fenômeno de monotongação em Ibiacá, Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1983.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da Variação**, p. 25, Editora Contexto, São Paulo, SP, 2007.

MORAES, J. A., WETZELS, W. L. **Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português**. Cadernos de estudos linguísticos, Campinas, Unicamp, v.23, 1992.

MOTA, J. **Variação entre /ej/e /e/ em Sergipe**. Estudos (5), p. 119-127, dez., 1986.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NIEDERMANN. **Précis de phonétique historique du latin**. 3. ed. rev. et augmentée. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1953.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)**. 5 ed. Clássica Editora. 1956.

PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos crescentes. In: SILVA, G. M. O., SCHERRE, M. M. P. (Orgs). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Tradução de Maria Luisa Schemann. 2. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1880].

PEREIRA, G. **Monotongação no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

QUEDNAU, L. R. Osditongos do latimaoportuguês. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: PUCRS, n 141, p. 89-99, set. 2005.

RIBEIRO, D. A. S. de B. **O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná**. 1990. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFPR, Curitiba, PR. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24427/D%20-%20RIBEIRO,%20DENISE%20APARECIDA%20SOFIATI%20DE%20BARROS.pdf?sequen=1>. Acesso em: 15 set. 2014.

ROUSSEAU, P. & SANKOFF, D. **Advances in Variable Rule Methodology**, in SANKOFF, D. (org.). *Linguistic Variation: Models and Methodus*. New York: Academic Press, p.57-69

ROVEDA, S. D. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: Português e Italiano**. Porto Alegre, 1998. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo, 1931.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. G. L. **A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de linguísticageral**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST; SMITH. (eds.). **The Structure Phonological Representations** (Part II). Dordrecht Foris. p. 337-383. 1982.

SILVA, E. V. da. **A monotongação de [ej] e [aj] nos falares fluminenses**. Graphos. João Pessoa: UFPB, v. 2, n.1, p. 43-53, jan. 1997.

SILVA, F. S. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, D. (Org). **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Palloti, 2004.

SCHWINDT, L. C. S. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 1981.

TOLEDO, E. E. **A monotongação do ditongo decrescente /ej/ em amostra de recontato de Porto Alegre**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

VEADO, M. A. **Redução de ditongo – uma variável sociolinguística**. Ensaio de Linguística, Belo Horizonte (MG), ano V, n. 9, p. 209-229, dez., 1983.

VIEIRA, M J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIEIRA, M. J. B. Vogais postônicas não finais. In: BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa (Orgs.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 - Tabela de Codificação dos Dados Analisados**

CODIFICAÇÃO		
<b>1. VARIÁVEL DEPENDENTE</b>		
1	monotongo	Ex. peixe ~ pexe
0	ditongo	Ex. touro
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b>		
<b>LINGUÍSTICAS</b>		
2. Tonicidade da sílaba		
<b>T</b>	Tônica	Roubo
<b>A</b>	Átona	Coitado
3. Classe gramatical		
<b>v</b>	Verbo	Enfeitou
<b>s</b>	Não-verbo	Teimoso
<b>p</b>	Palavra funcional	Ou
4. Localidade Morfológica		
<b>R</b>	Radical	Trouxe
<b>N</b>	Sufixo nominal	Pedreiro
<b>V</b>	Sufixo verbal	Pensei
5. Número de sílabas		
<b>m</b>	Monossílabo	vou
<b>d</b>	Dissílabo	leilão
<b>t</b>	Trissílabo	coitado
<b>p</b>	Polissílabo	enfeitado
6. Posição do ditongo na palavra		
<b>&amp;</b>	Fronteira esquerda de palavra	oitentá
<b>#</b>	Fronteira direita de palavra	entregou#
<b>?</b>	Interior da palavra	inteiro
7. Contexto fonológico seguinte*		
<b>p</b>	Plosiva bilabial	Roupa
<b>b</b>	Oclusiva labial	Coube
<b>t</b>	Oclusiva alveolar não vozeada	Leite
<b>d</b>	Oclusiva alveolar	Doido
<b>k</b>	Oclusiva velar não vozeada	Pouco
<b>g</b>	Oclusiva velar vozeada	Manteiga
<b>s</b>	Fricativa alveolar não vozeada	Ressurreição
<b>z</b>	Fricativa alveolar vozeada	Coisa
<b>f</b>	Fricativa labiodental	Coifa
<b>v</b>	Fricativa labial	Noivo
<b>x</b>	Fricativa palato-alveolar desvozeada	Peixe
<b>j</b>	Fricativa palato-alveolar vozeada	queijo
<b>r</b>	Tepe	dinheiro
<b>e</b>	Vogais	veraneio
<b>n</b>	Nasal	Teimoso
<b>#</b>	Pausa	Estou#
<b>R</b>	Velar	Foi roubado
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b>		
<b>EXTRALINGUÍSTICAS</b>		
<b>Sociais</b>		
Sexo		
<b>F</b>	Feminino	
<b>M</b>	Masculino	
9. Escolaridade		
<b>8</b>	primário	
<b>9</b>	secundário	
10. Localidade		
<b>1</b>	Porto Alegre	
<b>2</b>	Flores da Cunha	
<b>3</b>	Florianópolis	
<b>4</b>	Chapecó	
<b>5</b>	Curitiba	
<b>6</b>	Pato Branco	
11. Informante**		
<b>a</b>	1	
<b>b</b>	2	
<b>c</b>	3	
<b>d</b>	4	
<b>e</b>	5	
<b>f</b>	6	
<b>g</b>	7	
<b>h</b>	8	
<b>*</b>		
<b>*Observações:</b>		
a) Após amalgamações, codifiquei o contexto seguinte por modo de articulação (fricativas: x; oclusivas: d; tepe: r; nasal: n; vogal: e; e pausa: #) e por ponto de articulação (labial: b; coronal: d; dorsal: k; vogal: e; e pausa: #).		
b) Codifiquei os 48 informantes por ordem alfabética de <b>a</b> até <b>z</b> minúsculas e de <b>A</b> até <b>V</b> maiúsculas.		

**ANEXO 2 - Tabela de Codificação de Item Lexical e de Ocorrências para /oj/**

<b>Ocorrências de /oj/ e codificação para GoldvarbX</b>					
	<b>CÓDIGO GOLDVARB</b>	<b>Types de /oj/</b>	<b>Tokens de /oj/</b>	<b>%</b>	
1)	a	Coisa(s)	14/1011	1,4%	
2)	b	Foi	4/822	0,5%	
3)	c	Pois	5/55	9,1%	
4)	d	Depois	37/672	5,5%	
5)	e	Dois	34/368	9,2%	
6)	f	Oito	3/156	1,9%	
7)	g	Noite	0/189	0%	
8)	h	Dezoito	0/40	0%	
9)	i	Noivo(a)	1/17	0%	
10)	j	Apoio	0/15	0%	
11)	k	Coitada	1/21	0%	
12)	l	Boi	0/10	0%	
13)	m	Moisés	0/5	0%	
14)	n	Toicinho	0/3	0%	
15)	o	Biscoito	0/3	0%	
16)	p	Oi	0/4	0%	
17)	q	Oitila	0/3	0%	
18)	r	Doida	0/2	0%	
19)	s	Goitacazes	0/5	0%	
20)	t	Boiteux	0/1	0%	
21)	u	Goiaba	0/1	0%	
22)	w	Toigo	0/1	0%	
23)	v	Coice	0/2	0%	
24)	x	Oitocentos	1/6	16,7%	
25)	y	Oitava	0/7	0%	
26)	z	Noitada	0/2	0%	
27)	A	Coisarada	0/1	0%	
28)	B	Coisão	0/2	0%	
29)	C	Coisinha	0/18	0%	
30)	D	Noivei	0/2	0%	
31)	E	Noivinho	ENGANO	ENGANO	
32)	F	Noivou	1/2	50%	
33)	G	Oitenta	0/55	0%	
34)	H	Apoiando	0/3	0%	
35)	I	Apoiava	0/1	0%	
36)	J	Apoiado	0/2	0%	
37)	K	Apoiaram	0/1	0%	
38)	L	Coitadinho	1/4	25%	
39)	M	Boizinho	0/1	0%	
			TOTAL DE DADOS: 3513	100/3513	



**ANEXO 3 – *Types e tokens de /ow/***

<i>TYPES DE /ow/</i>	<i>TOKENS DE /ow/</i>
OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS	727
OU	451
POUCO (POUCA, POUÇOS, POUCAS)	397
POUCO	397
VOU	373
SOU	335
ESTOU	226
DOU	148
FICOU	133
POUQUINHO	111
COMEÇOU	102
OUVIR, OUVIU, OUVIMOS...	80
CHEGOU	65
PASSOU	64
PASSOU	64
ROUPA, ROUPINHA, ROUPAS	66
ROUBO, ROUBAR, ROUBEI...	61
ROUBOU, ROUBAVA, ROUBAR...	61
FALOU	55
ACABOU	38
HOUVE	36
CASOU	35
MUDOU	32
MUDOU	32
TRABALHOU	31
DEIXOU	30
DEIXOU	30
MOROU	24
PEGOU	23

LEVOU	22
LOUVAR	22
TROUXE, TROUXERAM...	21
PAROU	21
TROUXE	21
MELHOROU	17
OUTUBRO	17
DOUTOR, DOUTORES...	17
ESTUDOU	17
LOUCO, LOUCA...	16
CRIOU	16
CRIOU	16
LAVOURA	15
SOUBE	15
GANHOU	14
TENTOU	13
TENTOU	13
POUSAR, REPOUSAR, POUSAVA	13
POUSAR	13
PENSOU	12
TOMOU	10
VOLTOU	11
BOTOU	11
ESTOURO	11
ACHOU	11
CONTOU	10
MOSTROU	10
CONTOU	10
OURO	10
TESOURO, TESOURARIA, TESOUROS...	9

TESOURO	9
FECHOU	9
MANDOU	9
MATOU	8
VOTOU	8
QUEBROU	6
EMPURROU	6
AUMENTOU	6
REPOUSAR, REPOUSO	5
MODIFICOU	3
AFETOU	1
PIOROU	3
COMUNGOU	2
DOBROU	3
ASSASSINOU	2
ESFAQUEOU	2
ATIROU	4
ACERTO	3
ENGASGOU	4
ABORDOU	2
TAMPOU	2
ARRUMOU	6
RENUNCIOU	2
CHOROU	3
GRAVOU	3
FUNCIONOU	1
CONTINUOU	5
PREJUDICOU	5
PIOROU	3
AFIANÇOU	1

RUMOU	7
SIMPATIZOU	1
DESCONFIOU	1
COURO	2
ACENTUOU	1
ESTABILIZOU	1
POUPANÇA	5
CONFISCOU	1
MISTUROU	1
ADIANTOU	1
ESCUYOU	2
OLYOU	7
PROCUROU	7
PERGUNTOU	6
ERROU	7
CUSTOU	2
APRESENTOU	2
ESTREBUCHOU	1
RALOU	1
RODOU	2
AFOGOU	2
INTERESSOU	2
PUXOU	4
CONGELOU	1
MATADOURO	4
TROCOU	3
QUEBROU	6
DOCTRINA	2
BATIZOU	2
ACEITOU	7

ADMIROU	1
AJUDOU	8
COMPLETOU	1
OPTOU	2
TELEFONOU	2
RECUPEROU	1
APAVOROU	2
VASSOURA	5
FARROUPILHA	5
LOURDES	2
INCENTIVOU	2
COMENTOU	4
CONVIDOU	4
LEMBROU	3
CENOURA	1
LOUÇA	3
FORMOU	8
EMBARCOU	1
PRECISOU	7
TELEFONOU	2
CANDIDATOU	2
MANJEDOURA	1
APROXIMOU	1
INICIOU	4
FECHOU	9
ATRAVESSOU	2
CALOUROS	4
BEBEDOURO	3
QUEIMOU	9
REGISTROU	1

CICATRIZOU	1
COMPLICOU	1
SEPAROU	3
INSTALOU	2
ADOTOU	1
CONSCIENTIZOU	2
ACERTOUC	3
DEDICOU	1
VOOU	1
LOURENÇO	7
NAMOROU	5
AÇOUGUE	5
DISPAROU	2
ROUGE	1
ESTRAGOU	4
MONTOU	2
NOUTRA	5
LUTOU	3
COLABOROU	1
PESQUISOU	1
ENCAMINHOUC	1
INFLAMOUC	1
SEGUROUC	1
CABECEOU	1
DESMONTOUC	1
ESTOURADO	2
ESTREOU	1
HABITUOU	2
BENEFICIOUC	1
REBOUÇAS	1

CAVOUCA	2
ATERROU	1
APOSENTOU	2
DESMARCOU	1
SOUZA	3
BRILHOU	1
UTILIZOU	1
HOSPEDOU	2
ARMOU	1
ATRACOU	1
PIFOU	1
ESPALHOU	1
ASSOCIOU	1
DESPERTOU	1
ACREDITOU	1
LECIONOU	1
DESCANSOU	1
ENCERROU	2
FILIOU	2
CARREFOUR	2
CODIFICOU	2
UNIFICOU	1
ACIDENTOU	2
IMPRESSIONOU	1
CONFESSOU	2
COMPENSOU	1
OBRIGOU	2
ACOMPANHOU	2
DERRUBOU	1
DESMANCHOU	1



DEDICOU	1
ANGARIOU	1
EXPLICOU	1
AVANÇOU	1
ACOSTUMOU	1
TORNOU	1
LIGOU	3
INTEGROU	1
BASTOU	1
BRECOU	1
INDICOU	1
ENGATOU	1
ENXERGOU	1
ABRAÇOU	1
ATRAPALHOU	1
INFLUENCIOU	2
ACOMODOU	2
DESANDOU	2
ALOJOU	1
DESANIMOU	1
PLANTOU	2

**ANEXO 4 - Ocorrências de palavras em que o ditongo /ej/ aparece na sequência -eiro**

**Ocorrências de palavras em que o ditongo /ej/ aparece na sequência -eiro**

Arrozeiros	1	Fazendeiro	1
Açougueiro	1	Financeiro	3
Aventureiros	1	Freteiro	1
Bombeiro	7	Galinheiro	2
Bueiro	1	Gaiteiro	4
Barreiros	4	Goleiro	1
Brasileiro	36	Grosseiros	1
Balanceiro	3	Herdeiros	2
Banheiro	15	Inteiro	28
Barbeiro	1	Janeiro	16
Carpinteiro	3	Jardineiro	1
Copeiro	1	Ligeiro	7
Cozinheiro	4	Leiteiro	4
Cruzeiros	22	Latoeiro	5
Conselheiro	5	Medeiros	1
Coqueiros	2	Maneiro	1
Cheiro	10	Marinheiro	3
Cruzeiro	8	Mineiro	2
Cativeiro	1	Maloqueiros	4
Carreiro	1	Olheiro	1
Caroneiro	1	Primeiro	189
Companheiro	5	Pandeiro	3
Cavaleiros	3	Passageiro	1
Caminhoneiro	3	Porteiro	1

Carreteiro	2	Potreiro	1
Cordeiro	3	Pistoleiro	2
Candeeiro	3	Pioneiro	3
Carroceiro	2	Pinheiro	20
Dinheiro	130	Padeiro	2
Domingueiros	1	Ponteiro	2
Empreiteiro	2	Padroeiro	9
Estrangeiro	9	Pedreiro	3
Encanteiro	1	Pesqueiros	2
Engenheiro	15	Poleiro	1
Festeiro	6	Ribeiro	1
Fevereiro	11	Solteiro	17
Ferreiro	1	Sapateiro	2
Sinaleiro	1	Tesoureiro	4
Travesseiro	10	Terreiro	2
Torneiro	2	Terceiro	27
Traseiro	2	Tarefaio	2
Testamenteiros	2	Viveiro	2
Zagueiro	1	85 types	

**ANEXO 5 - Ocorrências de palavras em que o ditongo /ej/ aparece na sequência  
-eira**

Abrasileiraram	1	Esteira	2
Bananeira	1	Empreiteira	2
Brasileira	22	Festeira	1
Besteira	3	Fronteira	13
Bebedeira	1	Ferreira	1
Bandeira	3	Financeira	10
Borradeira	1	Fogueira	3
Bandejeiras	1	Freira	6
Beira	22	Financeiramente	4
Brincadeira	51	Faxineira	1
Banheira	1	Faceira	2
Buraqueira	1	Fruteira	1
Companheira	1	Frigideira	2
Cachoeira	3	Feira	56
Cheirava	2	Feirante	1
Cheirar	1	Geladeira	5
Caieira	1	Grosseira	3
Cabreira	1	Herdeira	1
Cheira	1	Inteira	18
Canasvieiras	2	Lavadeira	3
Costureira	4	Lareira	1
Cadeira	12	Leiteira	2
Cozinha	5	Ligeira	2
Carteira	30	Madeiramento	1

Carreira	7	Mamadeira	1
Caldeira	6	Mangueira	7
Costeira	2	Macieira	2
Caseira	1	Meira	3
Churrasqueira	1	Maneira	49
Capoeira	6	Madeira	5
Cordilheira	4	Medianeira	5
Calheira	1	Moreira	1
Cheirar	2	Madeira	53
Cheirando	1	Noveleira	1
Carvoeira	1	Palmeiras	1
Estrangeira	1	Parteira	1
Enfermeira	4	Peneira	1
Pinheira	2	Verdadeira	5
Prateleira	1	Verdadeiramente	1
Patrulheira	1		
Pesqueira	1		
Pulseira	4		
Padroeira	3		
Parreira	5		
Pitangueira	2		
Paineira	1		
Passageira	3		
Poeira	8		
Pedreira	10		

Parreirais	3
Parreiral	1
Pirambeira	1
Pereira	14
Pinheirais	2
Primeira	79
Quarta-feira	5
Queira	5
Queiram	1
Queiras	1
Segunda-feira	1
Sexta-feira	8
Silveira	1
Solteira	16
Sujeira	5
Siqueira	2
Sinaleira	1
Saladeira	3
Terceira	24
Terça-feira	1
Torneira	5
Tesoureira	3
Tricoteira	1
Vieira	6
113 types	



**ANEXO 6 - Comparação dos Resultados entre os Três Ditongos**

**Comparação dos Resultados Gerais Acerca dos Três Ditongos Estudados**

<b>/ow/</b>	<b>%</b>	<b>/ej/</b>	<b>%</b>	<b>/oj/</b>	<b>%</b>
Input 0,922 Signif 0,005	86,9	Input 0,194 Sign 0,000	35,5	Input 0,007 Signif 0,864	2,8
App/Total – 3731/4293		App/Total - 1862/5245		App/Total –100/2940	
<b>TONICIDADE</b>		<b>TONICIDADE</b>		<b>TONICIDADE</b>	
TÔNICO	87,8	ÁTONO	459	ÁTONO	18,8
ÁTONO	74,9	TÔNICO	34,3	TÔNICO	3,3
<b>CLASSE GRAMATICAL</b>		<b>CLASSE GRAMATICAL</b>		<b>CLASSE GRAMATICAL</b>	
ADVÉRBIO	97,8	NOMES	60,7	CONJUNÇÃO	9,4
PRONOME	92,8	NUMERAL	50,0	NUMERAL	6,8
VERBO	92,5	VERBO	13,3	ADVÉRBIO	5,6
NOMES	75,8	ADVÉRBIO	3,8	NOMES	1,6
CONJUNÇÃO	47,9	-		VERBOS	0,8
<b>LOCALIDADE MORFOL</b>		<b>LOCALIDADE MORFOL</b>		<b>LOCALIDADE MORFOL</b>	
SUFIXO V	95,0	SUF V	4,7	SUF N – KNOCK OUT	-
RADICAL	82,3	RAD	34,0	RAD – KNOCK OUT	-
-		SUF N	89,4	SUF V – KNOCK OUT	-
<b>NÚMERO DE SÍLABAS</b>		<b>NÚMERO DE SÍLABAS</b>		<b>NÚMERO DE SÍLABAS</b>	
DISS	92,1	TRISS	55,4	POLIS	14,3
TRISS	89,7	POLISS	55,3	MONOSS	4,0
POLISS	86,9	DISS	22,3	DISS	3,0
MONOSS	72,7	MONO	1,9	TRISS – (amalg c/ poliss)	-
<b>POSIÇÃO DO DITONGO</b>		<b>POSIÇÃO DO DITONGO</b>		<b>POSIÇÃO DO DITONGO</b>	
DIREITA	94,3	INTERIOR	51,5	INTERIOR	4,4
ESQUERDA	82,2	DIREITA	3,9	ESQUERDA	1,9
INTERIOR	73,8	-		DIREITA	0,6
<b>MODO DE ARTICULAÇÃO</b>		<b>MODO DE ARTICULAÇÃO</b>		<b>MODO DE ARTICULAÇÃO</b>	
LATERAL	95,7	TEPE	90,5	FRIC (ʃzsfvxh)	4,2
PAUSA	90,0	FRC(ʃzsfvxh)	40,0	VOGAL	1,2
VOGAL	89,9	NASAL	6,2	OCL (pbtdkg)	1,0
OCL (pbtdkg)	89,8	PAUSA	6,1	-	-
TEPE	84,3	OCL (pbtdkg)	4,2	-	-
NASAL	81,2	VOGAL	4,0	-	-
FRIC (ʃzsfvxh)	73,9			-	
<b>PONTO DE ARTICULAÇÃO</b>		<b>PONTO DE ARTICULAÇÃO</b>		<b>PONTO DE ARTICULAÇÃO</b>	
COR (dtnʃzszlf)	86,1	COR (dtnʃzszlf)	51,0	COR (dtnʃzszlf)	3,7
DORSAL (kgh)	92,5	DORSAL (kgh)	6,0	DORSAL (kgh)-	-
LABIAL (bpfv)	79,4	LABIAL (bpfv)	3,6	LABIAL (bpfv)-	0,6
<b>SEXO</b>		<b>SEXO</b>		<b>SEXO</b>	
FEM	88,3	MASC	38,2	MASC	4,2
MASC	85,5	FEM	32,5	FEM	3,4
<b>ESCOLARIDADE</b>		<b>ESCOLARIDADE</b>		<b>ESCOLARIDADE</b>	
MENOS > 9	90,6	MAIS < 9	36,4	MENOS > 9	4,4
MAIS < 9	83,0	MENOS > 9	34,6	MAIS < 9	2,5
<b>LOCALIDADE</b>		<b>LOCALIDADE</b>		<b>LOCALIDADE</b>	
FLP	95,2	FLP	44,6	FLP	15,9
CTB	90,0	FLCNH	36,2	FLCNH	3,0
CHP	89,4	CTB	35,6	POA	1,7
PTBC	89,4	CHPC	32,7	CTB	0,6
FLCNH	85,0	PTBC	33,0	PTBC	0,4
POA	75,9	POA	31,9	CHP	0,3